

## 1. INTRODUÇÃO

A Cidade e o Desporto, palavras que acompanham a realização deste trabalho desde o início. Sendo ambas realizações sociais e culturais, influenciam-se mutuamente, alterando-se. O Desporto configura-se como uma “parte do processo de civilização, como elemento da cultura urbana e cidadina” (Bento, 1995, p. 231).

No entanto, demasiadas vezes a Cidade não tem tido para o Desporto o respeito que lhe será merecido. Defende o mesmo autor que “a cidade ainda não é desportiva (...) confirmado todos os dias e sobretudo nos fins-de-semana pelas inúmeras pessoas que procuram nos limites urbanos ou fora deles o cenário de recreação, de ativação lúdica e desportivo-corporal” (p. 236). Verificámos também nós, sob a forma de um comentário de um dos inquiridos “*aqui é só para vir brincar com os miúdos, (referindo-se a um dos Parques estudados) quando vou correr e fazer condição física, todos os Sábados, vou para a Mata...*”. Assim, deve o Desporto de responder às aspirações dos cidadãos, através da composição de uma Cidade que permita cumprir essas aspirações. Parece-nos que os Parques Urbanos respondem a parte destas aspirações. Pela sua composição física, as linhas de água, os relvados amplos, os recantos, cada um cumprindo a sua função, de regulação dos caudais hídricos de superfície, de práticas desportivas informais e finalmente, para os namorados ou leitores recatados, pela sua acessibilidade livre e gratuita, pouco regulamentada. Finalmente, porque permite encontrarmo-nos, com o outro e com a Cidade. Porque é na Cidade que as aspirações se cumprem, porque é ela que as possibilita, legitima e potencia.

Também o Corpo adquiriu novos papéis, novos significados e novas funções, passou a ser objeto de culto, de cuidados, passando para o primeiro plano da vida social, de algo a manter na esfera privada para a afirmação na esfera pública. Assim, aparecem intimamente ligados ao Desporto, conceitos como: estilos de vida ativo; responsabilidade individual sobre a saúde, etc.

Temos do Desporto uma visão lata, apoiada na ideia de prática polissémica e multiforme de Bento (2009). É nesta relação de liberdades que pensamos o Desporto e os Espaços Verdes Urbanos, como elemento fundamental das Cidades. Não se trata de visões higienistas do lado do Desporto, nem de visões naturalistas ou de retorno à natureza, pelo lado dos Espaços Verdes Urbanos. Trata-se somente

de permitir a compatibilização de uma tipologia de espaços, com uma tipologia de usos, potenciando esta relação.

A escolha da temática desta tese vai no sentido de melhorar o entendimento sobre os aspetos ambientais que transformam estes espaços em ambientes convidativos à prática de atividades físicas e desportivas informais, perceber os elementos que os tornam facilitadores da adoção de práticas promotoras dos chamados estilos de vida saudável. E do mesmo modo, perceber os fatores ambientais que os tornam inibidores. Sendo a adoção de estilos de vida saudável, dependente de uma decisão individual a mesma não deixa de ser influenciada pelo ambiente que a contextualiza. O estudo da percepção de fatores ambientais é no fundo perceber como o indivíduo interage com o espaço, melhorando o entendimento sobre o aspeto físico destes no que concerne ao seu potencial de estimulação para a prática de atividades físicas e desportivas.

O presente relatório encontra-se dividido em cinco capítulos, a saber, a presente Introdução, tendo usado, no Enquadramento Teórico e como matriz teórica de análise do espaço social, a obra de Henri Lefebvre, “A Produção do Espaço”, assumindo o espaço social, como composto pelo espaço concebido, vivido e percebido. Deste modo, pensamos ter contribuído para uma melhor sistematização dos conhecimentos e conteúdos passíveis de serem abordados no análise social do espaço. Na Metodologia, descrevemos, o processo relativamente aos locais onde realizámos o inquérito, através da descrição dos mesmos, acentuando as suas diferenças, o processo para a constituição da amostra e definição da mesma e a apresentação do inquérito aplicado sobre a forma de um modelo de análise desagregado. No que se refere à análise e discussão de resultados e sendo este um estudo comparativo, para além da descrição dos resultados de forma global, incidimos a nossa análise na comparação dos resultados dos dois Parques, através da verificação da influência dos variáveis sociodemográficas, nos resultados da escala de auto percepção e do próprios espaços em estudo. No final apresentamos breves conclusões, respondendo às perguntas de partida, analisando os resultados tendo em atenção, as hipótese de estudo colocadas e uma reflexão final, para além do objeto de estudo apontado.

## **1.1 Objeto de estudo**

De que forma é percebido o ambiente físico e sociocultural pelos utilizadores de espaços verdes urbanos, identificando e comparando os fatores ambientais inibidores e estimuladores de práticas físicas em espaços diferenciados.

## **1.2 Objetivo Geral**

Identificar e comparar as formas de utilização e os fatores ambientais determinantes para a prática da atividade física dos utilizadores de dois Parques Urbanos, com características diferenciadas.

### **1.2.1 Objetivos específicos**

- a. Identificar as características sociodemográficas dos inquiridos;
- b. Caracterizar a ocupação dos parques segundo as atividades realizadas e os motivos para a utilização;
- c. Analisar a perceção dos utilizadores sobre o ambiente físico existente no parque considerando as características sociodemográficas.
- d. Identificar a perceção dos utilizadores sobre o ambiente existente nos parques em relação aos facilitadores e inibidores para a realização de atividades físicas, comparando o resultado de ambos os espaços;

## **1.3 Questões a Investigar:**

- a. Quais as características demográficas das pessoas que frequentam os parques?
- b. Quais os motivos que levam as pessoas a frequentar os parques?
- c. Quais as atividades mais realizadas pelas pessoas que frequentam os parques?
- d. De que forma os utilizadores percebem as características ambientais físicas e socioculturais existentes no parque que podem facilitar ou impedir a realização de atividades físicas?
- e. Qual a relação entre perceção do ambiente para a realização de atividades físicas e desportivas e as características sociodemográficas?
- f. Como se diferenciam os frequentadores ativos e não ativos quanto à perceção dos fatores (des) favoráveis à realização de atividades físicas e desportivas?

- g. Que relação entre a percepção do ambiente para a realização de atividades físicas e realização de atividades físicas e desportivas e o tipo de atividade?
- h. Que relação entre a percepção do ambiente para a realização de atividades físicas e desportivas e os motivos de deslocação ao parque?
- i. Como se diferenciam as percepções dos frequentadores de dois parques com características ambientais diversas quanto à realização de atividades físicas e desportivas em ambos os espaços?

## 2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

### 2.1 O Espaço Social

O termo “espaço verde urbano”, analisado palavra a palavra, coloca uma dificuldade de análise maior no termo espaço, sendo que verde e urbano, nos remete facilmente para a existência física de elementos naturais dentro da Cidade (urbe). Assim, pareceu-nos que o termo “espaço” necessita de uma abordagem inicial mais cuidada, tanto mais porque sendo um espaço onde ocorrem práticas sociais de lazer, não só temos a necessidade de definir espaço, mas também espaço social.

O conceito de espaço é relativamente recente, sendo até relativamente pouco tempo referente, à ideia de espaço euclidiano, geométrico e vazio, no sentido em que existia para além e independentemente do que ocorre no mesmo. Parece-nos importante, assim, enquadrar devidamente esta questão: O que é o Espaço? O que é o espaço Social? Como se estuda o Espaço Social?

Socorremo-nos da obra de Henri Lefebvre, a *Produção do Espaço* (1974), obra com um importante contributo para a melhoria do entendimento mais global da relação do espaço com a cultura contemporânea (Silvano, F., 2010). Lefebvre, resgatando a análise marxista, lança-se na pretensão da criação de uma ciência do espaço. Refere o autor que esta ciência terá necessariamente de representar o uso político do conhecimento, implicando uma ideologia que esconda esse uso político, e que a mesma personifica uma utopia tecnológica. Desta forma, uma ciência prática do espaço urbano é, ao mesmo tempo e na sua essência, uma teoria da mudança social.

Uma das ideias fundamentais, implica a alteração do *focus* de análise do tempo para o espaço. Pretendendo “deslocar o centro da organização do saber das ciências sociais (...) esta implica necessariamente uma nova conceção do espaço, mais complexa e abrangente, que lhe permita impor-se enquanto objeto esclarecedor do conjunto de fenómenos da sociedade” (Silvano, 2010, p. 46). Avança, assim, com a formulação de uma teoria unitária, identificando a necessidade de unir e articular espaços até aqui separados, como o espaço físico, o mental e o social. Para isso, Lefebvre começa por eliminar a distância entre o *espaço ideal*, relacionado e dependente de categorias mentais e lógico-matemáticas

e o *espaço real*, o espaço das práticas sociais. Lefebvre recorre, assim, ao conceito de produção, ao ato de produção, sendo este o centro da sua reflexão. Sendo o espaço produzido por fenómenos sociais é então um produto social, que se reproduz à imagem do contexto social em que se insere. O Espaço (Social) é um Produto (Social). Desta maneira, observar o espaço significa observar as práticas sociais que o constituem. É assumido, então, que o espaço social reproduz as forças sociais, as dinâmicas e as relações de poder que ocorrem e interagem na sociedade. Deste modo, o Espaço deixa de ser olhado como um produto acabado, inquestionável, que se usa submissamente, para algo alvo de intervenções, forças dinâmicas, onde as lutas, os fluxos e as ideias se expressam. O autor refere duas implicações fundamentais à sua afirmação de que o Espaço Social é um Produto Social. O desaparecimento do espaço físico natural e de que cada sociedade (modo de produção) produz o seu próprio espaço.

Interrompemos aqui a linha de raciocínio de Lefebvre, por nos parecer importante trazer neste momento, os espaços em estudo (espaços verdes urbanos) à discussão. Parte do “argumentário” político relacionado com o aparecimento e a criação de espaços verdes nas Cidades, que a própria Cidade destruiu e engoliu com o crescimento que se lhe reconhece nos últimos dois séculos, assenta neste reconhecimento de que o espaço físico natural desapareceu das Cidades, reconhecendo-lhe importância para a melhoria da qualidade de vida das populações. Por outro lado, os espaços em estudo (Parque da Paz/ Almada e Parque da Cidade/ Barreiro) parecem refletir exatamente o que Lefebvre chama de modo de produção e de que cada sociedade produziria o seu espaço em função deste. Abordaremos esta questão mais tarde, tentando perceber se os dois espaços em questão refletem dois modos de produção diferentes ou se o mesmo modo de produção se expressa através do desenho do arquiteto, de maneira diferente.

O espaço social teria, então, de conter sítios, locais, espaços para as *relações sociais de reprodução* (Família) e espaço para as *relações de produção* (Trabalho). Com o advento do capitalismo, ou mais exatamente do “moderno” neocapitalismo, esta situação altera-se complexificando-se substancialmente. Assim, três níveis interdependentes aparecem: a *reprodução biológica* (Família), a *reprodução da força de trabalho* (Classe dos trabalhadores) e a *reprodução das relações sociais da*

*produção* (relações constituintes do Capitalismo). “*As for representations of the relations of production, which subsume power relations, these too occur in space: space contains them in the form of buildings, monuments and works of art*”. (Lefebvre, 1974, p. 33). Daqui emerge uma tríade conceptual:

» A **Prática Espacial**, englobando a produção e a reprodução dos lugares e dos conjuntos próprios de cada formação social. Esta assegura continuidade e um certo grau de coesão. A coesão da prática social, também em termos da relação dos indivíduos com um dado espaço é garantida por uma dada competência e performance. A competência e a performance de um dado membro só poderá, segundo o autor, ser avaliada empiricamente, pelo que, dentro do *espaço percebido*, existe uma associação entre a realidade diária e a realidade urbana, entre as ações e os espaços.

» As **Representações do Espaço**, ligadas às relações de produção e à ordem que estas relações impõem e relaciona-se com o conhecimento, com símbolos e códigos. Refere-se à prática de planificadores, urbanistas e outros técnicos, mas também dos artistas. O *espaço concebido*, dominante nas sociedades.

» Os **Espaços de Representação**, incorporam simbologias complexas e relacionam-se com a experiência vivida e o quotidiano. É o espaço dos habitantes e dos utentes. Este é o espaço dominado, que a imaginação tenta mudar e apropriar.

*“Like all social practice, spatial practice is lived directly before it is conceptualized; but the speculative primacy of the conceived over the lived causes practice to disappear along with life, and so does very little justice to the unconscious level of lived experience per se.”* (Lefebvre, 1974, p. 34)

É assim, sob a tríade do **percebido, concebido e vivido** que nortearmos o nosso trabalho. A comparação entre duas conceções de espaço e a relação entre o percebido e o vivido, em cada um deles.

Todavia, outros aspetos do trabalho de Lefebvre, gostaríamos de aqui salientar. Sendo o espaço um produto, não é um produto acabado, imutável, pelo contrário, esta produção é mais um processo contínuo, com avanços e retrocessos, adaptações, etc. Sendo, um processo, relaciona-se com o tempo e este com a

história. Daí que cada sociedade produza o seu próprio espaço. Nesta discussão entre o espaço ser um produto (acabado) ou um trabalho (processo), são realçados dois aspetos. Um dos aspetos avançados, relativamente aos espaços das cidades modernas é a repetibilidade e o carácter visual dos mesmos. Defende o autor que a prática de urbanistas e arquitetos (macro e micro) na Cidade criou uma repetibilidade visual, eliminando o carácter único, diverso e espontâneo, que por exemplo, a natureza possui. Espaços repetitivos são o resultado dos gestos repetitivos dos técnicos, associados aos instrumentos de reprodução de trabalho. Assim, algo que é reproduzível e resultado de ações repetitivas, não deverá ser considerado um trabalho, mas sim, um produto. O outro aspeto, o incremento, cada vez maior, de um carácter visual dos espaços, serve, segundo o autor, exatamente para esconder a repetibilidade. Desta forma, os espaços sociais nascem da matéria bruta, que é a Natureza, formados por uma atividade que envolve a economia e a técnica, mas que vai para além desta, pois estes espaços são também produtos políticos e espaços estratégicos. Assim, o espaço social é uma pré-condição e um resultado da existência e ação de superestruturas sociais. *“The State and each of its constituent institutions call for spaces – but spaces which they can then organize according to their specific requirements”* (Lefebvre, 1974, p. 85). Este aspeto parece-nos extremamente importante, tanto mais, que os espaços em estudo, são produtos de uma ação política local (Governo da Cidade), assumidos ambos, como os “Parques da Cidade” (ex-libris), onde são depositados valores, pretensões, elementos arquitetónicos, supostamente representativos da Cidade e do Poder que os construiu.

Outra reflexão que achamos apropriada aqui trazer, tem a ver com o facto de o espaço, para ser discernível, ter de ser ocupado. O que ocupa um espaço social, na opinião de Lefebvre? O Corpo. Temos assim, um Corpo que se produz no Espaço e produz, ele mesmo, o seu Espaço. Um Corpo Espacial!

*“A Body so conceived, as produced, and as the production of a space; is immediately subject to the determinants of that space”* (Lefebvre, 1974, p. 195) *“(…) this body produces and reproduces – and it perceives what produces and reproduces. Its spatial properties and determinants are contained within it.”* (Lefebvre, 1974, p. 199).

Um Corpo que se produz no Espaço, produzindo ao mesmo tempo o seu espaço, ainda que sujeito às determinantes desses mesmos espaços. Um Corpo, que ao adotar uma certa prática espacial (correr num Parque Urbano), transforma o seu Corpo, num Corpo Desportivo, transformando o espaço indiferenciado de um espaço verde urbano, num espaço desportivo, ainda que sujeito às condicionantes de conceção desse mesmo espaço.

Alarguemos então a análise de Lefebvre para além da “Produção do Espaço”, ainda que tentemos limitar a análise aos espaços públicos, aos parques urbanos e espaços de natureza similar. O desenvolvimento da cidade, a expansão urbana verificada após a 2ª Guerra Mundial, cunhada pelo neocapitalismo com cariz neoliberal, teve como resultado a “exploração social dos espaços”, sendo que “o valor atribuído às relações de troca supera o valor atribuído ao desfrute” (Maluf, 2008, p. 73). Refere a mesma autora que sendo “o Lazer uma conquista da classe operária na forma de um direito atribuído (...), acabou apropriado pela classe dominante e explorado em função de sua capacidade de prestar-se à reprodução do modelo capitalista” (p. 73). Os espaços de ócio criados para distrair os operários enquanto recuperavam a sua força de trabalho, foram sendo substituídos pelos vulgarmente conhecidos, espaços de consumo, mas também e concomitantemente como sendo espaços de controlo, espaços de dominação. Neste caso, *“inclui-se o espaço global como um instrumento de produção e suas qualidades, como produto; pois, na medida em que as classes subalternas não têm o domínio dos instrumentos de produção (incluindo os espaços), não conseguem ter acesso à qualidade e, tampouco, ao tempo para usufruí-la”*. (Maluf, 2008, p. 80) Os espaços, sendo de consumo para uns, são espaços de trabalho para outros. Os espaços de lazer passam então a possuir características físicas próprias de um espaço de produção. Sendo clara a tendente transformação de utilizadores em clientes, também claramente se explica o desinvestimento em espaços de puro lazer ou ócio que não reproduzam claramente o modo de produção capitalista. *“Os Parques Públicos e as Praças que constituem os chamados espaços de consumo não produtivos e, pelos quais ninguém paga pelo seu uso, possui poucos investidores (...). (...) limita-se a promover a inserção de pequenas áreas verdes, muitas vezes sobras, de um desenho urbano casual, ou a delimitação de parques urbanos (...) que exigem*

*menor investimento de implantação e manutenção(...)*” (p. 74). Lefebvre refere a este propósito, no seu livro “A Revolução Urbana” que os espaços verdes nas cidades modernas são “*símbolos cuja presença marca a ausência*” (Ouriques, 2001, p. 73). Ainda voltando ao aspeto do suposto carácter “livre” dos espaços públicos e do seu uso. Será que um espaço produzido dentro de um dado modo de produção é livre desse mesmo modo de produção. Maluf (2008, p. 81) perentoriamente afirma, ser impossível construir espaços livres dentro de políticas estratégicas, pois estas presumem uma predefinição de usos no espaço. O “*espaço apropriado*” “*tem sempre como antítese às relações de produção e de propriedade (troca) a ele inerentes, o espaço de ócio*”.

Percebe-se, porém, ainda que timidamente e de forma imprecisa, uma mudança de valores induzida pelo surgimento de uma nova consciência (Maluf, 2008), com valores ligados ao usufruto e à qualidade dos espaços públicos. No dizer de Lefebvre, em “A Revolução Urbana” o tempo da sociedade urbana, onde o “Urbano em processo de constituição, seria o espaço-tempo da fruição, da superação da vida quotidiana alienada” (Ouriques, 2001, p. 74). O mesmo autor refere a necessidade, repetidamente referida por Lefebvre, da inversão da dominação do valor de troca sobre o valor de uso.

## **2.2 O Espaço Concebido**

### **2.2.1 Dimensões de saúde**

A saúde pode ser vista numa perspetiva global, incluindo o individuo no seu envolvimento social e cultural. A definição de saúde pela positiva foi inaugurada em 1946, pela Organização Mundial de Saúde, considerando que esta “é o estado de completo bem-estar físico, mental e social, não sendo apenas a mera ausência de doença.” (Pereira *et al*, 2006, p. 20) Esta definição foi ainda atualizada em 1986, através da adoção de uma visão holística, podendo identificar-se diversas dimensões de saúde.

Num modelo adaptado de Naidoo e Wills, e Ewles e Simnett, apresentado por Pereira *et al* (2006), (Ilustração 1) as dimensões de saúde são apresentadas como círculos que envolvem a vida individual exercendo influências sobre esta. Deste modo, aparece a dimensão de saúde ambiental. Assim, decisões relativas ao meio

ambiente físico e social, legislação e regulamentação sobre poluição, direitos, equidades ou discriminação, etc., compõem esta dimensão.

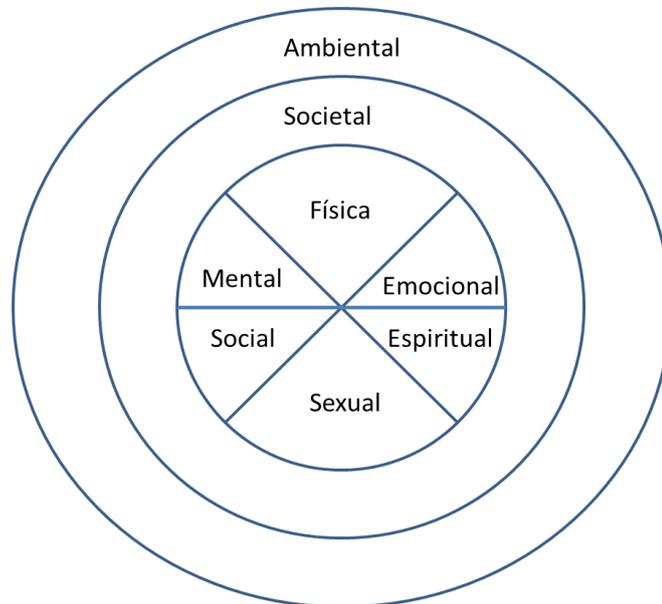


Ilustração 1 – Dimensões de Saúde

Em 1974, o Ministério do Canadá apresentou um relatório onde apresenta o modelo sobre determinantes de Saúde. Entendido como um dos fatores passíveis de influenciar a saúde dos cidadãos, o ambiente passou a ser entendido como uma determinante da saúde, a par da Biologia humana, dos estilos de vida e do sistema de saúde (Pereira *et al*, 2006). Neste relatório é apresentada a contribuição relativa de cada um das quatro determinantes para os níveis de saúde pública. Assim, os estilos de vida e o meio ambiente contribuem no total com aproximadamente 75% para os níveis de saúde pública, sendo as despesas associadas a estas determinantes de cerca de 15%. Por aqui se percebe o investimento feito na lógica dos estilos de vida e na responsabilidade individual sobre a saúde. No entanto, os poderes públicos não ficam arredados desta problemática, pois a mudança do ambiente físico nas nossas cidades não é uma responsabilidade individual, mas sim coletiva.

### 2.2.2 O Papel do Ambiente na Promoção da Atividade Física e desportiva

Têm sido usados diversos modelos na abordagem dos fatores ambientais com a atividade física. Estes modelos, que se baseavam na análise do indivíduo, têm evoluído para modelos mais abrangentes, como sejam os modelos cognitivos, ecológicos ou outros. “O fracasso das estratégias focadas no indivíduo, juntamente com a dimensão global do problema da inatividade física, tem contribuído para um interesse crescente dos investigadores pelo estudo das variáveis ambientais associadas à participação regular em atividades físicas” (Tendais, 2006, p. 79).

Na Teoria da Aprendizagem Social, também Bandura “postula que as variáveis do ambiente, indivíduo e comportamento interagem reciprocamente (...) O grau de influência de cada um destes fatores varia em função dos indivíduos, atividades e circunstâncias” (Tendais, 2006, p. 82). Para Owen a atividade física poderá ser determinada principalmente por fatores ambientais, uma vez que estes parecem facilitar ou inibir de forma significativa este comportamento (Tendais, 2006, p. 83). É sobre esta premissa que assenta o nosso trabalho. Trata-se de identificar quais os fatores ambientais e inibidores, de modo a que a intervenção sobre o ambiente resulte num aumento tendencial da adoção de práticas físicas e desportivas, no caso, nos espaços verdes urbanos.

### 2.2.3 A Cidade “Desportiva” e os Espaços Informais

Num plano mais “macro”, é a própria Cidade que se deve transformar num ambiente que propicie a prática de atividades físicas em espaços informais ou indiferenciados. Recuperamos aqui, algumas reflexões de Bento (1995), a propósito deste assunto. Refere este autor, que a Cidade tem tido com o Desporto, uma relação de conflito e de alguma maneira paradoxal, “de algo estranho e marginal na Cidade, quando não clandestino, é escorraçado para a periferia, evidenciando exemplarmente o conflito urbanização-natureza” (1995, p. 232). A Cidade desportiva reflete “a cidade da qualidade de vida e do lazer, com habitat natural para o “*homo ludens*”, para o “*homo sportivus*”, para o “*homo humanus*”. Com oportunidades e espaços lúdicos e desportivo-corporais disseminados naturalmente e não como prótese implantada no plano urbanístico” (1995, p. 232). Tem a Cidade de se compatibilizar com a pessoa, para que esta se sinta bem nela. Sendo que esta

peessoa, são, na verdade, várias pessoas: a criança, o jovem, o adulto e os idosos. Em cada uma destas existem necessidades, anseios e expectativas diferenciadas, pelos que os espaços citadinos deverão refletir e albergar tudo isto. A Cidade Desportiva emana do direito ao desporto, reforçada pela ideia de “Desporto para Todos”. *“Tal como hoje se apresenta, a Cidade é um fator limitativo da realização do objetivo social do desporto para todos. (...) Não obstante o desporto, ser um dos símbolos de uma sociedade urbanizada, o crescimento das cidades não tem sido acompanhado de um aumento dos equipamentos desportivos tradicionais, da organização da população em clubes desportivos, das possibilidades de prática do desporto, entendido como cultura motora, lúdica e corporal”* (1995, p. 236).

A partir daqui, Bento desenvolve aquilo que chama de parâmetros da cidade desportiva, apresentando alguns critérios para uma avaliação das necessidades de espaços desportivos. A implicação ecológica, o entendimento lato do desporto e o cenário desportivo, são critérios que desenvolvemos sumariamente: a implicação ecológica, como um convite à reflexão integrada sobre as dimensões da educação, saúde, recriação e cultura; o entendimento lato do desporto exigindo um espectro mais alargado de espaços desportivos; e o cenário desportivo, que hoje é expressão da tendência de levar o desporto para o espaço aberto, para o ar livre, para a natureza. Assim, a espaços como os estádios adicionam-se as ruas, praças e espaços verdes, mas também, florestas, mares, lagos e rios.

No desenvolvimento destas ideias, sugere o autor a análise segundo planos, em que os espaços se dividem entre: o plano dos espaços informais; dos espaços formais; e do espetáculo desportivo. Atentemos sobre o primeiro plano, o dos espaços informais. Trata-se de pensar a cidade de forma holística, ecologicamente, integrando a cidade e o desporto, como *“elemento da vida e da cultura do quotidiano”* (1995, p. 238). É que a cidade, pela sua expansão e inclusão de objetos estranhos, mas que rapidamente conquistaram a cidade, como o automóvel, se incompatibilizou com a pessoa. A falta de espaços de recreio e lazer, de ocupação do tempo livre, para o jogo e para o movimento, para a saúde ou para a condição física, ou seja, *“para o sistema lato de ações desportivas, não apenas impossibilita a satisfação da necessidade fundamental de movimento”* (1995, p. 238) como compromete a sociabilidade que daqui resulta. É necessário então, que ao nível do

planeamento urbano, estes equipamentos, sejam tidos como centrais e não como um qualquer acessório urbanístico. A paisagem urbana tem assim de refletir as necessidades destes espaços, através de planos de ordenamento da cidade, ou pela estipulação de rácios (m<sup>2</sup> área verde/ habitante). Como defende o mesmo autor, *“a reintrodução e recuperação da atividade corporal no processo de vida quotidiana pede uma melhoria das zonas residenciais no tocante às possibilidades lúdicas e desportivo-motoras que albergam”*(1995, p. 239).

#### 2.2.4 Contribuição dos Espaços Verdes Urbanos para uma Cidade Saudável

O acentuado aumento da taxa de urbanização, verificado nas últimas décadas em Portugal, tem sido responsável pela pressão sobre o sistema urbano (ambiente). A resposta baseia-se numa noção de sustentabilidade urbana, de que os espaços verdes fazem parte integrante e estruturante e que, para além de outros benefícios indiretos, será um dos elementos que mais contribui para a qualidade de vida urbana (Fonseca *et al*, 2009). Os espaços verdes são um fator determinante para o bem-estar da população que habita as áreas urbanas, aos mais diversos níveis e cada vez mais, são objeto de preocupação, quer ao nível legislativo, quer ao nível da implantação nas urbanizações. Assim sendo, os espaços verdes tendem a ser cada vez mais uma constante nas áreas urbanas, e em maior ou menor escala, fazem parte da vida quotidiana do cidadão.

Os espaços verdes urbanos são espaços ideais de enquadramento residencial, os quais dão um forte contributo para a qualidade de vida urbana, para o bem-estar, descontração, lazer e prazer estético. São ainda uma possibilidade de contacto com a natureza e permitem um ambiente mais saudável.

Temos assim como fundamental, a identificação das características ambientais que podem influenciar os índices de condição física das populações e a forma como podem ser medidas e monitorizadas. “De facto, as características do espaço urbano, nas suas múltiplas dimensões, e as práticas de ordenamento e planeamento do território podem afetar positiva ou negativamente o bem-estar e a saúde das populações, sendo tão ou mais importantes do que as características dos indivíduos para a compreensão das questões de saúde”. (Santana *et al*, 2010, p. 5)

A oferta de Espaços Verdes Urbanos (EVU) seguros, limpos e confortáveis têm impactos na saúde, medidos de forma direta, através do estado de saúde autoavaliado e longevidade e, de forma indireta, através da melhoria da qualidade ambiental. Por exemplo, a proximidade dos EVU às áreas residenciais contribui para a melhoria da qualidade do ar, atenua o efeito da poluição e a “ilha de calor urbano” e proporciona aos residentes um ambiente físico que incentiva a prática de atividade física, incluindo a marcha (Santana *et al*, 2010). Mas não só, outros benefícios, nos domínios ambiental, social e económico, serão relevantes. Na regularização do ciclo hidrológico, na redução do nível de ruído da cidade ou na redução da velocidade do vento. No plano social, a complementaridade aos antigos espaços públicos de convívio, como eram as ruas e as praças. No plano económico, poder-se-á apontar as mais valias fundiárias, resultantes da valorização ambiental ou, de forma mais indireta, a melhoria da eficiência energética ou a melhoria dos níveis de saúde dos habitantes (Fonseca *et al*, 2009).

Numa tentativa de identificar as características ambientais, que contribuem para transformar os espaços num ambiente potencialmente obesogénico, Santana (2008) identifica algumas características, como sejam, a relação entre a privação de equipamentos sociais e peso excessivo, assim como a disponibilidade de equipamentos desportivos, se associa negativamente com o Índice Massa Corporal (IMC). A disponibilidade de equipamentos (desportivos, de lazer e recreação) diversificados e a provação material, condicionam a prática de atividade física, devendo concluir-se que “intervenções dirigidas ao aumento da disponibilidade de equipamentos e redução das iniquidades socioeconómicas devem ser implementadas (...). Fazendo ainda referência à necessidade dos espaços para este tipo de equipamento, como parques, outros espaços verdes, ciclovias, etc. terem de ser contemplados ao nível da forma, do desenho urbano, da arquitetura da própria Cidade, mas também ao nível dos instrumentos de planeamento territorial.

Noutro estudo da mesma autora (Santana, 2010) conclui-se que a utilização dos EVU é determinada pela acessibilidade geográfica, pela estética, pela existência de sinalética e iluminação, mas, sobretudo pela perceção de segurança. Verificou-se, ainda que estes “lugares” funcionam como compensadores de condições

precárias de habitação, favorecem a convivência entre diversos grupos e estimulam o sentimento de pertença a um local, ao Lugar.

Por outro lado, Costa *et al* (2009) identificou a relação entre a prática de atividades físicas, com o estado de saúde autoavaliado. Deste modo, a disponibilidade de EVU próximos da residência, potenciando a prática de atividades físicas e desportivas, revela-se um fator fundamental na melhoria da qualidade de vida da população.

#### 2.2.5 Os Espaços Verdes Urbanos (EVU) – contexto e definições

Os Parques urbanos têm sido valorizados como contexto de vários lazeres, possibilitando a relação entre o Homem e a Natureza. Assim, o aumento da oferta de parques e espaços verdes tem vindo a ser valorizado como uma importante estratégia para o aumento da prática de exercício físico por parte da população.

O Parque remete-nos para o “irresolúvel desejo de reconciliação com a Natureza.”. No entanto, não é Natureza, mas perspectiva cultural do ideal, a Natureza é rude, o Parque é “uma Natureza cultural, civilizada, arquitetada, confortável e bela – uma Natureza ideal. (...) Desenvolve na cidade a mais pura antítese da natureza bruta porque, referindo-se a ela diretamente, invoca o seu imaginário e cria um espaço natural simbólico e sublimado.” (Pardal, 1997, p. 3).

Enquadramos os espaços verdes urbanos, na função de Lazer de uma Cidade, sendo de todos os elementos urbanos, aquele que mais se afirma independente do contexto urbano que o rodeia.

Numa adaptação aos trabalhos de Moles e Rhomer, Rodrigues (2006) classificou os Espaços de Lazer da seguinte forma:

- Lazer domésticos (Residência)
- Lugares de lazer do quotidiano imediato (Bairro)
- Territórios de lazer periurbanos (até 50 km)
- Espaços turísticos aureolares

Os espaços verdes de acordo com a sua integração na dinâmica urbana podem ser classificados dicotomicamente como:

- » Privados ou Públicos
- » Naturais (residuais?) ou Planeados

- » Pontuais ou Lineares e contínuos (“corredores urbanos”)

Cruz Lopes (2009) propôs uma outra tipologia de EVU, em termos de grandes grupos, a saber:

- » EVU em Mancha e de valor histórico e de cultura urbana;
- » EVU linear;
- » EVU de âmbito sectorial e de equipamento social e
- » EVU associado a áreas de REN, RAN e Hortas Urbanas.

#### 2.2.6 Estrutura Ecológica (EE) – Estrutura verde

A delimitação da EE tem por base estudos de interpretação ecológica e cultural da Paisagem e integra as condicionantes legais que fazem parte do Plano Diretor Municipal: Reserva Ecológica Nacional (REN), Reserva Agrícola Nacional (RAN) e os Habitats da Diretiva nº 92/43/CEE.

A delimitação da EE como figura de planeamento municipal tornou-se obrigatória a partir de 1999, com a aprovação do Decreto-Lei nº 380/99, que regulamenta o regime aplicável aos instrumentos de gestão territorial, nos quais se integram os Planos Municipais de Ordenamento do Território (Plano Diretor Municipal, Plano Urbanização e Plano Pormenor). Posteriormente, a Portaria nº 138/2005 de 2 de Fevereiro, determina a apresentação da Carta da Estrutura Ecológica nos Planos Diretores Municipais (PDM) e nos Planos de Urbanização (PU).

Esta estrutura propõe usos e intervenções nos espaços disponíveis na malha urbana, de forma a constituir uma estrutura de proteção, de regulação climática, do lazer e recreio integrada no tecido edificado. A EE constitui assim um instrumento, tanto de sustentabilidade ecológica, como de reestruturação e coesão do tecido urbano.

Nos espaços não edificados, designados por espaços exteriores do espaço edificado, subsistem áreas, que por diversas razões ecológicas, patrimoniais e/ou de propriedade, não estão disponíveis para a edificação. Por outro lado, nos centros consolidados da cidade tradicional, existem espaços vazios ou de usos obsoletos, para os quais é possível a definição de novas funções e imagem. Estes espaços

constituem áreas importantes para a definição e implantação de uma estrutura ecológica com características urbanas.

Assim a estrutura verde urbana é considerada como um “*Continuum naturale (...) como um sistema arterial na Cidade (...) e integrar vários tipos de espaços, hierarquizados de acordo com situação ecológica e função a desempenhar*” (Magalhães, 1992, p. 24).

Ainda de acordo com Magalhães (1992) a estrutura verde urbana subdivide-se ainda em:

» Estrutura Verde Principal (30m<sup>2</sup>/ hab.) – relacionada com os aglomerados urbanos (asseguram as funções da paisagem natural ligadas a essa envolvimento)

» Estrutura Verde Secundária (10m<sup>2</sup>/ hab.) – ligado à função residencial, serviços; utilização diária; todos grupos etários; até 400m do utilizador.

O quadro que se apresenta de seguida, representa uma evolução na sistematização das tipologias destes espaços, reclamando para alguns destes algumas tipologias de atividades, e mesmo, a associação a alguns equipamentos relacionados com certas atividades de lazer. Também a relação com a habitação (distância a esta) nos parece um aspeto a destacar, pois nem sempre estes espaços (de proximidades), ficaram localizados em zonas acessíveis ou centrais relativamente aos aglomerados urbanos.

### Estrutura Verde Urbana/ Estrutura Verde Principal

	Parque Urbano	Desporto Livre	Parque da Cidade
<b>Utentes</b>	População área influência	População área influência	População área influência
<b>Ritmo Utilização</b>	Semanal ou Diário para populações residentes ou que trabalham nas imediações	Semanal ou Diário para populações residentes ou que trabalham nas imediações	Diário para utentes centro cidade. Semanal para pop. região
<b>Acessibilidade/ Localização</b>	800m	Em função dos transportes públicos	Junto ao Centro da Cidade
<b>Dimensionamento</b>	20m <sup>2</sup> por habitante	20m <sup>2</sup> por habitante	20m <sup>2</sup> por habitante
<b>Unidade Funcional</b>	≥ 3 ha	≥ 5 ha	≥ 30 ha
<b>Pop. Base</b>	10 mil habitantes	10 mil habitantes	25 mil habitantes
<b>Funções</b>	Recreio, convívio e desporto	Áreas desporto livre, polivalente associado a zonas de estar	Esp. Verdes especiais: J. Zoo., J. Botânico, Z. convívio
<b>Habitação</b>	Ligado a várias áreas residenciais através de caminhos de peões	Ligado a várias áreas residenciais através de caminhos de peões	
<b>Equipamentos</b>	Deve integrar equipamentos desportivos e culturais	Ligação com equipamentos escolares médios e superiores	Deve integrar equipamentos desportivos e culturais
<b>Rede Viária</b>	Estacionamentos	Estacionamentos	Ligação principais Vias
<b>Rede Transportes</b>	Ligação Rede Transp. Públicos	Servido por Transportes Públicos	Servido por Transportes Públicos

Quadro 1 – Síntese de Estrutura Verde Urbana, adaptado de Cunha (2007)

## **2.3 O Espaço Vivido**

### **2.3.1 O Corpo como lugar de Lazer**

Ainda que de forma muito sucinta, gostaríamos de deixar aqui claro, o aspeto central que o corpo hoje assume actualmente no campo da análise social e concretamente, na análise relacionada com os estilos de vida e o lazer. Quer isto dizer, que o corpo hoje, tende a analisar-se de acordo com os seus sinais exteriores, como se de uma performance se tratasse. Temos então um corpo que se expressa como “uma nova personalidade ancorada nas performances exteriores” (Gomes, 2005, p. 105). O corpo é o nosso cartão de visita, aquele que fala por nós, que transmite ideias, símbolos, códigos, posturas de vida, valores morais, etc. Temos, então, que as experiências vividas alojadas no corpo, contribuem para que seja o corpo, o autor material dessas vivências, e em que estas são vivenciadas por ele e através dele. Não são os espaços que se vivem, são as experiências proporcionadas por estes, no corpo. “O espaço em que decorrem os acontecimentos, é apenas um pretexto para experiências que se passam num outro lugar, o próprio corpo” (Gomes, 2005, p. 106).

### **2.3.2 Importância prática atividade físicas e desportivas**

A prática habitual de atividades físicas e desportivas (AFD) caracteriza-se por ser uma componente essencial de um estilo de vida saudável, contribuindo para a Saúde e o Bem-estar. As AFD podem ser realizadas em diferentes momentos do dia e em espaços alternativos como os espaços verdes urbanos, e não necessariamente no contexto específico de clubes ou ginásios, tornando-se mais acessíveis à população em geral e facilitando a sua inclusão no dia-a-dia.

As grandes concentrações urbanas, a redução dos tempos livres, assim como a revolução tecnológica, criaram cenários que facilitam os estilos de vida inativos. Desta forma, um dos grandes desafios da actualidade, está em estabelecer e manter ambientes saudáveis que estimulem a prática regular de exercício físico (Reis, 1997).

### **2.3.3 Hábitos desportivos da população Portuguesa**

Referimos aqui alguns dados do estudo de Marivoet editado em 2001, realçando alguns resultados que se adequam às questões aqui abordadas.

O resultado, sobre o comportamento da população face ao desporto, de 23% praticantes e de 4% relativa à procura não satisfeita, traça um panorama negativo, mas que numa perspetiva otimista, poder-se-ia dizer que tem grande potencial de crescimento. A possibilidade de os espaços verdes urbanos contribuírem para o aumento da oferta de espaços físicos onde a realização de atividades físicas é possível, parece-nos importante. Uma das razões prende-se com o facto de estes serem espaços democráticos no sentido em que a sua acessibilidade tem poucos ou nenhuns constrangimentos e portanto, passíveis de serem frequentados por todos.

Do total dos praticantes desportivos (23%), 64% pratica Desporto de Lazer. No que se refere à regularidade da prática esta acontece preferencialmente durante a semana (80%), sendo, nesta perspetiva, importantes os aspetos relativos à localização dos espaços verdes urbanos. Dos 64% de praticantes de Desporto de Lazer, 15% afirma praticar em espaços naturais. A atividade física-desportiva ocupa o quinto lugar no conjunto das práticas de lazer, 19% da população afirmou praticar desporto/ exercício físico, como atividade de lazer. Dos cerca de 43% da população que afirma serem insuficientes as instalações desportivas existentes, as infraestruturas de ar-livre são das mais apontadas, por 27% dos inquiridos.

### **2.3.4 Atividades de lazer em espaços verdes urbanos**

As atividades de Lazer por serem revestidas de aspetos culturais têm significados que, por vezes, parece fundir-se com o espaço onde estas ocorrem. Parece acontecer assim, um processo de influência mútua entre as práticas e os espaços físicos onde ocorrem, levando a que o significado de um e outro convirjam. *“O Lugar difere do espaço geográfico cartesiano, sendo eivado de significados e valores inseparáveis da experiência daqueles que o habitam, assim como dos seus pensamentos e dos seus sentimentos. O lugar é pleno de significados, condição da própria existência, foco de vinculação emocional para os seres humanos, contexto das nossas ações e fonte da nossa identidade.”* (citando Tuan in Rodrigues 2006)

Refere Cunha (2003, p. 55), *“Os espaços naturais, de paisagem ou de ar-livre, são importantes para o desporto, dado que oferecem novos espaços, novas estimulações (...) ou formas de as praticar”*.

Pardal, S. (1997), defende que o espaço é livre quando se oferece aos utentes sem induzir nenhuma utilização, forma de estar ou atividade. Todavia, a necessidade civilizacional de dispêndio energético, requer uma aproximação entre a necessidade de induzir comportamentos saudáveis nas populações e a noção de “espaço livre” associado aos espaços verdes urbanos.

Os utilizadores dos Parques Urbanos estabelecem uma relação, também emocional com estes, sendo provável, que uma experiência agradável, crie um vínculo emocional positivo. Este vínculo emocional, participa no processo de adoção por parte das populações, de determinados espaços, sendo que, não será diferente nos espaços verdes urbanos.

A estes espaços com vínculo emocional a geografia humanista chamou de Lugar. Tuan, citado por Rodrigues (2006), sintetizou “Lugar”, como sendo a associação de sentimentos da pessoa para com o lugar em que vive, ou seja, a ligação afetiva do indivíduo, ligação esta a que chamou de topofilia. Esta ligação afetiva é pessoal, forma-se e vive de maneira diferente consoante a pessoa, no entanto, ao analisamos os comportamentos da sociedade, verificamos tendências nos comportamentos. “O que conhecemos como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor” (p. 25).

Para Rodrigues (2006) os planeadores destes espaços, pelo facto de desconhecerem os mecanismos psicológicos “que permeiam as relações afetivas e que regem o comportamento humano nas atividades de lazer, acabam fracassando a montagem de equipamentos quando estes não estão vinculados à perceção ambiental mediadas pela dimensão cultural.” (p. 25)

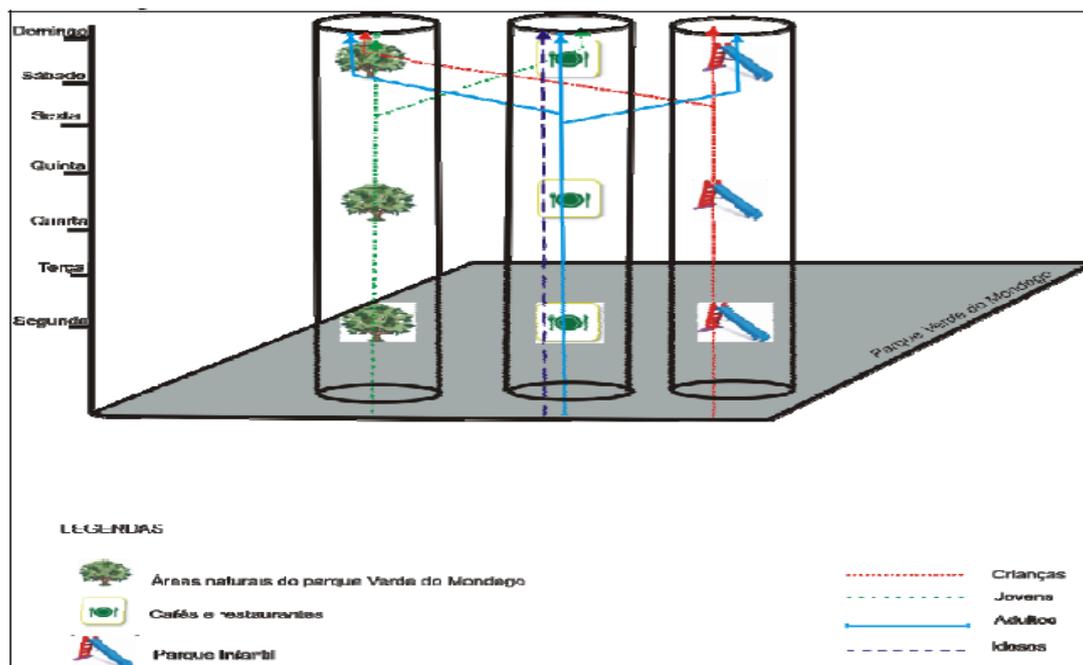


Ilustração 2 - A percepção e a topofilia dos cidadãos para com o património natural inserido no ambiente urbano: O caso da cidade de Coimbra; Instituto de Estudos Geográficos; Coimbra. Rêgo, G, (2008)

No estudo realizado em Coimbra por Rêgo (2008) sobre a topofilia dos cidadãos para com o património natural verificou-se a seguinte conclusão geral: A relação, a percepção e a topofilia para com as áreas verdes, de maneira geral, difere. Também se concluiu que os espaços verdes, na atualidade, concorrem com outros espaços na construção das novas sociabilidades, espaços cujo poder de atração é bem maior. Notou o autor que o relaxamento já não implica a existência de um lugar calmo e que inspire a contemplação, como se entende ser uma das funções das áreas verdes urbanas. Também se pôde concluir que o próprio entendimento do que seja qualidade de vida não implica, necessariamente, a existência de áreas verdes, embora a presença destas faça com se associe a ideia de qualidade ao ambiente. É demonstrado na figura 1, a frequência das áreas naturais e outros espaços, sendo esta, feita preferencialmente por todos os escalões etários, nas áreas naturais, ao fim de semana e pelos jovens durante toda a semana.

Chiesura (2003) estudou a importância (percebida) dos parques urbanos (*urban nature*) para o bem estar e para a sustentabilidade da cidade por parte dos seus cidadãos, num estudo realizado em Amsterdão. Argumenta esta autora que a sociedade urbana em geral presta mais atenção à natureza que está longe, aos grandes sistemas em perigo e as espécies em vias de extinção,

do que à natureza que tem por perto, às pequenas áreas verdes que circundam as áreas habitacionais. É que para além de inúmeros benefícios e serviços ecológicos, a natureza urbana providencia importantes benefícios sociais e psicológicos, às sociedades humanas, enriquecendo-a de significados e de emoções.

Para aqui chamamos o resultado sobre uma das questões estudadas. Porque é que as pessoas visitam o Parque?

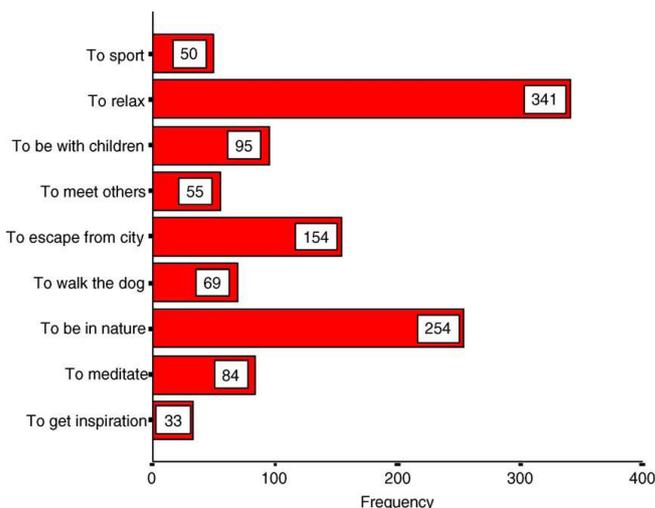


Ilustração 3 – Motivos de utilização de Parques Urbanos

A. Chiesura / Landscape and Urban Planning 68 (2004) pp. 129–138

A autora destaca a importância desta questão alegando que a mesma reflete a procura das pessoas por espaços verdes e as necessidades que os responsáveis pelos mesmos espaços deverão tentar compreender e satisfazer. Esta informação acerca da procura por espaços verdes ajudará os decisores políticos a formular estratégias que atendam às necessidades e expectativas das populações. Assim, “relaxar” foi a resposta mais obtida (73%). Esta prende-se certamente, com a mais que identificada “loucura do dia-a-dia”, característica cidadina e que revela a necessidade de fugir ao ritmo imposto, procurando espaços e paisagens possuidoras de outro ritmo, mais lento, menos denso. “Ouvir e observar a Natureza” (54,4%) foi o segundo grande motivo identificado. Este poderá refletir, segundo a mesma autora, uma expressão desinteressada de comungar com a natureza, observar os seus elementos e vivenciar com os sentidos. O motivo “escapar à cidade” foi mencionado por 32,2% dos inquiridos, revelando os espaços verdes urbanos como espécie de oásis, um refúgio do trânsito, do ruído e da poluição e

revelando esta necessidade de vivenciar para além do cimento, dos contornos físicos da cidade. 20% alegou o motivo “estar com as crianças”, revelando a capacidade de este tipo de espaços cumprirem uma importante função social, reforçando os laços sociais e providenciando espaços lúdicos seguros. Outros motivos com menos expressão, revelam a aparente necessidade de experienciar a solidão, de um “tempo só para mim”. Neste estudo, poucas associações com a idade, relativamente à questão levantada, foram encontradas, no entanto, enquanto o “fazer desporto” e “encontrar-se com outros” se relaciona com idade mais baixas (jovens), “relaxar”, “estar com as crianças” e “contemplar a natureza”, relaciona-se com os escalões etários mais altos.

Os resultados do estudo, “Comportamentos e perceções sobre os espaços verdes da Cidade de Bragança” de Fonseca et al (2009), que visou avaliar a frequência e as perceções dos residentes da cidade de Bragança, indicam que a maioria dos inquiridos (63%) é frequentador assíduo dos jardins da cidade e que 45% dos mesmos frequenta indiferenciadamente relativamente aos dias da semana, sendo que destes, 44% os visita ao fim de semana. Do conjunto de motivos que os frequentadores de Parques Urbanos valorizaram, “passear” é o motivo de maior importância. Num segundo plano aparecem os motivos “contactar com um meio mais natural”, “o convívio social” e “usufruir de uma paisagem mais agradável”. Contrariamente às expectativas do autor, descansar foi um motivo pouco invocado. Contrariamente às nossas expectativas, os motivos menos valorizados foram a “prática de exercício físico” e as “atividades de recreio com as crianças”. Ao relacionar estes motivos com a idade, conclui que “passear” foi o motivo mais valorizado por todos os estratos etários, exceto pelos jovens (até 25 anos), que privilegiaram mais o “convívio”. Já os adultos valorizaram mais o “passear” e o “contacto com o meio mais natural”. Neste estudo não se encontraram diferenças relativamente à ocupação dos inquiridos.

Relativamente ao tempo de permanência, conclui que 41% dos utilizadores detêm-se por períodos de tempo entre 1 a 2 horas e 33%, entre ½ e 1 hora. Este tempo parece estar relacionado com variáveis sociais, pelo que, frequentadores acompanhados, tenderão a permanecer mais tempo no parque, do que os frequentadores que vão sozinhos. Também se conclui, neste estudo,

a importância dos fatores climáticos na definição de um padrão genérico de utilização dos espaços ou a existência de um conjunto de perfis de utilização determinados essencialmente, pelo estilo de vida adotado.

Reis, (2001) ao inquirir utilizadores de Parques Urbanos, com o objetivo fundamental, de identificar as formas de utilização no Jardim Botânico de Curitiba, chegou aos seguintes resultados; Quanto às características de ocupação do parque, segundo as atividades realizadas e os motivos para utilização, a) a proximidade, é o principal motivo para a utilização do parque e a distância da residência está inversamente relacionada com a frequência de uso do parque; b) a segurança/conforto e a beleza estética do parque, são motivos mais considerados por aqueles que residem mais afastados do parque; c) a distribuição de casos sobre a frequência ao parque acompanhado por outra pessoa ou sozinho, demonstrou que, na maior parte, os utilizadores mais jovens (< 35 anos) frequentam o parque acompanhados; e os mais velhos (> 35 anos) frequentam o parque sozinhos; d) a distribuição de casos sobre a frequência de atividades realizadas no parque indica que: a caminhada é a atividade mais realizada no parque em todas as faixas etárias, e é muito praticada entre os idosos; os jogos são mais valorizados pelos jovens (< 15 anos) enquanto a corrida é mais praticada entre os adultos jovens (16 a 25 anos); e que a prática de atividades físicas predomina entre os utilizadores do parque e a maior parte realiza-as dentro das recomendações indicadas para a saúde; e finalmente que os mais idosos têm maior frequência semanal de atividade física no parque que os mais jovens, ainda que realizada por menos tempo.

Referimos estes estudos para sustentarmos que a morfologia, a conceção destes espaços para usos indiferenciados, do ponto de vista das atividades e práticas de lazer, não colocam as práticas desportivas, como as mais bem situadas neste ranking.

## **2.4 O Espaço Percebido**

### **2.4.1 Os modelos ecológicos**

Apesar dos psicólogos estudarem, desde o início do século XX, os efeitos do ambiente sobre o comportamento, foi somente a partir da década de 60, que os modelos ecológicos de estudo do comportamento tiveram um maior

desenvolvimento (Stokols, 1995). Nos modelos ecológicos de comportamento, o ambiente é tipicamente, o espaço fora do indivíduo (Sallis & Owen, 1997). Para estes, o ambiente desempenha um efeito modelador significativo na tomada de decisão individual, relativamente à adoção de um programa de atividade física. Trata-se assim, de identificar os fatores em cada escala ambiental (micro, meso, macro) que exercem uma maior influência sobre o comportamento (Stokols, 2000 cit. Tendais I., 2006).

Ainda que as escolhas sejam pessoais (a tomada de decisão é individual), estas ocorrem num contexto complexo de influências sociais e ambientais, que influenciam os comportamentos de saúde. Numa perspetiva ecológica, a promoção de saúde, aqui representada por um estilo de vida fisicamente ativo, é vista não apenas pelos comportamentos específicos de saúde. A abordagem socioecológica requer uma compreensão da interação do indivíduo e dos grupos com os recursos disponíveis no ambiente, e com o estilo de vida dos indivíduos que ocupam o mesmo (Stokols, 1992).

Assim, numa abordagem socioecológica, estabeleceram-se quatro premissas básicas:

- a) a saúde é influenciada por múltiplas facetas do ambiente físico e social, mas os atributos do indivíduo desempenham um importante papel neste processo;
- b) os ambientes são complexos e podem ser descritos em vários níveis de análise, como o existente e o percebido;
- c) os participantes do ambiente também podem ser descritos em vários níveis de agregação;
- d) e existem diferentes níveis de resposta na interação entre os diversos ambientes e agregações. (Stokols, 1992)

A contribuição dos modelos ecológicos para o estudo do comportamento relacionado com a atividade física está na valorização do impacto que a interação pessoa-ambiente tem sobre a adoção de um estilo de vida ativo. Apesar disto, poucos estudos têm sido realizados nesta abordagem. Sallis et al. (1997) relacionaram algumas variáveis ambientais, como a existência de equipamentos e espaços para atividade física no lar e nas proximidades. Sallis e Owen (1997,1999) destacam que outros fatores ambientais, como a arquitetura do edificado e das cidades, e o transporte público, podem afetar a atividade física. No entanto, mais estudos sobre o impacto de outras variáveis

ambientais, utilizando metodologias adequadas, precisam ser realizados (Sallis & Owen, 1997).

A maior parte das teorias construídas a partir de teorias psicológicas abordam de forma insuficiente a relação entre o sujeito e o ambiente, no que respeita à prática de atividades físicas. O desenvolvimento recente de abordagens ecológicas, preocupadas em analisar a relação sujeito-ambiente, tem sido apontado como um modelo de abordagem promissor para o estudo dos comportamentos humanos.

#### **2.4.2 A percepção dos espaços**

Um aspeto que consideramos extremamente importante é que cada comportamento humano pode ocorrer em determinado ambiente e, portanto, pode ser influenciado por condições específicas encontradas em diferentes locais. Stokols (1992) define os locais como “cenários de comportamento” (CEC) definindo-se como espaços geográficos em que determinado comportamento ocorre.

A promoção de atividade física na população, reforça a necessidade de se compreender a maneira pela qual as características ambientais, tais como arquitetura, presença de determinados elementos físicos, condições geográficas e socioculturais, são entendidos ou percebidos pelos utilizadores.

Tentamos neste estudo entender como se desenvolve esta percepção na presença de cenários de comportamento diferentes. Ainda que esta percepção seja individual, cremos que diferenças ambientais substanciais nos “cenários de comportamento”, trarão resultados diferentes nas populações que compõem a amostra.

No estudo “Comportamentos e Percepções sobre os espaços verdes da Cidade de Bragança” de Fonseca et al (2009) com o objetivo de conhecer as preferências quanto a diferentes elementos naturais e equipamentos, constantes dos espaços verdes, os resultados revelaram uma maior percepção de valor dos elementos naturais em detrimento dos equipamentos. “Árvores, plantas/ flores e relvados” foram os mais valorizados, por outro lado os equipamentos mais valorizados, foram os “bancos” e os “parques infantis” e num segundo plano, os “bebedouros” e “instalações sanitárias”. A idade parece ser determinante, na percepção dos elementos necessários nos espaços verdes,

atendendo aos diferentes usos e motivações que estão na origem das deslocações. Assim, os escalões etários mais altos dão preferência às plantas/ flores, arbustos e esculturas relativamente aos mais novos que priorizam os equipamentos de recreio, campos de jogos e ciclovias.

Quanto à avaliação da qualidade dos espaços verdes, os inquiridos referiram, a “qualidade do ar” e a “aparência visual/ paisagística”, resultados que mostram coerência quanto aos motivos mais invocados, para essa qualidade. Também o “nível de ruído” foi apontado, ainda que com menor expressão de valor. Das características globais dos espaços verdes, foram apontados e mais valorizados, a “acessibilidade” e a “área de espaço verde”.

Outros estudos, como o já referido de Anna Chiesura, abordaram a importância percebida dos espaços verdes para o bem-estar. Por um lado, uma dimensão emocional, por outro, os benefícios percebidos desse estado emocional. Que sentimento invoca, para si, a Natureza?

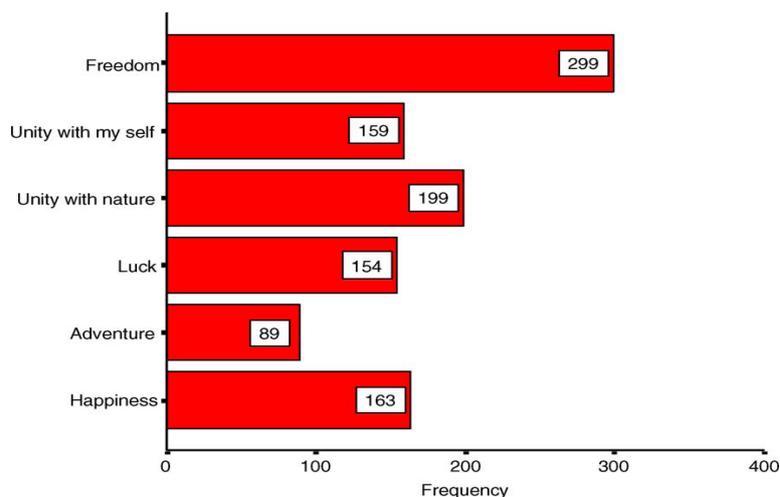


Ilustração 4 – Estados espírito associados à utilização de parques urbanos

A. Chiesura / *Landscape and Urban Planning* 68 (2004) pp. 129–138

Assim, “liberdade” foi o sentimento mais invocado por 64% dos inquiridos. Estaremos sobre mais um efeito oásis que os parques urbanos possuem intrinsecamente. E assim, de algum modo, ir para um espaço de aparente liberdade transforma-se num escape e numa libertação, ou somente num momento de catarse? Já a “unidade com a natureza” foi escolhida por 43%, o que revela a necessidade e implica uma harmonia com a mesma. Não foram encontradas associações com o sexo, mas foi encontrada uma

associação com a idade, que foi no sentimento “aventura”. Quando solicitados a classificar a importância e a contribuição desses sentimentos e emoções numa escala de 1 a 5, para o bem-estar geral, a resposta média foi de 3.74% (3-Importante; 4-Muito Importante; 5-Essencial). Isto indica-nos que a experiência emocional é percebida como uma contribuição importante para o bem-estar das pessoas.

### **2.4.3 A escala de autopercepção**

A escala de autopercepção utilizada e desenvolvida por Reis (2001), utiliza o modelo socioecológico de promoção de saúde, proposto por Stokols (1992), sendo utilizada para construção da matriz teórica de análise. O desenvolvimento relativamente recente de abordagens ecológicas preocupadas em investigar a relação sujeito-ambiente, tem vindo a ser apontado como um modelo de abordagem promissor para o estudo dos comportamentos humanos (Stokols, 1995). Nestas abordagens entende-se que a saúde não é determinada apenas pelos comportamentos específicos mas também pelas interações entre indivíduos, ou ainda de grupos de indivíduos, com os recursos disponíveis no ambiente (Stokols, 1992).

Reforçamos a necessidade de compreender a maneira pela qual, as características ambientais, tais como arquitetura, condições geográficas e socioculturais, influenciam o uso para a prática regular de atividades físicas e desportivas. Para o desenvolvimento do instrumento foram observadas diferentes etapas, nomeadamente a construção da matriz teórica de análise, a validação de conteúdo, a elaboração e testagem do instrumento quanto à reprodutibilidade (estabilidade dos *scores*) e validade de constructo (consistência interna). Entende-se ainda, que o ambiente, compreendido por estes diferentes níveis de influência, possui dimensões distintas (Stokols, 1992). A revisão de literatura permitiu identificar a existência de duas dimensões no ambiente percebido: a dimensão física e a sociocultural. Cada uma das dimensões é composta por dois fatores que por sua vez possuem 4 indicadores. A dimensão física é representada pelo ambiente existente, ou real, com potencial de influência direta sobre os comportamentos relacionados com a saúde. A dimensão sociocultural é identificada por fatores que representam as normas, as atitudes e os valores percebidos e/ou existentes, que podem ser

resultantes de políticas públicas ou de tradições e heranças culturais das comunidades próximas ao CEC. Após o processo de validação de conteúdo estas sofreram pequenos ajustes, tendo um dos Indicadores, mudado para outro grupo de fatores. Assim, a versão final da matriz teórica de análise foi definida do seguinte modo:

### Dimensão Física

<b>Fatores Geográficos</b>	<b>Fatores Tecnológico e Arquitetônico</b>
<b>Indicadores</b> Potencial exposição ao clima Poluição ambiental Potencial estético e contemplativo Localização geográfica	<b>Indicadores</b> Instalações para a realização de exercícios Equipamentos adequados para a realização de exercícios Condições das vias de acesso Potencial estético e contemplativo

Quadro 2 – Fatores Ambientais/ Dimensão Física

### Dimensão Sociocultural

<b>Fatores Político-normativos</b>	<b>Fatores culturais e sociais</b>
<b>Indicadores</b> Programas de incentivo à prática de AF Informação/ regulamentação sobre a prática de AF Legislação e normas de trânsito Condições de atendimento, em caso de acidente Segurança (dentro CEC e proximidades)	<b>Indicadores</b> Modelos de condutas observados no cenário Suporte social para a realização de AF Imagem do CEC ou valor atribuído pela comunidade

Quadro 3 – Fatores ambientais/ Dimensão Sociocultural

No estudo inaugural deste instrumento, Reis (2001) ao inquirir utilizadores de Parques Urbanos e com o objetivo fundamental de identificar as formas de utilização e os fatores ambientais determinantes para a prática de atividades físicas no Jardim Botânico de Curitiba, chegou aos seguintes resultados:

Quando à percepção dos utilizadores sobre o ambiente existente no parque para a realização de atividades físicas, constatou que:

a) os frequentadores consideram que no ambiente físico a “incidência de chuvas e a “poluição do ar”, são fatores que inibem a prática de atividades físicas e desportivas no parque;

- b) No ambiente físico são considerados, pela maior parte dos frequentadores, fatores estimulantes para a prática de atividades físicas: a “beleza geográfica” e “das estruturas construídas”; “a localização do parque”; “pista de caminhada/corrída”; “equipamentos disponíveis”; “estacionamentos”;
- c) no ambiente social, a maior parte dos frequentadores consideram como estimulantes para a prática de atividades físicas e desportivas, os fatores: “regulamentação de trânsito nas imediações do parque”; “comportamento dos outros utilizadores”; “apoio/incentivo dos amigos”; e “o valor atribuído pela comunidade”;
- d) Os aspetos ligados às políticas públicas, como: “segurança nas imediações”; “programas de intervenção”; “serviços de emergência no parque”; e “cartazes informativos” parecem não afetar positiva ou negativamente a prática de atividades físicas e desportivas no parque.

Quanto à análise da percepção dos frequentadores sobre o ambiente físico e social existente no parque considerando: 1) nível de prática de atividade física; 2) características sociodemográficas; e 3) estágios de mudança de comportamento relacionado com a atividade física e desportiva, conclui-se que:

- a) os indicadores do ambiente físico e social não demonstram associação com Idade, Nível Socio Económico (NSE), Estádio Mudança Comportamental (EMC) ou com o grau de instrução dos inquiridos;
- b) os sujeitos mais ativos percebem mais positivamente a existência da pista de caminhada/corrída do que os sujeitos inativos;
- c) os indivíduos ativos, comparados com os inativos, consideram que os factores que mais estimulam a prática de atividades físicas, são os seguintes :
- poluição do parque, quando controladas as variáveis idade ou grau de instrução;
  - pista de caminhada/corrída, quando controladas as variáveis idade, NSE ou grau de instrução;
- d) os indivíduos inativos, comparados aos ativos, consideram que os factores que mais estimulam a prática de atividades físicas, são os seguintes:
- beleza geográfica do parque e equipamentos disponíveis para a realização de exercícios, quando controladas as variáveis idade ou grau de instrução;

- programas públicos, serviços de emergência, segurança pública e regulamentação do parque, quando controladas as variáveis idade, NSE ou grau de instrução;
- cartazes/quadros informativos, quando controladas as variáveis idade ou grau de instrução; valor atribuído ao parque, quando controlada a variável grau de instrução.

Finalmente, conclui que as características que podem atrair pessoas para a realização de atividades físicas no parque, parecem estar mais ligados à imagem que estas pessoas fazem do parque. Os fatores ambientais existentes no parque parecem ser importantes para a realização de atividades físicas mas a sua percepção, enquanto estímulo ou barreira, depende essencialmente das condições económicas, sociais e culturais e ainda da variabilidade inerente aos sujeitos.

A partir daqui, outros estudos foram realizados utilizando a escala de auto percepção, onde acima de tudo se procurou identificar de que forma a percepção variava. Assim, estudos realizados, isolaram variáveis como as estações do ano, as características sociodemográficas ou o Estádio Mudança Comportamental. Apresentamos aqui alguns dos resultados.

Collet et al (2008) no estudo “Fatores determinantes para a realização de atividades físicas em Parque Urbano de Florianópolis” procurou analisar os fatores socioambientais determinantes para a prática de atividades físicas. Assim, relativamente à dimensão física, e ao potencial de estimulação dos indicadores “não haver poluição atmosférica, visual ou sonora”, “beleza geográfica”, “localização geográfica”, e “beleza arquitetónica das estruturas construídas”, mostraram-se como os fatores mais estimulantes para a prática de atividade física. Outro fator importante e com potencial de estimulação, foi a existência de pista de caminhada/ corrida. Outros fatores estimulantes, ainda que menos estimulantes, foram os “equipamentos disponíveis para realizar exercícios” e “existência de estacionamento”. Relativamente ao domínio sociocultural, os “serviços de emergência” e de “segurança pública nas imediações”, não se apresentaram relevantes para a prática de atividade física. Por outro lado, os indicadores do fator político e normativo estimulantes foram os “programas públicos” e “cartazes/ quadros informativos”. Relativamente ao fator valores e atitudes, o “comportamento frequente dos utilizadores” e o

“apoio/ incentivo de amigos” foram indicados como estimulantes. Relativamente à questão essencial, a percepção variou de acordo com as estações do ano, ainda que o Parque seja sempre um local estimulante para a prática de atividade física, independentemente desta. O Verão é a estação com uma percepção ambiental mais estimulante para a prática de atividade física.

Outro estudo, realizado por Petroski *et al* (2009) “Estágios de mudança comportamental e percepção positiva do ambiente para atividade física em usuários de parque urbano”, procurou relacionar o estágio de mudança de comportamento e a percepção.. Assim e relativamente ao estágio de mudança comportamental a maioria dos inquiridos situa-se no estágio “manutenção” (54,6%), 21,1% no estágio “ação”, 10,5% no estágio “preparação”, 13,3% no estágio “contemplação” e 0,5% no estágio pré-contemplação. Ao analisar as respostas relativamente à escala de auto percepção, as diferenças percentuais entre indivíduos ativos e sedentários, nunca foram além dos 5%, ou seja a variação é relativamente pequena, não alterando o essencial dos resultados. Vejamos, os fatores inibidores foram a “Chuva” (11,7% e 13,2%) e a “Poluição” (27,3% e 24,5%). Os seis indicadores percebidos como os mais estimulantes foram os mesmos para ambos os casos, ainda que não pela mesma ordem. Assim, a “Beleza geográfica” (98,2% e 100%), a “Beleza arquitetónica das estruturas construídas” (95,2% e 100%), a “Localização geográfica” (97% e 92,5%), o “Valor atribuído ao parque pela comunidade” (93,3% e 92,5%), “Pista e caminhada/ corrida” (95,8% e 90,6%) e o “apoio e incentivo de amigos” (89,1% e 88,7%).

Noutro estudo, realizado por Silva *et al* (2009), intitulado “Barreiras e facilitadores de atividades físicas em frequentadores de parques públicos”, verificou-se a associação entre as características sociodemográficas e a percepção sobre os fatores ambientais. Relativamente à amostra global, os resultados não diferem muitos dos valores encontrados anteriormente. Assim, os únicos indicadores inibidores são a “Chuva” (11,5%) e a “Poluição” (26,8%) e os principais fatores estimulantes são por ordem a “Beleza geográfica” (98,6%), a “Beleza arquitetónica das estruturas construídas” (96,4%), a “Localização Geográfica” (95,9%), a “Pista de caminhada/ corrida” (94,5%), o “Valor atribuído ao parque pela comunidade” (93,2%) e o “Apoio e incentivo de amigos” (88,6%). Os fatores que mostraram associação significativa com a

faixa etária foram a “Beleza geográfica” e “Serviços de emergência” no parque, sendo que a proporção de pessoas que consideram estes fatores estimulantes diminui com o aumento da faixa etária. Por outro lado, os fatores que mostraram estar associados ao nível socioeconómico foram poluição percebido como inibidor à medida que diminui o NSE e “equipamentos disponíveis para a prática de AF”, “serviços de emergência” e “regulamentação trânsito nas imediações”, foram percebidos como estimulantes à medida que o NSE diminui. De realçar que o valor dos “equipamentos disponíveis” para pessoas de baixos rendimentos e portanto, impossibilitados de pagar a sua entrada num qualquer Clube, poderá explicar a associação desse indicador com o NSE.

## **2.5 Problemática em Estudo**

### **2.5.1 Hipóteses de estudo**

H1 – As características diferenciadas dos dois espaços (Parque Urbano) influenciam a perceção sobre os fatores ambientais (Escala auto perceção)

H2 – As características sociodemográficas (quando analisadas individualmente) influenciam a perceção sobre os fatores ambientais

Para a verificação da segunda hipótese serão consideradas as características individualmente, aferindo-se em que medida cada uma delas influencia a autoperceção.

Para as duas hipóteses aceitaremos a influência sobre a perceção, quando esta se refletir no resultado de, pelo menos, um dos fatores agrupados da escala de autoperceção.

### **2.5.2 Revisão de literatura/ síntese de trabalhos**

Apresentamos na página seguinte e de forma sintética, os estudos realizados com a escala de autoperceção. Deste modo, tentamos facilitar a consulta e mais facilmente comparar os resultados destes com os nossos. Além da identificação dos estudos, referimos os resultados relativamente ao “ranking” dos indicadores ambientais, dos factores e as associações encontradas com outras variáveis.

Estudo	Objectivo	Factores	Indicadores	Associações
Reis, R. (2001) “Determinantes ambientais para a realização de atividades físicas nos parques urbanos de Curitiba: uma abordagem socioecológica da percepção dos usuários”.	» Identificação de formas de utilização do EVU; » Identificar factores ambientais determinantes para a prática de actividades físicas;	<b>Estimulantes:</b> Tecnológico e arquitectónico e Político e normativo	<b>Inibidores:</b> Chuva e Poluição <b>Estimulantes/ Dimensão Física:</b> Beleza Geográfica; Localização; Beleza estruturas construídas; Pista caminhada/ corrida; Outros equipamentos disponíveis; Existência estacionamento. <b>Estimulantes/ Dimensão Social:</b> “Regulamentação trânsito”; “Comportamento outros utilizadores”; “Apoio/ incentivo amigos”; “Valor atribuído ao Parque pelos outros”	- <u>Escalão Etário</u> com a “Beleza” e “Serviços de emergência” - <u>Nível socioeconómico</u> com “Poluição”, “Equipamentos disponíveis”, “Serviços emergência” e “Regulamentação trânsito” - Utilizadores Ativos consideram a “Poluição” e “Pista” mais estimulante que os inactivos; - Utilizadores Inativos consideram a “Beleza” e “Equipamentos disponíveis” mais estimulante que os Ativos;
Collet et al (2008) “Fatores determinantes para a realização de atividades físicas em parque urbano de Florianópolis”.	» Análise dos factores socioambientais relacionados com a AFD. » Análise da variação de acordo com Estações do ano.	<b>Estimulantes:</b> Factor Tecnológico e Arquitectónico, Valores e atitudes e alguns Político e normativo	<b>Estimulantes:</b> “Não haver poluição atmosférica, visual ou sonora”, “Beleza geográfica”, “Localização geográfica”, “Beleza arquitectónica das estruturas construídas” e “Pista de caminhada/ corrida”	- Estações do Ano com a escala autopercepção  - O “Verão” é a Estação do ano mais estimulante.
Silva et al, (2009) “Barreiras e facilitadores de atividades físicas (AF) em frequentadores de parques públicos”.	» Verificar a associação entre características sociodemográficas e a percepção sobre factores ambientais.		<b>Inibidores:</b> Chuva e Poluição <b>Estimulantes:</b> “Beleza”, “Localização geográfica”, “Beleza arquitectónica das estruturas construídas”, “Valor atribuído ao parque pela comunidade”, “Pista caminhada/ corrida” e “Apoio e incentivo amigos”	- <u>Escalão Etário</u> com a “Beleza” e “Serviços de emergência” - <u>Nível socioeconómico</u> “Poluição” percebido como <u>inibidor</u> à medida que diminui o NSE e “Equip. disponíveis”, “Serviços emergência” e “Regulamentação trânsito” percebidos como <u>estimulantes</u> à

				medida que o NSE diminui.
Petroski et al, (2009) “Estágio de mudança de comportamento e percepção positiva do ambiente para atividade física em usuários de parque urbano.”	» Relacionar o estágio de mudança comportamental (EMC) e a percepção.	<b>Estimulantes:</b> Factor Tecnológico e Arquitectónico, Valores e atitudes e alguns Político e normativo	<b>Inibidores:</b> Chuva e Poluição <b>Estimulantes:</b> “Beleza”, “Localização geográfica”, “Beleza arquitectónica das estruturas construídas”, “Valor atribuído ao parque pela comunidade”, “Pista caminhada/ corrida” e “Apoio e incentivo amigos”	- Independentemente do EMC em relação à AFD, a percepção dos indicadores ambientais e positiva e não se diferenciou entre activos e sedentários.

Quadro 4 –Revisão Literatura (Síntese)

### 2.5.3 Implicações para o estudo

Uma das dúvidas que tentamos resolver é saber até que ponto este instrumento se relaciona com o local que pretende estudar. Ou seja, queremos confirmar que as respostas variam consoante o espaço que se estuda, que as características do espaço influenciam a percepção. Caso assim não seja, parece-nos que identificamos uma falha na consistência do instrumento.

Daí colocarmos em evidência dois espaços diferentes, com densidades muito diferentes, com quantidades de elementos físicos presentes muito diferenciados, com ritmos diferentes.

### **3. METODOLOGIA**

#### **3.1 Os espaços em Estudo**

Os locais escolhidos para fazer o estudo foram o Parque da Paz, concelho de Almada e o Parque da Cidade no Barreiro. Os concelhos escolhidos têm dimensões semelhantes, de média dimensão, na mesma relação histórica com o Concelho de Lisboa e de dimensões semelhantes, a nível demográfico. Todavia de realçar que foi nossa intenção a escolha de Parques com características ambientais e físicas completamente distintas. Sendo a nossa intenção perceber a influência do ambiente para a prática de atividades físicas, comparando dois ambientes, escolhemos dois que empregam conceitos ao nível da arquitetura paisagística completamente distintos.

O que em Almada temos é a natureza humanizada, no Barreiro temos a edificação de equipamentos dentro do Parque Urbano, conferindo-lhe outra “atmosfera”, outro ambiente. Também na sua relação com a Cidade, os ambientes diferem, sendo esta a maior diferença que poderemos enunciar. O Parque da Paz em Almada está no limite, na franja da cidade, onde os ramais de acesso da autoestradas próximas (A2/ IC20), separam o parque da cidade, dando lugar às freguesias rurais. No Parque da Cidade, no Barreiro, o espaço envolvente são vários bairros habitacionais em todo o seu perímetro. Não existe o afastamento da cidade que se sente em Almada. Estamos num espaço verde dentro da Cidade. Observámos no decorrer do inquérito que o parque é usado como corredor entre a habitação e zonas comerciais próximas. Outra distinção está expressa nas características descritas abaixo, mas ainda assim, uma leitura prévia, sobre a ocupação do espaço e os elementos que o constituem. A quantidade de elementos presentes no parque do Barreiro e ausentes em Almada, contribui para a maior distinção dos espaços. Temos elementos edificados com propósitos e usos específicos e únicos (campos de ténis, polidesportivos e parques infantis) enquanto em Almada não existe qualquer elemento codificador de práticas corporais, no sentido que é dado no Barreiro. Claro que os amplos relvados, são usados para jogos com bola e atividades em família e os corredores asfaltados para correr, marchar e andar de bicicleta, mas, as práticas possíveis não estão codificadas através de qualquer tipo de equipamento.



### 3.1.2 Parque Paz/ Almada

Localização Geográfica: 38° 39.771' N - 9° 09.828' W

Área Total: 640.000m<sup>2</sup>

Início da construção: 1995

Cursos de água: todo o parque é um sistema hídrico, composto de cursos de água, bacias de retenção de dimensão variada. Lago principal com 20.000m<sup>2</sup>

» Valências desportivas ou relacionadas com actividade física: Estádio Municipal José Martins Vieira e cerca de 15km Corredores pedonais

» Valências do Parque: Parque de Estacionamento, Sala de Exposições do Parque da Paz, Sanitários Públicos.

» 114 Espécies plantadas; Aves migratórias e habitantes;

» Amplos relvados; Estadias



Ilustração 6 – Planta do Parque da Cidade de Almada (Parque da Paz)

### 3.2 Limitações do estudo até ao presente

Um das limitações é não termos esta perspetiva de análise, realizada na realidade portuguesa. Por um lado, porque a escala de autoperceção não foi usada em território nacional. E porque a maioria dos estudos se limitam a descrever os comportamentos de lazer tidos pelos utentes dos mesmos. De algum modo esta perspetiva de análise é nova.

A pergunta maior será: que características ambientais deverão possuir estes equipamentos públicos de forma a serem percecionados como espaços para a prática de atividades físicas e desportivas. Como torná-los convidativos?

### 3.3 Definição da Amostra

Somente nos foi fornecido dados de um dos Parques Urbanos, assim, optámos por uma amostragem *in situ*, calculando a sua dimensão a partir da estimativa de utentes que utilizaram o WC do Parque da Paz no mês de Outubro de 2011. A amostra *in situ* apenas expressa uma representatividade imperfeita da população que frequenta o parque; por outro lado, a amostra *in situ* é não aleatória, embora se tenha limitado alguns dos enviesamentos devidos à não aleatoriedade através de critérios de selecção espaciais e temporais. No primeiro caso, seleccionando a amostra em diferentes zonas do parque (Nota 1); no segundo caso, distribuindo a sua selecção por dias da semana e momentos do dia (manhã e tarde) diferentes.

Tiveram lugar, nos Parques Urbanos estudados, alguns eventos desportivos, por alturas da aplicação do inquérito, pelo que foram aplicados inquéritos, em duas aulas de Fitness em cada um dos Parques. Por outro lado, encontrámos duas turmas a realizar aulas de Educação Física no Parque da Paz em Almada e também a estes aplicámos o inquérito, tendo dado origem a um aumento exagerado do escalão 15-24.

Nota 1: Aplicámos os inquéritos em diferentes zonas dos Parques. Assim, no Barreiro, foram aplicados na zona do Parque Infantil, em cada um dos Equipamentos desportivos, na zona de entrada principal, no Bar e nas estadias espalhadas pelo Parque. Em Almada, cobrimos a totalidade do parque, aplicando os questionários, nas Estadias de todo o parque, na zona do

lago, no Morro (estadia principal), pelos corredores pedonais e nos relvados principais.

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	<b>OUT</b>	NOV	DEZ	Total
2319	2306	4455	5057	5565	9663	7635	5554	4823	<b>3608</b>	3055	1887	55927

Quadro 5 – Utilizadores WC - Parque Paz (cedido pelos serviços do Parque)

A fórmula de cálculo utilizada foi a seguinte:

$$\sqrt{\frac{(N-n) * P * Q}{N * n}} \pm 1.96$$

Sendo:

N= Universo da População em estudo

n= Tamanho da Amostra

P= probabilidade de ser escolhido

Q= probabilidade de não ser escolhido

1,96= Valor para inferir em intervalos de confiança de 95%, ou seja, com uma margem de erro de 5%

Assim para um N=3600, um P e Q de 50%, 232 (n) questionários no Parque da Paz representa um valor de erro de amostragem de  $1,84 \pm 1.96$ .

Não temos dados referentes ao Parque do Barreiro, no entanto, pela dimensão e zona de inclusão do Parque, somos a crer que a sua utilização é menor do que em Almada. Pelo que, aceitando os dados de Almada e duplicando-os pelos dois Parques temos que para um N= 7200, 430 questionários, representa um valor de erro de amostragem de  $2.33 \pm 1.96 = [0,37; 4,29]$ .

Foram feitos 432 inquéritos no total.

### 3.4 Instrumento

Optámos por construir um inquérito sob a forma de questionário, com quatro domínios:

I – Caracterização das práticas Lazer durante o último mês;

II – Escala de autoperceção de fatores ambientais (Reis, 2001).

### III – Fatores Ambientais

Neste Domínio e através de perguntas fechadas, tentamos explorar algumas das informações relacionadas com os Fatores Político e normativos e Fatores Tecnológico e arquitectónico do domínio anterior. Concretizámos algumas das questões feitas na Parte II do questionário, nomeadamente no que se relaciona com o Fator Político e normativo:

- a regularidade dos eventos,
- o tipo de informação que gostariam de ver abordada nos cartazes sobre AFD
- e o tipo de acompanhamento técnico nesses eventos.

Relativamente ao Fator Tecnológico e arquitectónico:

- que tipo de piso das pistas de caminhada/ corrida seria preferível,
- que coexistência com outras Pistas, nomeadamente de Bicicleta.
- que tipo de outros equipamentos deveria existir no espaço.

### IV – Caracterização Sociodemográfica

Apresentamos melhor descrição através de um modelo de análise desagregado.

<b>Dimensões</b>	<b>Variáveis</b>	<b>Indicadores</b>
Ambiente	Parque Urbano <i>variável independente</i> (Hipótese 1)	Parque Almada
		Parque Barreiro
Frequência/ Permanência	Frequência mensal	n.º dias
	Frequência semana	n.º dias
	Frequência fim semana	n.º dias
	Tempo permanência	n.º horas
	Distância deslocação	n.º km
Deslocação	Forma de deslocação	Pé Bicicleta Automóvel Mota Transportes Públicos
	Acompanhamento	Sozinho Família Amigos
	Estado de Espírito	Liberdade Sorte Aventura Felicidade Harmonia

		Paz Saúde Relaxamento
Atividades Lazer	Realiza AFD	Sim Não
	Tipo AFD Realizada	Corrida Marcha Jogos com Bola Bicicleta Tênis Escalada Yoga Bodybalance Condição Física Tênis Aeróbica Skate
	Motivo deslocação	Relaxar Estar com crianças Estar com outros Meditar Escapar à cidade Recarregar baterias Passear o cão Dar comida aos patos
Auto percepção <i>variável dependente</i>  (Hipótese 1 e 2)	Fatores Geográficos	Chuva
		Poluição
		Beleza geográfica
		Localização geográfica
	Fatores Tecnológico e Arquitetónico	Pista de caminhada/ corrida/ ciclável
		Outros equipamentos
		Estacionamento
		Beleza arquitetónica
	Fatores Políticos e Normativos	Programas/ eventos públicos
		Cartazes/ quadros informativos AFD
		Serviços de emergência
		Segurança pública
Fatores Culturais e Sociais	Regulação do trânsito	
	Comportamento dos utilizadores	
	Acompanhamento	
Fatores Ambientais	Fatores Tecnológico e Arquitetónico	Pista de caminhada/ corrida/ ciclável Outros equipamentos
	Fatores Políticos e Normativos	Programas/ eventos públicos Cartazes/ quadros informativos AFD
Caracterização Sociodemográfica  <i>variável independente</i>  (Hipótese 2)	Sexo	Masculino Feminino
	Idade	Ano Nascimento
	Estado Civil	Solteiro Casado Divorciado Viúvo
	Escolaridade	Sem estudos 1º Ciclo

		2º Ciclo 3º Ciclo Secundário Bacharelato Licenciatura Mestrado Doutoramento
	Condição perante o trabalho (Ativo/ Não Ativo)	Trabalhador por conta de outrem Doméstico Desempregado Reformado Estudante Empresário
	Classe Social	Burguesia Empresarial, Proprietária e Dirigente
		Pequena Burguesia Intelectual e Científica
		Pequena Burguesia Técnica de Enquadramento
		Pequena Burguesia de Execução
Pequena Burguesia		
	Operariado Industrial e Agrícola	

Quadro 6 – Modelo de análise desagregado

### 3.5 Administração do Inquérito

A administração de inquéritos foi feita, maioritariamente, durante o mês de Outubro. No período entre 1 de Outubro e 6 Novembro, todos os fins de semana foram utilizados para a recolha de Inquéritos. Mais concretamente no período entre 10 a 21 de Outubro, foi feita diariamente, através do seguinte esquema:

	2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira	Sábado	Domingo
<b>Manhã</b>	<b>Parque</b>	Parque	<b>Parque</b>	Parque	<b>Parque</b>	<b>Parque</b>	<b>Parque</b>
	<b>Paz</b>	Barreiro	<b>Paz</b>	Barreiro	<b>Paz</b>	<b>Barreiro</b>	<b>Paz</b>
<b>Tarde</b>	Parque	<b>Parque</b>	Parque	<b>Parque</b>	Parque	<b>Parque</b>	<b>Parque</b>
	Barreiro	<b>Paz</b>	Barreiro	<b>Paz</b>	Barreiro	<b>Paz</b>	<b>Barreiro</b>

Quadro 7 – Representação temporal da aplicação do questionário

Este foi alternado na semana seguinte. Os períodos foram entre 2H00 a 2H30. No último fim de semana a administração foi feita no Parque da Cidade do Barreiro, para equilibrar o n.º de questionários em ambos os Parques.

### 3.6 Análise e tratamento estatístico

Para testar as hipóteses enunciadas utilizou-se, como referência para aceitar ou rejeitar a hipótese nula, um nível de significância ( $\alpha$ )  $\leq 0,05$ . No entanto, se encontrarmos diferenças significativas para um nível ( $\alpha$ )  $\leq 0,10$  estas serão devidamente comentadas. Em todos as hipóteses vamos utilizar a estatística paramétrica pois estamos sempre a comparar duas ou mais amostras independentes e as variáveis dependentes são de tipo quantitativo.

Assim, nas hipóteses em que estamos a comparar dois grupos vamos utilizar o teste t de Student. Nas hipóteses em que estamos a comparar mais de dois grupos vamos utilizar o teste Anova One-Way. Os pressupostos destes testes, nomeadamente o pressuposto de normalidade de distribuição e o pressuposto de homogeneidade de variâncias foram analisados com os testes de Kolmogorov-Smirnov e teste de Levene. Em algumas situações da Anova em que a homogeneidade de variâncias não se encontrava satisfeita procedeu-se à Anova com correção de Welch. Os testes do Qui-quadrado foram utilizados quando se testou a independência de variáveis qualitativas.

A análise estatística foi efetuada com o SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) versão 18.0 para Windows.

## 4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Tentando dar resposta à questão inicial deste estudo, que pretendia perceber de que forma é percecionado o ambiente físico em espaços verdes urbanos (evu), identificando e comparando os fatores ambientais inibidores e estimuladores de práticas físicas em espaços diferenciados, iremos no presente capítulo analisar e discutir os resultados da investigação.

O presente capítulo será composto das duas partes: I – Análise Descritiva; II – Análise Correlacional; III – Análise Comparativa. A primeira parte será composta pela Caracterização sociodemográfica da amostra, pela Análise descritiva dos resultados. A segunda pela análise da correlação entre características sociodemográficas e escala autopercepção, Correlação entre atividades de Lazer e escala autopercepção. A terceira parte será a análise do objeto fundamental de estudo que é a análise comparada dos resultados composta por caracterização sociodemográfica da amostra, análise comparada dos resultados da escala de auto percepção e a análise comparada da correlação entre características sociodemográficas e escala autopercepção.

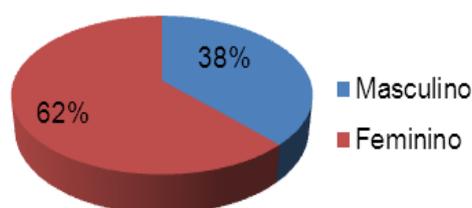
### 4.1 Análise Descritiva

#### 4.1.1 Caracterização sociodemográfica da amostra

Responderam ao questionário um total de 432 utentes, dos quais 237 (54,9%) frequentadores do Parque de Almada e 195 (45,1%) frequentadores do Parque do Barreiro.

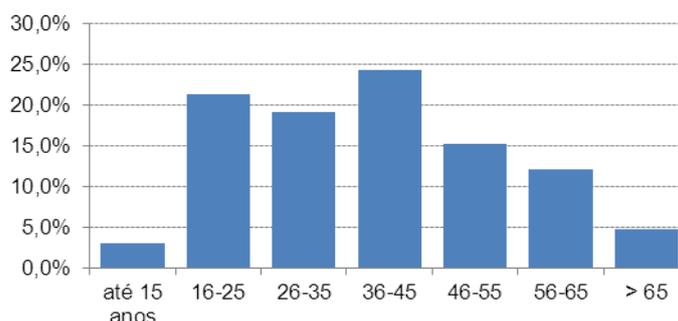
Em termos de distribuição por género, trata-se de uma amostra composta maioritariamente por sujeitos do género feminino que representam 62,0% ( $n=268$ ) da amostra, enquanto o género masculino se encontra representado pelos restantes 38,0% ( $n=164$ ), conforme se pode constatar pela observação do gráfico nº 1.

Gráfico 1 – Amostra global/ Género



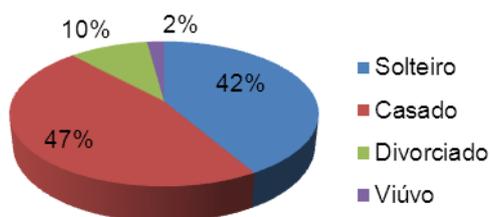
Pela análise ao gráfico 2 , observamos que a média de idades é de 34,4 anos ( $dp=15,6$  anos), o inquirido mais novo tem 12 anos e o mais velho 80 anos. O escalão etário mais representado é o escalão 36-45 anos (24,4%), seguido do escalão 16-25 (21,4%) e do escalão 26-35 (19,1%). Os sujeitos do escalão mais novo (até 15 anos) representam 3,0% e os do escalão etário mais elevado (mais de 65 anos) 4,7%.

Gráfico 2 – Amostra global/ Escalões etários



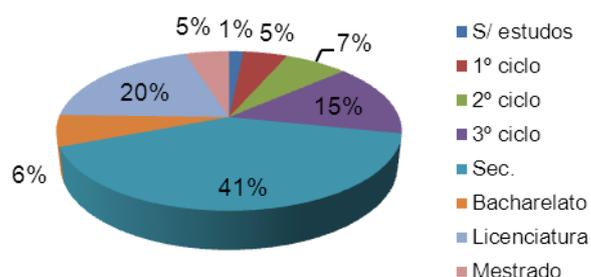
No que se refere ao estado civil (gráfico 3), os casados representam quase metade dos inquiridos (46,5%). Seguem-se depois os solteiros (41,6%), os divorciados (9,8%) e os viúvos (2,1%).

Gráfico 3 – Amostra global/ Estado civil



A escolaridade predominante é o ensino secundário (41,0%). Os sujeitos com o ensino superior representam no total 30,9%: licenciaturas (20,0%), bacharelatos (6,0%) e mestrados (5,0%), como se verifica pelo gráfico 4.

Gráfico 4 – Amostra Global/ Escolaridade



Relativamente à ocupação perante o trabalho e como se verifica na tabela 1, um pouco mais de metade dos inquiridos é trabalhador por conta de outrem (50,5%). Seguem-se depois os estudantes (20,4%) e os reformados (11,3%). O expressivo número de 9,3% de desempregados deverá merecer curta reflexão.

A análise por categoria profissional indica-nos que predominam os administrativos (25,2%), os técnico-profissionais de nível intermédio (20,8%) e os das profissões intelectuais e científicas (19,6%).

Tabela 1 – Amostra global/ Condição perante o trabalho

	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulada
TRAB CONTA OUTREM	218	50,5	<b>50,5</b>	50,5
DOMÉSTICA	11	2,5	2,5	53,0
DESEMPREGADA	40	9,3	9,3	62,3
REFORMADO	49	11,3	<b>11,3</b>	73,6
ESTUDANTE	88	20,4	<b>20,4</b>	94,0
EMPRESÁRIO	24	5,6	5,6	99,5
OUTRA	2	,5	,5	100,0
Total	432	100,0	100,0	

Tabela 2 – Amostra global/ Categoria Profissional

	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulada
QUADRO SUP EMPRESA E ADMN PUBLICA	21	4,9	8,4	8,4
PROF INTELLECTUAIS E CIENTIFICAS	49	11,3	<b>19,6</b>	28,0
TECN PROF NÍVEL INTERMÉDIO	52	12,0	<b>20,8</b>	48,8
PESSOAL ADMINISTRATIVO	63	14,6	<b>25,2</b>	74,0
SERVIÇOS VENDEDORES	26	6,0	<b>10,4</b>	84,4

QUALIFICADOS AGRICULTURA E PESCAS	1	,2	,4	84,8
OPERARIOS INDUSTRIA E ARTIFICIES	19	4,4	7,6	92,4
OPERADORES INSTALAÇÕES E MAQUINAS	6	1,4	2,4	94,8
PESSOAL NÃO QUALIFICADO	13	3,0	5,2	100,0
Total	250	57,9	100,0	
Omissos	182	42,1		
Total	432	100,0		

Tabela 3 – Classe Social

	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulada
Burguesia Empresarial, Proprietária e Dirigente	21	4,9	8,4	8,4
Pequena Burguesia Intelectual e Científica	49	11,3	<b>19,6</b>	28,0
Pequena Burguesia Técnica de Enquadramento	52	12,0	<b>20,8</b>	48,8
Pequena Burguesia de Execução	89	20,6	<b>35,6</b>	84,4
Pequena Burguesia	1	,2	,4	84,8
Operariado Industrial e Agrícola	38	8,8	15,2	100,0
Total	250	57,9	100,0	
Omissos	182	42,1		
Total	432	100,0		

Como se verifica pelos dados apresentados, a frequência dos Parques em estudo, é feita por diversas faixas etárias da população, tendencialmente pelos sexo feminino, adulto, residente nas proximidades dos parques e em que os trabalhadores por conta de outrém, estudantes e reformados formam a maioria, relativamente à condição perante o trabalho. Em termos de classe social impera a Pequena Burguesia, com especial incidência na Pequena Burguesia de Execução (35,6%). Relativamente às habilitações, gostaríamos de salientar que 82% da amostra, se situa entre os que possuem o 3º Ciclo e

Licenciaturas, pelo que os espaços verdes urbanos, parecem satisfazer uma grande maioria da população com habilitações médias/ superiores. A isto adicionamos o facto de 76% dos inquiridos se situar nas seguintes categorias profissionais: Profissionais intelectuais e científicas e tecnológicas; Profissionais nível intermédio; Pessoal administrativo; Serviços e vendedores, o que revela que estes espaços são usados por amplas camadas da população, com especial relevância para a classe média, trabalhadora por conta de outrém. E porque a realidade concreta do País não está desligada desta questão, não poderíamos deixar de referir o valor de 9,3 de desempregados, que inquirimos nestes espaços, como um número, que nos espantou pela sua dimensão, mas que acima de tudo, revela que os espaços verdes urbanos, cumprem funções sociais, como a de ajudar a ocupar o tempo livre dos desempregados e reformados, contribuindo desta forma para a coesão social. Por outro lado, poder-se-ia pensar que um desempregado, deveria estar a procurar emprego e não a passear no Parque, mas pela dimensão do n.º de desempregados encontrados, perguntamos, se este número não será representativo de um desemprego estrutural que atinge a sociedade europeia de forma geral. E assim, mais uma vez, encontramos estes espaços, como espaços privilegiados para a manutenção de uma certa funcionalidade da sociedade.

#### 4.1.2 Análise dos Resultados (amostra global)

##### » Deslocação

Quando inquiridos sobre a forma de deslocação para o Parque, uma percentagem bastante elevada dos inquiridos refere deslocar-se de automóvel (45,6%) ou a pé (43,1).

*Tabela 4 – Meio de transporte*

	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulada
PÉ	186	43,1	43,1	43,1
BICICLETA	20	4,6	4,6	47,7
AUTOMÓVEL	197	45,6	45,6	93,3
MOTA	2	,5	,5	93,8
TRANSP PUBLICOS	27	6,3	6,3	100,0
Total	432	100,0	100,0	

Relativamente à distância percorrida na deslocação ao Parque (tabela 4) as respostas situam-se, sobretudo, na categoria “2 a 5 Km” (31,7%), seguida de “até 1 Km” com (28,5%) e “1 a 2 Km” com (23,1%). Isto diz-nos que apesar de ambos os espaços serem categorizados como Parques da Cidade, pela sua dimensão e de acordo com a taxonomia de Cunha, apresentada anteriormente, os mesmos atraem maioritariamente visitantes até 5Km de distância, ou seja exercem influencia sobre uma zona que não dista mais do que 5Km em redor destes espaços. O mesmo será dizer que este tipo de espaços não substitui nem invalida as zonas verdes de proximidade, localizadas nos diversos bairros que constituem as Cidades. Embora não se tenha realizado essa pesquisa, ficamos com a ideia de que a distância se relaciona com a forma de deslocação, pelo que uma pergunta interessante seria verificar a partir de que distância o carro, passava a ser a forma de deslocação predominante.

*Tabela 5 – Deslocação*

	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulada
ATÉ 1 KM	123	28,5	28,5	28,5
1 A 2 KM	100	23,1	23,1	51,6
2 A 5 KM	137	31,7	31,7	83,3
5 A 10 KM	51	11,8	11,8	95,1
10 A 20 KM	17	3,9	3,9	99,1
+ 20 KM	4	,9	,9	100,0
Total	432	100,0	100,0	

#### » Acompanhamento

Relativamente ao acompanhamento nas deslocações ao parque, 72,8% vão acompanhados e quase metade dos inquiridos desloca-se aos parques acompanhados por elementos membros da família (44,7%). Os restantes ou vão com os amigos (28,1%) ou vão sozinhos (27,2%). De realçar este aspeto que nos parece muito importante. O convívio e a interação traduzem-se como âncoras para este tipo de atividades promovendo, no que à questão das atividades físicas diz respeito, um sentido de pertença que se traduz em maior

envolvimento e menor possibilidade de abandono da prática de atividades físicas e desportivas.

*Tabela 6 – Acompanhamento*

	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulada
SOZINHO	117	27,1	27,2	27,2
FAMILIA	192	44,4	44,7	71,9
AMIGOS	121	28,0	28,1	100,0
Total	430	99,5	100,0	
Omissos	2	,5		
Total	432	100,0		

#### » Estado de Espírito

Quando se perguntou qual o estado de espírito (tabela 7) que associam ao Parque Urbano, os mais associados aos parques são a “liberdade” (46,3%), a “harmonia” (28,3%) e a “felicidade” (9,7%). Recordamos os valores encontrados por Chiesura (2004), relativamente a esta mesma questão: “liberdade” (64%) e “unidade com a natureza” (43%), que no nosso questionário será o equivalente com a “Harmonia” e a “Felicidade” como 3º estado de espírito mais invocado. Encontramos assim, uma forte equivalência nas respostas encontradas, nos dois estudos. Poderemos afirmar que em cidades com estádios de desenvolvimento similares, os cidadãos, de uma forma geral, procuram o mesmo quando se deslocam aos espaços verdes urbanos?

*Tabela 7– Estado de espírito*

	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulada
LIBERDADE	195	45,1	<b>46,3</b>	46,3
SORTE	4	,9	1,0	47,3
AVENTURA	32	7,4	7,6	54,9
FELICIDADE	41	9,5	<b>9,7</b>	64,6
HARMONIA	119	27,5	<b>28,3</b>	92,9
OUTRO	7	1,6	1,7	94,5
PAZ	14	3,2	3,3	97,9
SAUDE	5	1,2	1,2	99,0
RELAXAMENTO	4	,9	1,0	100,0

Total	421	97,5	100,0
Omissos	11	2,5	
Total	432	100,0	

» Atividades lazer

Ao ser perguntado aos frequentadores do Parque se se tinham deslocado para realizar Atividades físico desportivas (AFD), mais de três quartos (76,2%) indicam que se deslocaram ao parque para as realizar. Valor que contrasta com o encontrado por Fonseca *et al* (209) que foi de 2,9%. Todavia, a disparidade de valores encontrados, dever-se-á a aspetos de cariz cultural e com a própria arquitetura dos espaços.

Tabela 8 – Realiza AFD

	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulada
SIM	329	76,2	76,2	76,2
NÃO	103	23,8	23,8	100,0
Total	432	100,0	100,0	

Aos que responderam afirmativamente, à questão anterior, quando solicitados a indicar as atividades físicas (tabela 9) que tinham realizado ou que iriam realizar, as respostas para a 1ª opção foram maioritariamente a “Corrida” (36.5%) e a “Marcha” (31.3%), seguido do “Yoga” (10%) e da “Aeróbica” (7.9). Tratam-se de duas atividades completamente distintas, pois as primeiras são atividades sem qualquer necessidade de enquadramento e as restantes, padecem da organização dessas atividades nos parques urbanos. Relativamente à 2ª opção foram as mais escolhidas a “Marcha” (24,5%), a “Aeróbica” (22%), os “Jogos com Bola” (20,8%) e o “Yoga” (10,1%). De realçar o comportamento da atividade “Jogos com Bola”, que como 1ª opção não é expressiva, mas aparenta complementar as atividades principais de alguns dos inquiridos.

Quando agrupámos (tabela 10) as atividades de Fitness (Yoga, Aeróbica, Condição Física; Bodybalance), temos os seguintes resultados: as

atividades físico-desportivas mais realizadas são a “Corrida” (37,7%), “Marcha” (32,4%), “Fitness” (23,6%) e “jogos com bola” (6,3%).

*Tabela 9 – Atividades físicas*

	1ª opção		2ª opção	
	Frequência	Percentagem	Frequência	Percentagem
CORRIDA	120	36,5		
MARCHA	103	31,3	39	24,5
JOGOS COM BOLA	20	6,1	33	20,8
BICICLETA	8	2,4	11	6,9
YOGA	33	10,0	16	10,1
BODYBALANCE	7	2,1	8	5,0
COND FÍSICA	1	0,3	9	5,7
TENIS	6	1,8	8	5,0
AEROBICA	26	7,9	35	22,0
SKATE	5	1,5		
Total	329	100	159	100,0

As atividades de fitness encontradas como atividades físicas e desportivas realizadas, são atividades organizadas, nos dois parques, por agentes desportivos, com o apoio camarário, embora estes se concretizem de forma diferenciada.

*Tabela 10 – Atividades físicas agrupadas*

	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulada
corrida	120	27,8	37,7	37,7
marcha	103	23,8	32,4	70,1
bola	20	4,6	6,3	76,4
fitness	75	17,4	23,6	100,0
Total	318	73,6	100,0	
Omissos	114	26,4		
Total	432	100,0		

Aos frequentadores que não se deslocaram ao parque para pratica AFD, perguntou-se quais os motivos invocados para a deslocação aos parques. Pelo que, e conforme se verifica na tabela 11, surgem de forma maioritária, como 1ª opção, o “estar com as crianças” (46,6%) ou “relaxar” (44,7%). Como 2ª opção

reforça-se o “estar com crianças”, aparecendo algumas atividades como “dar comida aos patos” (28.6%), “estar com os outros” (12.5%) e o “escapar à cidade” com uns expressivos 10,7%. Destaque-se a predominância de razões relacionadas com o outro, em que os fatores grupais ou a inclusão em estruturas de apoio social, são muito importantes quando analisadas as atividades em parques urbanos. Se analisarmos relativamente à 2ª opção, juntando o “estar com crianças”, “estar com os outros” e “dar comida aos patos”, que nos parecem atividades com alguma afinidade, temos um valor de 76,8% das respostas. Ainda que como 2ª opção, o valor de 10,7%, do motivo escapar à cidade, será de realçar.

Tabela 11 – Motivos da deslocação

	1ª opção		2ª opção	
	Frequência	Percentagem	Frequência	Percentagem
RELAXAR	46	<b>44,7</b>		
ESTAR COM CRIANÇAS	48	<b>46,6</b>	20	<b>35,7</b>
ESTAR COM OUTROS	5	4,9	7	<b>12,5</b>
MEDITAR	1	1,0	1	1,8
ESCAPAR CIDADE	1	1,0		0,0
RECARREGAR BATERIAS	2	1,9	5	8,9
PASSEAR CÃO			1	1,8
ESCAPAR CIDADE			6	<b>10,7</b>
COMIDA PATOS			16	<b>28,6</b>
Total	103	100,0	56	100,0

Valores semelhantes foram encontrados por Chiesura (2004), sendo o “relaxar” o motivo mais invocado (73%), encontrando, também, alguma equivalência com o “passear” encontrada por Fonseca et al (2009), como primeiro motivo. O passear com as crianças assume novamente destaque no estudo de Chiesura (20%). O “escapar à cidade” é encontrado como outro motivo forte em ambos os estudos, sendo que em Fonseca, o termo seja, “usufruir de uma paisagem mais agradável”. Encontramos, ainda que os valores expressem realidades diferentes, um equilíbrio muito grande entre os motivos invocados, bem como as atividades de lazer realizadas, nos vários estudos referidos.

## » Frequência/ Permanência

Como as respostas foram dadas em dias (alternados) optámos por agrupar as respostas em intervalos que nos permitissem entender com mais facilidade os dados. Assim, quando foi perguntado quantos dias por mês se deslocam ao parque, a maioria refere deslocar-se ao parque entre 1 a 5 dias por mês (66,4%). O 2º intervalo onde se situaram mais respostas foi de 6 a 10 dias (18,3%). Daqui podemos inferir que a maior parte dos utilizadores dos Parques o fazem, pelo menos uma vez por semana. De realçar que 10,5% dos inquiridos se desloca ao Parque mais de 16 dias por mês, o que revela por parte de certos frequentadores uma assiduidade elevada.

Tabela 12 – Dias por mês

	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulada
1 A 5 DIAS	287	66,4	<b>66,4</b>	66,4
6 A 10 DIAS	79	18,3	<b>18,3</b>	84,7
11 A 15 DIAS	21	4,9	4,9	89,6
16 A 20 DIAS	21	4,9	4,9	94,4
> 20 DIAS	24	5,6	5,6	100,0
Total	432	100,0	100,0	

Quando solicitados a dividir esses dias de visita em dias de semana ou fim de semana, os resultados foram os seguintes: Ao fim de semana (tabela 13) a maioria visita-o 2 dias (54,6%) e outro grupo entre 2 a 4 dias (28%)

Tabela 13 – Dias ao fim de semana

	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulada
ATÉ 2 DIAS	236	54,6	<b>54,6</b>	54,6
2 A 4 DIAS	121	28,0	<b>28,0</b>	82,6
4 A 12 DIAS	75	17,4	17,4	100,0
Total	432	100,0	100,0	

Já as ocorridas durante a semana (tabela 14), ocupam na sua grande maioria somente “2 dias” (66%). Os restantes resultados dividem-se entre “2 a 4 dias” com 10.6% e “4 a 8 dias” com 10%.

Tabela 14– Dias de semana

	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulada
ATÉ 2 DIAS	285	66,0	<b>66,0</b>	66,0
2 A 4 DIAS	46	10,6	<b>10,6</b>	76,6
4 A 8 DIAS	43	10,0	10,0	86,6
8 A 16 DIAS	34	7,9	7,9	94,4
16 A 22 DIAS	24	5,6	5,6	100,0
Total	432	100,0	100,0	

Relativamente à duração da visita ao parque (tabela 15) as respostas situam-se grandemente na categoria “1 a 2 horas” (55,1%), as restantes respostas são “até 1 Hora” (29,2%) e “2 a 3 Horas” com 15,1%. Os valores encontrados são muito semelhantes aos referidos por Fonseca *et al* (2009), pois 74% estaria no parque até o máximo de duas horas.

Tabela 15 – Duração visita (horas)

	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulada
ATÉ 1 HORA	126	29,2	29,2	29,2
1 A 2 HORAS	238	55,1	55,1	84,3
2 a 3 HORAS	67	15,5	15,5	99,8
+ DE 3 HORAS	1	,2	,2	100,0
Total	432	100,0	100,0	

A maioria dos inquiridos revela deslocar-se ao Parque regularmente, vários dias por mês, de forma indiferenciada, relativamente a serem dias de semana ou fim de semana. Todavia, pensamos que a condição perante o trabalho, é um fator determinante na análise desta questão. Grosso modo, diríamos que desempregados e reformados, têm disponibilidade para deslocações durante a semana, ao passo que as pessoas ativas terão mais facilidade em deslocar-se ao fim de semana. Não tendo nós analisado esta questão estatisticamente, gostaríamos de a deixar registada, ainda que de forma intuitiva.

## » Escala Autopercepção

No segundo bloco de questões foi apresentada a escala de autopercepção. Quando analisadas as respostas de cada um dos indicadores, em cada uma das categorias de respostas, encontramos os seguintes resultados. Os sujeitos consideram como indicadores mais estimulantes em ambos os parques a “Beleza geográfica” (41,4%), a “Localização geográfica” (40,3%) e os “Programas/ eventos públicos” relacionados com atividades físico-desportivas (39,4%). Já como mais inibidores identificam-se a “Chuva” (44,4%) e a “Poluição” (32,9%).

Tabela 16 – Escala de autopercepção

		Muito inibidor	Inibidor	Pouco inibidor	Pouco estimulante	Estimulante	Muito estimulante	Total
Chuva	Freq.	192	112	86	35	2	5	432
	%	44,4	25,9	19,9	8,1	,5	1,2	100,0
Poluição	Freq.	142	119	107	32	17	15	432
	%	32,9	27,5	24,8	7,4	3,9	3,5	100,0
Beleza geográfica	Freq.	2	3	15	59	174	179	432
	%	,5	,7	3,5	13,7	40,3	41,4	100,0
Localização geográfica	Freq.	7	5	17	88	174	141	432
	%	1,6	1,2	3,9	20,4	40,3	32,6	100,0
Pista	Freq.	4	9	32	87	160	140	432
	%	,9	2,1	7,4	20,1	37,0	32,4	100,0
Outros Equipamentos	Freq.	16	11	39	111	142	113	432
	%	3,7	2,5	9,0	25,7	32,9	26,2	100,0
Estacionamento	Freq.	11	6	48	125	141	101	432
	%	2,5	1,4	11,1	28,9	32,6	23,4	100,0
Estruturas	Freq.	2	8	46	143	142	91	432
	%	,5	1,9	10,6	33,1	32,9	21,1	100,0
Eventos AFD	Freq.	8	9	43	93	170	109	432
	%	1,9	2,1	10,0	21,5	39,4	25,2	100,0
Cartazes AFD	Freq.	12	20	43	160	137	60	432
	%	2,8	4,6	10,0	37,0	31,7	13,9	100,0
Existência emergencia	Serviços Freq.	28	14	45	139	129	77	432
	%	6,5	3,2	10,4	32,2	29,9	17,8	100,0
Segurança Publica	Freq.	28	22	27	91	159	105	432
	%	6,5	5,1	6,3	21,1	36,8	24,3	100,0
Regulação Transito	Freq.	10	21	61	167	118	55	432
	%	2,3	4,9	14,1	38,7	27,3	12,7	100,0
Comportamento Utilizadores	Freq.	7	14	45	107	162	97	432
	%	1,6	3,2	10,4	24,8	37,5	22,5	100,0

Acompanhamento amigos	Freq.	7	4	21	93	155	152	432
	%	1,6	,9	4,9	21,5	35,9	35,2	100,0
Valor atribuído ao Parque pelos outros	Freq.	7	8	57	127	145	88	432
	%	1,6	1,9	13,2	29,4	33,6	20,4	100,0

Quando atribuímos valores à categoria de resposta de 1 a 6, sendo o 1 o “Muito inibidor” e o 6 “Muito estimulante”, temos um score (apresentado sob a forma de valor médio) por indicador e por fator. Assim, consideramos como:

- inibidores os valores entre [1; 2,66],
- indiferentes os valores entre ]2,66; 4,32],
- estimulantes os valores entre ]4,32; 6] e dentro deste o
- muito estimulantes entre ]5,15; 6]

Relativamente ao resultado global, apresentaremos o score final, que corresponde à soma dos resultados médios dos Indicadores.

É interessante verificar que os valores mínimos e máximos encontrados se encontram no fator geográfico, excetuando o indicador “Acompanhamento dos amigos”, o que também por si é significativo. Assim, a “Chuva” (1,98) e a “Poluição” (2,32) encontram-se como os únicos indicadores inibidores encontrados. Muitos inquiridos classificaram a “poluição” como um indicador estimulante, pois consideraram que a sua inexistência assim o determinava. Deste modo, e ao contrário da chuva, a arquitetura do Parque, isolando-o do mundo lá fora, poderá influenciar de forma eficaz, o comportamento do indicador poluição, diminuindo-lhe a carga negativa.

Como indicadores mais estimulantes encontra-se a “Beleza geográfica” (5,17), o “Acompanhamento dos amigos” (4,95) e a “Localização Geográfica” (4,94). Refira-se que a “Beleza geográfica” foi o único indicador, na análise por frequências, que teve o “muito estimulante” com maior número de respostas e que se revela como o único factor muito estimulante, tendo em atenção o seu resultado médio (5,17). Gostaríamos de realçar também que beleza e localização geográfica, se relacionam com a composição estética e física do espaço e com os períodos de decisão e escolha anterior à conceção e

construção destes espaços, pelo que se observa uma área de trabalho de arquitetos e urbanistas.

Como indicadores indiferentes, relativamente ao seu potencial de estimulação para a prática de atividades físicas e desportivas, encontram-se, somente, a “Existência de cartazes sobre atividades físicas de desportivas”, mas que pelo valor se percebe (4.32), estar no limite para ser considerado estimulante, a “Existência de serviços de emergência” e “Regulação do trânsito nas imediações”.

Todos os estudos em que se usou a escala de autopercepção tiveram resultados semelhantes. “Chuva” e “Poluição” foram encontrados como os indicadores inibidores (Reis, 2001; Collet et al, 2008; Petroski et al, 2009; Silva et al, 2009) e os indicadores encontrados com maior potencial de estimulação foram os seguintes: “Beleza” e “Localização geográfica”, “Existência de pista caminhada/ corrida” e “Beleza arquitetónica das estruturas construídas” (Reis, 2001; Collet et al, 2008; Petroski et al, 2009; Silva et al, 2009). No nosso caso, ainda que ocupando diferentes posições, encontramos os mesmos indicadores, excetuando a “Beleza arquitetónica das estruturas construídas”, como os mais votados, revelando de alguma maneira a mesma constância já anteriormente encontrada na análise dos motivos da visita.

Quando se procede ao agrupamento dos indicadores de cada fator, verifica-se que o Fator Geográfico será o fator com menor potencial de estimulação (3,6), sendo o Fator de Valores e Atitudes (4,69), o mais estimulante. Consideramos muito interessante a questão das redes sociais de apoio que contribuem de forma decisiva para a adoção e manutenção de programas de condição física por parte das pessoas. Este é seguido de muito perto pelo Fator Tecnológico e Arquitetónico (4,66). Reforçamos a importância do resultado deste fator, pois parece-nos ser aquele em que a intervenção de técnicos da área de desporto e educação física, poderá contribuir para que os espaços verdes urbanos, sejam mais atrativos para a prática de atividades físicas e desportivas. Atente-se que o valor do indicador “Pista” é extremamente elevado (4.88). Do mesmo modo, o indicador “Existência de eventos AFD”, obteve um score interessante (4,7), que a par do anterior nos parece passível de intervenção e deverá merecer atenção das pessoas ligadas ao desporto.

Resultados semelhantes foram encontrados quando agrupámos os fatores. Assim, também em Petroski (2009), Silva (2009), Reis (2001), os Fatores Valores e Atitudes e o Tecnológico e Arquitetónico, foram os mais estimulantes.

<b>Indicadores Ambientais</b>	<b>Score Indicador (média)</b>	<b>Média dos Fatores</b>
Chuva	<b>1.98</b>	Fator Geográfico <b>3.6</b>
Poluição	<b>2.32</b>	
Beleza Geográfica	<b>5.17</b>	
Localiza Geográfica	<b>4.94</b>	
Pista	<b>4.88</b>	Fator Tecnológico e Arquitetónico 4.66
Outros Equipamentos	4.6	
Estacionamento	4.58	
Beleza arquitetónica das estruturas construídas	4.59	
Eventos AFD	4.7	Fator Político e Normativo 4.41
Cartazes AFD	4.32	
Serviços emergência	4.29	
Segurança Pública	4.5	
Regulação Trânsito	4.22	
Comportamento Utilizadores	4.61	Fator Valores e Atitudes <b>4.69</b>
Acompanhamento amigos	<b>4.95</b>	
Valor atribuído aos outros	4.53	

Quadro 8 – Média Indicadores e dos Fatores da Escala Auto Percepção

#### » Fatores Ambientais

Quisemos nesta fase do questionário inquirir sobre alguns aspetos relacionados com a escala de auto percepção, para tentar entender melhor as respostas. Assim, decidimos concretizar algumas questões, relativamente a alguns indicadores da mesma escala.

Ao perguntarmos sobre se os utilizadores preferiam ter as Pistas de caminhada ou corrida, juntas ou separadas (tabela 17), e que tipo de piso as mesmas deveriam ter (tabela 18), uma percentagem elevada considera que as pistas de caminhada, corrida ou ciclável devem estar separadas (41,8%) e que deverão ser preferencialmente de alcatrão (39,3%) ou de terra batida (21,4%), valores que não podemos ignorar.

*Tabela 17 – Coexistência das Pistas*

	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulada
JUNTAS	75	17,4	17,4	17,4
SEPARADAS	180	41,7	<b>41,8</b>	59,2
INDIFERENTE	176	40,7	<b>40,8</b>	100,0
Total	431	99,8	100,0	
Omissos	1	,2		
Total	432	100,0		

*Tabela 18 – Tipo de Piso*

	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulada
TERRA BATIDA	92	21,3	<b>21,4</b>	21,4
ALCATRÃO	169	39,1	<b>39,3</b>	60,7
INDIFERENTE	153	35,4	<b>35,6</b>	96,3
OUTRO	8	1,9	1,9	98,1
TARTÃ	8	1,9	1,9	100,0
Total	430	99,5	100,0	
Omissos	2	,5		
Total	432	100,0		

Quando perguntámos se as pistas deveriam ser acompanhadas de cartazes com informações sobre AFD (tabela 19), as respostas foram, indiscutivelmente, “Sim” (74,7%). De alguma forma este valor contradiz o encontrado na escala de autopercepção, pois esta foi considerada “indiferente” relativamente ao seu potencial de estimulação.

Tabela 19 – Informações AFD

	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulada
SIM	322	74,5	<b>74,7</b>	74,7
NÃO	5	1,2	1,2	75,9
INDIFERENTE	104	24,1	24,1	100,0
Total	431	99,8	100,0	
Omissos	1	,2		
Total	432	100,0		

Consideramos de extrema importância os espaços verdes serem compostos de algum tipo de equipamento, que possa auxiliar quem queira fazer um programa de condição física de forma informal. Assim, quando inquiridos sobre o tipo de equipamento que os motivaria mais para a prática de atividades físico-desportivas (tabela 20) as respostas foram os circuitos de condição física (26,8%), os aparelhos de ginásio (22,1%) e as pistas (19,1%). São expressivos estes números, deixando poucas dúvidas sobre a preferência relativamente a este tipo de equipamentos.

Tabela 20 – Tipo de equipamento

	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulada
CIRC COND FISICA	115	26,6	<b>26,8</b>	26,8
CAMPO TÊNIS	31	7,2	7,2	34,0
CAMPO BASQUETEBOL	25	5,8	5,8	39,9
CAMPO POLIDESPORTIVO	37	8,6	8,6	48,5
APARELHOS GINÁSIO	95	22,0	<b>22,1</b>	70,6
PISTA CAMIN/ CORRIDA/ BICICLETA	82	19,0	<b>19,1</b>	89,7
INDIFERENTE	36	8,3	8,4	98,1
OUTRO	7	1,6	1,6	99,8
SKATEPARQUE	1	,2	,2	100,0
Total	429	99,3	100,0	
Omissos	3	,7		
Total	432	100,0		

Quando inquiridos sobre qual a regularidade dos programas/eventos (tabela 21) que os motivariam mais para a prática de atividades físico desportivas,

62,7% considera que seria semanal e as aulas de grupo (56,8%) o tipo de evento preferido (tabela 22).

*Tabela 21 – Regularidade dos eventos*

	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulada
SEMANAL	271	62,7	<b>62,7</b>	62,7
BISSEMANAL	46	10,6	10,6	73,4
MENSAL	60	13,9	13,9	87,3
TRIMESTRAL	2	,5	,5	87,7
SEMESTRAL	1	,2	,2	88,0
ANUAL	3	,7	,7	88,7
INDIFERENTE	49	11,3	11,3	100,0
Total	432	100,0	100,0	

*Tabela 22 – Tipo de programa*

	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulada
AULAS GRUPO	243	56,3	<b>56,8</b>	56,8
CORRIDA/ MARCHA	185	42,8	43,2	100,0
Total	428	99,1	100,0	
Omissos	4	,9		
Total	432	100,0		

Já relativamente ao tipo de acompanhamento técnico preferido (tabela 23), mais de metade opta por atividades acompanhadas por técnico com caráter educativo/ informativo (67,4%). 20% prefeririam um “plano indicativo de tarefas” sem outro tipo de acompanhamento.

*Tabela 23 – Tipo de acompanhamento*

	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulada
ACOMPANHADAS TECNICO	287	66,4	67,4	67,4
PLANO TAREFAS	87	20,1	20,4	87,8
SEM ACOMPANHAMENTO	52	12,0	12,2	100,0
Total	426	98,6	100,0	
Omissos	6	1,4		
Total	432	100,0		

Quando inquiridos sobre o tipo de informação (tabela 24) que os motivaria mais para a prática de atividades físico desportivas, 37,9% considera que o melhor seria um mix informativo.

Tabela 24 – Informação dos cartazes

	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulada
EFEITOS FISIOLÓGICOS	40	9,3	9,3	9,3
PLANOS TREINO	82	19,0	<b>19,1</b>	28,4
ASPETOS REL SAUDE	63	14,6	<b>14,7</b>	43,0
PROBLEMAS INATIVIDADE FISICA	15	3,5	3,5	46,5
CONSELHOS SAUDE E AFD	46	10,6	10,7	57,2
TODOS	163	37,7	<b>37,9</b>	95,1
INDIFERENTE	20	4,6	4,7	99,8
OUTROS	1	,2	,2	100,0
Total	430	99,5	100,0	
Omissos	2	,5		
Total	432	100,0		

Parece-nos que os espaços verdes urbanos têm potencial para serem entendidos como espaços de prática desportiva, dando lugar a iniciativas, desde a organização de eventos à composição do espaço com determinadas características e composto por determinados elementos, e, desse modo, abrirem as portas ao Desporto.

## 4.2 – Análise Correlacional

### 4.2.1 Análise correlacional entre os indicadores sociodemográficos e a escala de autoperceção (Hipótese 2)

Nesta fase iremos analisar a influência de cada um dos indicadores sociodemográficos na escala de autoperceção, independentemente dos restantes (Género, Idade, Estado Civil, Escolaridade, Classe social e Atividade profissional).

## » Género

Ao analisarmos a influência do género nas respostas à escala de auto percepção, encontrámos os valores mais elevados em fatores diferentes. O sexo masculino valorizou mais o fator valores e atitudes (4,70) e o sexo feminino o fator tecnológico e arquitetónico (4,75). Ambos referiram o fator geográfico, como menos estimulante e o sexo masculino colocou o fator político e normativo com um valor (4,24) que o coloca como indiferente, relativamente ao seu potencial de estimulação. Na análise seguinte, encontrámos as seguintes diferenças estatisticamente significativas:

Tabela 25 – Género vs escala auto percepção

	Masculino		Feminino		Sig.
	Média	Dp	Média	Dp	
Fator Geográfico	3,67	0,54	3,56	0,59	0,062 **
Fator Tecnológico e arquitetónico	4,52	0,83	<b>4,75</b>	0,80	0,005 *
Fator Político e normativo	4,24	0,93	4,51	0,88	0,003 *
Fator valores e atitudes	<b>4,70</b>	0,78	4,69	0,85	0,869
Fator global	68,07	9,10	69,84	9,16	0,052 **

\*  $p \leq 0,05$       \*\*  $p \leq 0,10$

Quanto ao Fator Geográfico,  $t(430) = 1,875$ ,  $p=0,062$ , os homens consideram este fator mais estimulante do que as mulheres (3,67 versus 3,56). Interpretamos esta diferença, pela diferença de atitude de homens e mulheres face aos fatores “Chuva” e “Poluição”. Uma maior indiferença destes face a estes fatores, poderá ser uma resposta possível.

Relativamente ao Fator Tecnológico e arquitetónico,  $t(430) = -2,846$ ,  $p=0,005$ , as mulheres consideram este fator mais estimulante do que os homens (4,75 versus 4,52), assim como no Fator Político e normativo,  $t(430) = -2,942$ ,  $p=0,003$ , (4,51 versus 4,24). Assim, o sexo feminino parece valorizar mais os aspetos internos ao Parque, sendo que o sexo masculino, mostra valorizar menos esses aspetos. Assim, fatores como a “existência de pistas”, “equipamentos disponíveis”, “segurança pública”, “regulação trânsito”, “programas públicos”, “existência de cartazes”, etc, parece influenciar mais as mulheres. Será a ideia de corrida, a conceção base do desporto em versão masculina, despojada por isso, de grandes necessidades e requisitos, que leva

os homens a terem esta percepção, valorizando menos, os equipamentos, a beleza a organização e a funcionalidade do espaço?

No Fator global,  $t(430) = -1,946$ ,  $p=0,003$ , as mulheres consideram este fator mais estimulante do que os homens (69,84 versus 68,07), pelo que aceitamos como confirmada esta hipótese. O sexo é determinante na percepção sobre o espaço, alterando a valorização dos fatores ambientais. As mulheres valorizaram mais, ambos os Parques, relativamente ao seu potencial de estimulação para a prática de AFD, face aos homens.

#### » Idade

Analisando os valores referentes à influência da idade, observa-se que o Fator geográfico foi o menos valorizado, especialmente pelo escalão 16-25 e 26-35. Já o Fator Tecnológico e arquitetónico, Político e normativo e Valores e atitudes foi, sempre, mais valorizado pelo escalão 36-45. Assim, encontramos as seguintes diferenças estatisticamente significativas:

Tabela 26 – Idade vs escala auto percepção

	Até 15		16-25		26-35		36-45		46-55		56-65		> 65		
	M	Dp	M	Dp	M	Dp	M	Dp	M	Dp	M	Dp	M	Dp	
Fator															
Geográf.	3,7	0,4	<b>3,5</b>	0,5	<b>3,5</b>	0,5	3,7	0,6	3,7	0,7	3,7	0,5	3,7	0,9	0,091 **
Fator															
Arquitect.	4,3	0,9	4,4	0,9	4,8	0,7	<b>4,9</b>	0,7	4,7	0,8	4,5	0,8	4,4	0,9	0,000 *
Fator															
Normat.	4,3	0,9	4,3	0,9	4,4	0,8	<b>4,8</b>	0,8	4,3	1,0	4,1	1,0	4,1	1,0	0,000 *
Fator															
Valores	4,5	0,9	<b>4,9</b>	0,7	4,7	0,6	<b>4,9</b>	0,8	4,5	1,0	4,4	0,8	4,6	1,1	0,001 *
F. Global	66,8	9,9	67,9	9,4	69,5	7,8	<b>72,6</b>	8,2	68,9	10,1	66,5	8,0	66,6	8	0,000 *

\*  $p \leq 0,05$

\*\*  $p \leq 0,10$

No Fator Geográfico (tabela 26.a),  $F(3 \ 426) = 7,082$ ,  $p=0,000$ , a análise do teste de comparação múltipla a posteriori indica-nos que as diferenças significativas se encontram entre os sujeitos do escalão 56-65 anos e os dos escalões 26-35 anos, sendo que os primeiros consideram este fator como sendo mais estimulante (3,71 vs 3,48). Assim, a “chuva” e a “poluição”, a

“beleza” e a “localização geográfica” parecem afetar negativamente mais o escalão 26-35, sendo que o escalão 56-65 anos, valoriza mais estes fatores.

Tabela 26.a – Teste de Tukey

ESCALÃO	N	Subset for alpha = 0.05	
		1	2
26-35	82	3,4848	
16-25	92	3,5082	3,5082
36-45	105	3,6524	3,6524
46-55	66	3,6818	3,6818
> 65	20	3,6875	3,6875
até 15 anos	13	3,6923	3,6923
56-65	52		3,7163
Sig.		,596	,596

Relativamente ao Fator Tecnológico e arquitetônico (tabela 26.b),  $F(3, 426) = 7,082$ ,  $p=0,000$ , a análise do teste de comparação múltipla a posteriori indica-nos que as diferenças significativas se encontram entre os sujeitos do escalão 36-45 anos e os do escalão até 15 anos, sendo que os primeiros consideram este fator como mais estimulante (4,9 vs 4,3). Assim, os jovens até 15 anos não parecem valorizar este fator ao invés de escalões da população em idade ativa (36-45) para quem fará sentido, haver equipamentos de apoio à prática de AFD nos espaços em questão. De realçar que este valor sobe à medida que se avança no escalão, tendo a valorização máxima no escalão 36-45 e voltando a descer com os escalões mais altos. Parece que a influência da “existência de equipamentos”, de “pista”, “estacionamento” e “beleza das estruturas”, tende a ser mais valorizada pelos utilizadores em idade adulta e ativa.

Tabela 26.b – Teste de Tukey

ESCALÃO	N	Subset for alpha = 0.05	
		1	2
até 15 anos	13	4,3077	
> 65	20	4,3875	4,3875
16-25	92	4,4402	4,4402
56-65	52	4,4663	4,4663
46-55	66	4,7159	4,7159
26-35	82	4,8293	4,8293

ESCALÃO	N	Subset for alpha = 0.05	
36-45	105	4,9024	
Sig.		,077	,084

No Fator Político e normativo (tabela 26.c),  $F(3, 426) = 3,111$ ,  $p=0,026$ , a análise do teste de comparação múltipla a posteriori indica-nos que as diferenças significativas se encontram entre os sujeitos do escalão 36-45 anos e os do escalão + 65 anos e 56-65. Os primeiros consideram este fator como sendo mais estimulante (4,75 vs 4,11 e 4,13). Mais uma vez, observamos um comportamento semelhante ao fator anterior, em que os escalões etários intermédios, tendem a considerar o fator mais estimulante, sendo que a diferença aqui é a de que com o avançar da idade, este fator perde, ainda mais, o seu potencial de estimulação.

*Tabela 26.c – Teste de Tukey*

ESCALÃO	N	Subset for alpha = 0.05	
		1	2
> 65	20	4,1100	
56-65	52	4,1308	
até 15 anos	13	4,2615	4,2615
16-25	92	4,2957	4,2957
46-55	66	4,3455	4,3455
26-35	82	4,4317	4,4317
36-45	105		4,7562
Sig.		,716	,210

Na análise feita ao Fator Valores e atitudes (tabela 26.d),  $F(3, 426) = 2,191$ ,  $p=0,096$ , a análise do teste de comparação múltipla a posteriori indica-nos que as diferenças significativas se encontram entre os sujeitos do escalão 16-25 e os do escalão 56-65 anos, sendo que os primeiros consideram este fator como mais estimulante (4,87 vs 4,36). É do senso comum referir o carácter grupal da vida dos jovens, ao invés do carácter solitário que envolve a vida dos mais

velhos. Assim, os aspetos relacionados com o outro, com o convívio, parecem ser mais determinantes nos escalões etários mais baixos.

*Tabela 26.d – Teste de Tukey*

ESCALÃO	N	Subset for alpha = 0.05	
		1	2
56-65	52	4,3654	
até 15 anos	13	4,5128	4,5128
46-55	66	4,5253	4,5253
> 65	20	4,5667	4,5667
26-35	82	4,6911	4,6911
36-45	105	4,8730	4,8730
16-25	92		4,8768
Sig.		,093	,293

Na análise feita à totalidade da escala (tabela 26.e),  $F(3\ 426) = 3,126$ ,  $p=0,026$ , a análise do teste de comparação múltipla a posteriori indica-nos que as diferenças significativas se encontram entre os sujeitos do escalão 36-45 e o do escalão 56-65 anos, sendo que os primeiros consideram este fator como mais estimulante (72,61 vs 66,48), pelo que aceitamos como confirmada esta hipótese. Assim, os inquiridos em idade adulta e ativa parecem valorizar mais, de forma geral, os fatores ambientais apresentados, relativamente aos escalões mais altos e mais baixos.

*Tabela 26.e – Teste de Tukey*

ESCALÃO	N	Subset for alpha = 0.05	
		1	2
56-65	52	66,4808	
> 65	20	66,5500	66,5500
até 15 anos	13	66,8462	66,8462
16-25	92	67,9022	67,9022
46-55	66	68,8939	68,8939
26-35	82	69,4878	69,4878
36-45	105		72,6190
Sig.		,054	,224

Ainda que não confirmando todos os dados existentes, observando-se uma variedade do comportamento desta variável, a idade parece influenciar, como acabámos de verificar, a percepção sobre o ambiente existente. Silva (2009) e Reis (2001) corroboram a influência verificada.

» Estado civil

Analisando a influência do estado civil (tabela 27) na percepção sobre os fatores ambientais, verificamos que o menos estimulante, para todos, foi o Fator Geográfico, sendo que o mais estimulante foi o Fator Valores e atitudes, para os solteiros, enquanto que o Fator Tecnológico e arquitetónico foi o mais valorizado e considerado mais estimulante pelos casados e divorciados. Os divorciados consideram o ambiente mais estimulante na globalidade que os restantes. Faremos a mesma reflexão que anteriormente, pois se o elevado número de jovens inquiridos e a relação destas idades com os outros se revela de extrema importância, isso poderá refletir a maior valorização do Fator Valores e atitudes. Assim, como os divorciados, ainda que por razões diferentes, parecem dar bastante importância a este fator.

Tabela 27 – Estado civil vs escala autopercepção

	Solteiro		Casado		Divorciado		Sig.
	M	Dp	M	Dp	M	Dp	
Fator Geográfico	<b>3,54</b>	0,57	<b>3,63</b>	0,56	<b>3,69</b>	0,56	0,175
Fator Arquitectónico	4,55	0,82	<b>4,7</b>	0,81	<b>4,90</b>	0,67	0,023 *
Fator Normativo	4,44	0,85	4,36	0,94	4,57	0,92	0,319
Fator Valores	<b>4,74</b>	0,79	4,64	0,83	4,86	0,82	0,211
Fator Global	68,80	9,29	69,04	9,19	71,79	8,18	0,154

\*  $p \leq 0,05$

\*\*  $p \leq 0,10$

Encontrou-se a seguinte diferença estatisticamente significativa, no Fator Tecnológico e arquitetónico (tabela 27.a),  $F(2, 418) = 3,819$ ,  $p=0,023$ , a análise do teste de comparação múltipla a posteriori indica-nos que as diferenças significativas se encontram entre os divorciados e os solteiros, sendo que os primeiros consideram este fator como mais estimulante (4,89 vs 4,55), pelo que a hipótese de influência desta variável confirma-se parcialmente.

Tabela 27.a – Teste de Tukey

ESCALÃO	N	Subset for alpha = 0.05	
		1	2
Solteiro	179	4,5517	
Casado	200	4,7075	4,7075
Divorciado	42		4,8988
		,408	,260

## » Escolaridade

Na tabela 28, apresentam-se os resultados referentes ao efeito da escolaridade nos fatores inibidores/estimuladores da prática de atividades físicas. Como esperado, o Fator Geográfico é o fator menos estimulante, sendo que para os inquiridos com o ensino básico e secundário o fator mais estimulante é o Fator Valores e a atitudes, ao passo, que para os inquiridos com o ensino superior, o fator mais estimulante é o Fator Tecnológico e arquitetónico. Por outro lado, o potencial de estimulação aumenta com a escolaridade, o que se observa nos valores do Fator Global. Existirão elementos no espaço, passíveis de serem descodificados e onde o seu potencial de estimulação não é interpretado e compreendido da mesma maneira por todos. Parece que sim. Gomes (2009) refere que em função da “capacidade perceptiva e das conexões emocionais que suscita em cada um, assim uns conseguirão perceber a relação emocional, que poderá provocar a exclusão dos processos de percepção, leitura e assimilação de novas dimensões por parte de estratos da população, em processos de urbanização recentes”.

Tabela 28 – Escolaridade vs escala auto percepção

	Básico		Secundário		Superior		Sig.
	M	Dp	M	Dp	M	Dp	
Fator Geográfico	<b>3,68</b>	0,60	<b>3,57</b>	0,54	<b>3,60</b>	0,58	0,247
Fator Arquitectónico	4,50	0,88	4,66	0,85	<b>4,83</b>	0,65	0,003 *
Fator Normativo	4,23	0,97	4,40	0,95	4,58	0,75	0,005 *
Fator Valores	<b>4,62</b>	0,95	<b>4,74</b>	0,79	4,71	0,71	0,495
Fator Global	67,72	8,90	69,15	10,02	70,74	7,59	0,015 *

- $p \leq 0,05$
- \*\*  $p \leq 0,10$

Encontrámos as seguintes diferenças estatisticamente significativas. No Fator Tecnológico e arquitetónico (tabela 28.a),  $F(2, 418) = 5,950$ ,  $p=0,003$ , a análise do teste de comparação múltipla a posteriori indica-nos que as diferenças significativas se encontram entre os utentes com o ensino superior e os com o ensino básico, sendo que os primeiros consideram este como sendo mais estimulante (4,82 vs 4,50).

*Tabela 28.a – Teste de Tukey*

ESCALÃO	N	Subset for alpha = 0.05	
		1	2
Ens. basico	122	4,5020	
Ens. secundario	176	4,6577	4,6577
Ens. superior	133		4,8289
Sig.		,236	,175

No Fator Político e normativo (tabela 28.b),  $F(2, 418) = 5,384$ ,  $p=0,005$ , a análise do teste de comparação múltipla a posteriori indica-nos que as diferenças significativas se encontram entre os utentes com o ensino superior e os com o ensino básico, sendo que os primeiros consideram este fator como sendo mais estimulante (4,58 vs 4,22).

*Tabela 28.b – Teste de Tukey*

ESCALÃO	N	Subset for alpha = 0.05	
		1	2
Ens. basico	122	4,2295	
Ens. secundario	176	4,4045	4,4045
Ens. superior	133		4,5820
Sig.		,232	,223

O Fator Global (tabela 28.c) confirma o atrás referido,  $F(2, 418) = 4,278$ ,  $p=0,015$ , pois a análise do teste de comparação múltipla a posteriori indica-nos que as diferenças significativas se encontram entre os utentes com o ensino

superior e os com o ensino básico, sendo que os primeiros consideram este como sendo mais estimulante (4,58 vs 4,22), pelo que aceitamos como confirmada esta hipótese.

Tabela 28.c – Teste de Tukey

ESCALÃO	N	Subset for alpha = 0.05	
		1	2
Ens. basico	122	4,2295	
Ens. secundario	176	4,4045	4,4045
Ens. superior	133		4,5820
Sig.		,232	,223

#### » Classe Social

Na análise feita (tabela 29) não encontramos diferenças estatisticamente significativas. A pertença a uma classe social específica não influencia significativamente a perceção dos fatores inibidores/estimuladores da prática de atividades físicas, pelo que a hipótese não se confirma. No entanto e à semelhança do verificado para a escolaridade, ainda que não com a mesma clareza, parece verificar-se que o potencial de estimulação cresce com a Classe Social, pelo menos na análise ao Fator Global, verifica-se que o valor mais alto se encontra com a classe social mais alta e o inverso.

Tabela 29 – Classe Social/ fatores agrupados

	(BEPD)		(PBIC)		(PBTE)		(PBE)		(OIA)		Sig.
	M	Dp	M	Dp	M	Dp	M	Dp	M	Dp	
Fator Geográfico	<b>3,73</b>	0,33	<b>3,53</b>	0,53	3,57	0,61	3,56	0,59	3,47	0,54	0,554
Fator Tecn. Arquitectonico	4,76	0,91	4,82	0,66	<b>4,91</b>	0,69	4,76	0,71	<b>4,64</b>	1,01	0,543
Fator Politico Normativo	<b>4,57</b>	0,91	4,52	0,82	4,53	0,91	<b>4,57</b>	0,86	<b>4,18</b>	1,09	0,259
Fator Valores Atitudes	4,63	0,96	4,64	0,62	4,64	0,92	<b>4,73</b>	0,76	<b>4,58</b>	1,03	0,900
Fator Total	<b>70,71</b>	10,58	69,92	7,09	70,50	9,70	70,29	8,90	<b>67,08</b>	11,87	0,421

Embora Reis (2001) considera muito fracas as influências entre estas variáveis, Silva (2009) encontra associação entre o que chama de Nivel Socioeconómico e a perceção do ambiente. Nomeadamente no Fator Tecnológico e arquitetónico. Assim, a um baixo nível socioeconómico corresponde uma maior valorização deste fator, que inclui, pistas e equipamentos disponíveis.

#### » Atividade Profissional

Quando se analisa o efeito da atividade profissional (tabela 30), sendo que dividimos as respostas entre quem é ativo profissionalmente e não ativo, nos fatores inibidores/estimuladores da prática de atividades físicas, verificamos o mesmo comportamento do Fator Geográfico, sendo que os fatores mais estimulantes foram o Fator Tecnológico e arquitetónico para os ativos e o Fator Valores e atitudes para os não ativos. Assim, encontram-se as seguintes diferenças estatisticamente significativas:

Tabela 30 - Atividade vs escala auto percepção

	Ativo		Não ativo		Sig.
	Média	Dp	Média	Dp	
Fator Geográfico	<b>3,56</b>	0,57	<b>3,65</b>	0,57	0,104
Fator Arquitectonico	<b>4,78</b>	0,76	4,51	0,85	0,001 *
Fator Normativo	4,51	0,89	4,27	0,91	0,008 *
Fator Valores	4,70	0,79	<b>4,68</b>	0,86	0,815
Fator Global	70,03	9,21	68,07	9,01	0,027 *

\*  $p \leq 0,05$       \*\*  $p \leq 0,10$

No Fator Tecnológico e arquitetónico,  $t(382,652) = 3,466$ ,  $p=0,001$ , os utentes ativos consideram este fator mais estimulante do que os utentes não ativos (4,78 versus 4,51). No Fator Político e normativo,  $t(430) = 2,672$ ,  $p=0,008$ , os utentes ativos consideram este fator mais estimulante do que os utentes não ativos (4,51 versus 4,27). Na globalidade,  $t(430) = 2,217$ ,  $p=0,027$ , os utentes ativos consideram este fator mais estimulante do que os utentes não ativos (70,03 versus 68,07), pelo que aceitamos como confirmada esta hipótese. Parece então que os utilizadores ativos profissionalmente valorizam, de forma geral os fatores ambientais, mais que os utilizadores não ativos profissionalmente.

#### 4.2.2 Análise correlacional entre a escala de auto percepção e atividades de lazer

##### » Realização de atividades físicas e desportivas

Ao relacionarmos a escala de auto percepção com a realização de AFD por parte dos inquiridos (tabela 31), obtivemos os seguintes resultados: Para os utilizadores que realizaram AFD o Fator mais estimulante foi o Valores e atitudes. Para os sedentários o Fator Tecnológico e arquitetónico foi o mais estimulante. No entanto, não encontramos diferenças estatisticamente significativas. A realização de AFD não influencia significativamente a escala de auto percepção, o que foi, também, destacado na investigação de Petroski (2009), onde este relacionou a escala de auto percepção com o estágio de mudança comportamental.

*Tabela 31 – Realiza AFD vs escala auto percepção*

	Realiza		Não realiza		Sig.
	Média	Dp	Média	Dp	
Fator Geográfico	<b>3,62</b>	0,58	<b>3,56</b>	0,53	0,383
Fator Arquitectonico	4,65	0,82	<b>4,68</b>	0,80	0,743
Fator Normativo	4,41	0,91	4,40	0,92	0,943
Fator Valores	<b>4,72</b>	0,81	4,61	0,84	0,249
Fator Global	69,28	9,02	68,82	9,65	0,656

##### » Motivos da deslocação ao parque

Quando se analisa o efeito dos motivos da deslocação ao parque (os mais frequentes) nos fatores inibidores/estimuladores da prática de atividades físicas (tabela 32) encontram-se as seguintes diferenças estatisticamente significativas:

*Tabela 32 – Motivos vs escala auto percepção*

	Relaxar		Estar com as crianças		Sig.
	Média	Dp	Média	Dp	
Fator Geográfico	<b>3,66</b>	0,45	<b>3,47</b>	0,60	0,083 **

Fator Architectonico	<b>4,74</b>	0,67	4,62	0,87	0,439
Fator Normativo	4,42	0,79	4,37	1,08	0,813
Fator Valores	4,60	0,82	<b>4,65</b>	0,79	0,791
Fator Global	69,52	8,38	68,15	10,60	0,488

\*  $p \leq 0,05$       \*\*  $p \leq 0,10$

No Fator Geográfico,  $t(92) = 1,755$ ,  $p=0,083$ , os utentes que se deslocam ao parque para relaxar consideram este fator mais estimulante do que os utentes que se deslocam ao parque para estar com as crianças (3,66 versus 3,47). facilmente se percebe a razão que leva a que os que responderam “relaxar”, percebam mais positivamente os indicadores “beleza” e “localização geográfica”. Ao invés disso, quem respondeu “estar com as crianças” valoriza o Fator Valores e atitudes, onde o outro na lógica de acompanhante e do outro frequentador, está presente.

#### » Tipo de atividades físicas e desportivas

Quando se analisa o efeito das atividades praticadas na escala de auto percepção verifica-se que o Fator Valores e atitudes foi o mais estimulante para os adetos da “corrida” e dos “jogos com bola” e o Fator Tecnológico e arquitetónico os mais estimulante para os que realizam “marcha” e “fitness”. Ainda que não o possamos afirmar perentoriamente, verifica-se aqui a equivalência do comportamento desta variável com o comportamento da variável sexo, pelo que parece existir aqui uma associação, entre o sexo masculino e a “corrida” e os “jogos com bola”, e o sexo feminino e a “marcha” e o “fitness”.

Tabela 33 – Tipo AFD vs escala auto percepção

	Corrida		Marcha		Bola		Fitness		Sig.
	M	Dp	M	Dp	M	Dp	M	Dp	
Fator Geográfico	3,64	0,57	3,65	0,66	3,58	0,58	3,61	0,48	0,938
Fator Architectonico	4,56	0,84	<b>4,76</b>	0,84	4,34	0,88	<b>4,79</b>	0,68	0,034 *
Fator Normativo	4,33	0,92	4,43	0,95	4,33	0,88	4,59	0,81	0,273
Fator Valores	<b>4,72</b>	0,84	4,68	0,85	<b>4,78</b>	0,77	4,77	0,75	0,886
Fator Global	68,58	9,01	69,85	9,36	67,65	10,11	70,87	7,65	0,256

•  $p \leq 0,05$       \*\*  $p \leq 0,10$

Encontrámos as seguintes diferenças estatisticamente significativas, no Fator Tecnológico e arquitetónico,  $F(3, 314) = 2,933$ ,  $p=0,034$ , a análise do teste de comparação múltipla a posteriori indica-nos que as diferenças significativas se encontram entre os utentes que praticam “marcha” ou “fitness” e os que praticam “jogos com bola”, sendo que os primeiros consideram este fator como sendo mais estimulante (4,79 e 4,76 vs 4,33). Assim, parece que os praticantes de marcha e frequentadores das atividades de fitness, consideram mais estimulante a “pista de caminhada”, “outros equipamentos” e a “beleza arquitetónica das suas estruturas”. Parece então, lógico, que o facto da marcha ser uma atividade que permite a contemplação, e necessita de uma pista para se realizar, estes tenham valorizado o fator onde se integram. Assim, como os outros equipamentos também deverão ser valorizados, por representarem uma oportunidade de complementar a marcha.

Tabela 33.a – Teste de Tukey

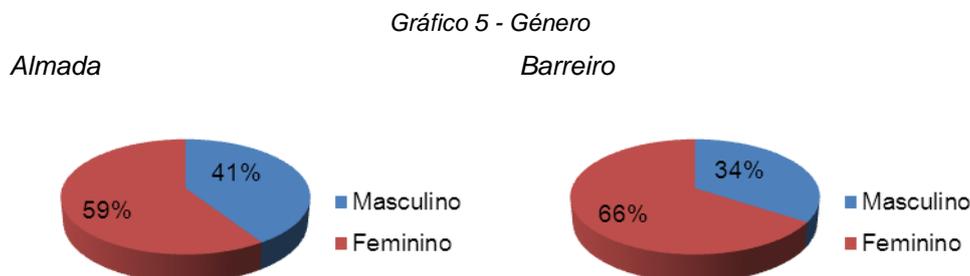
ESCALÃO	N	Subset for alpha = 0.05	
		1	2
bola	20	4,3375	
corrida	120	4,5563	4,5563
marcha	103		4,7621
fitness	75		4,7933
Sig.		,539	,468

### 4.3 Comparação entre o Parque de Almada e o Parque do Barreiro

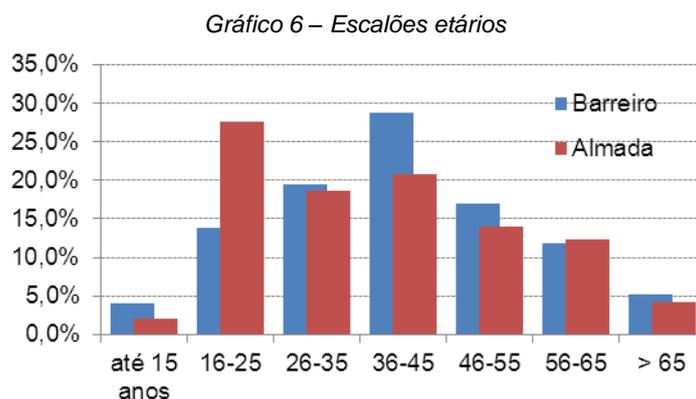
#### 4.3.1 Caracterização sociodemográfica da amostra

A maioria da amostra é composta por elementos do sexo feminino (gráfico 5), sendo que a proporção de mulheres é ligeiramente superior no Parque do Barreiro (66,0% vs 59,0%), embora a diferença não seja estatisticamente significativa,  $\chi^2(1) = 1,960$ ,  $p=0,161$ . Esta diferença foi notória no decorrer da aplicação dos questionários, não só pelo facto de também aqui se ter aplicado o questionário em dias de iniciativas desportivas,

mas, sobretudo, pela existência do parque infantil no Parque da Cidade do Barreiro, onde as mulheres estavam em maioria, como mães e avós.

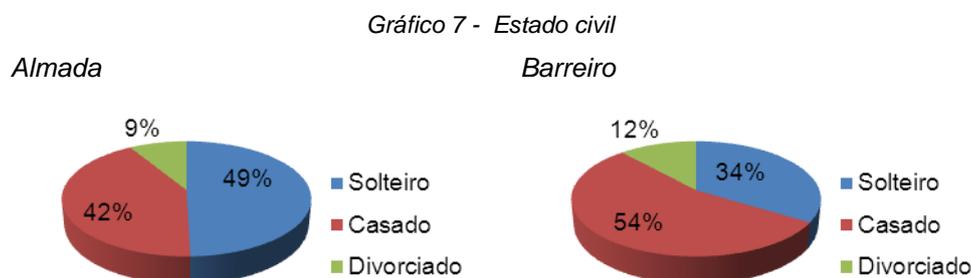


A distribuição das idades por parque pode ser apreciada no gráfico 6. A diferença entre os dois parques é estatisticamente significativa,  $\chi^2(6) = 14,390$ ,  $p=0,0261$ , havendo uma proporção maior do que o esperado de utentes no escalão 16-25 no Parque de Almada (27,7% vs 13,8%). Isto deve-se ao facto de termos encontrado uma turma do ensino secundário a fazer aulas de Educação Física no Parque da Paz em Almada, durante a semana, e ao fim de semana, um treino de um Clube de Beisebol, que usa os amplos relvados para treinar e os termos inquirido.

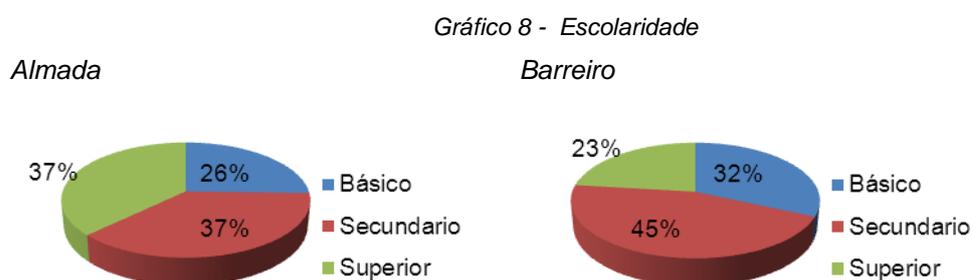


Relativamente ao Estado Civil (gráfico 7) verifica-se uma proporção significativamente mais elevada de solteiros em Almada (49,0% vs 34,0%) e de casados no Barreiro (54,0% vs 42,0%),  $\chi^2(6) = 10,524$ ,  $p=0,005$ . Poder-se-á

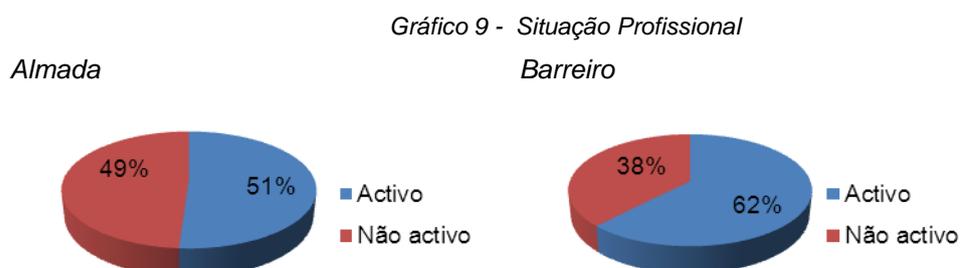
dever à existência do Parque Infantil, ou ao facto mencionado acima referente às idades dos inquiridos, levando a que o número de solteiros em Almada seja substancialmente maior.



A comparação da escolaridade (gráfico 8) dos utentes dos dois parques evidencia uma percentagem significativamente mais elevada de sujeitos com o ensino superior em Almada (37,0% vs 23,0%),  $\chi^2(6) = 10,126, p=0,006$ .



Por último, no que se refere à situação profissional (gráfico 9) existe uma maior proporção de ativos no Barreiro (62,0% vs 51,0%) e Não ativos em Almada (49,0% vs 38,0%), sendo a diferença estatisticamente significativa,  $\chi^2(6) = 5,251, p=0,022$ .



#### 4.3.2 Análise comparada da influência das características sociodemográficas na escala de auto percepção

##### » Género

Relativamente a esta variável observamos que o sexo feminino percebeu de forma mais positiva do que os homens os fatores ambientais, sendo o score global sempre mais alto. Por outro lado, no Parque do Barreiro não se estabeleceram associações significativas entre o sexo e a escala de auto percepção, pelo que não nos será possível comparar o comportamento da variável idade, de forma comparativa, por ele não se verificar.

Tabela 34 – Sexo vs escala auto percepção

	Masculino		Feminino		Sig.
	Média	Dp	Média	Dp	
<b>Almada</b>					
Fator Geográfico	<b>3,77</b>	0,53	<b>3,57</b>	0,52	0,006 *
Fator Arquitetónico	4,41	0,71	<b>4,76</b>	0,83	0,001 *
Fator Normativo	4,22	0,88	4,61	0,83	0,000 *
Fator Valores	<b>4,78</b>	0,78	<b>4,76</b>	0,77	0,885
Fator Global	68,12	8,06	70,70	8,96	0,024 *
<b>Barreiro</b>					
Fator Geográfico	<b>3,53</b>	0,53	<b>3,55</b>	0,65	0,805
Fator arquitetónico	<b>4,68</b>	0,97	<b>4,73</b>	0,76	0,676
Fator Normativo	4,28	1,00	4,39	0,92	0,463
Fator Valores	4,59	0,77	4,61	0,92	0,911
Fator Global	68,00	10,48	68,89	9,31	0,545

\*  $p \leq 0,05$

No entanto em Almada, encontraram-se as seguintes diferenças estatisticamente significativas. No Fator Geográfico,  $t(235) = 2,785$ ,  $p=0,000$ , os homens consideram este fator mais estimulante do que as mulheres (3,77 versus 3,57). No Fator Tecnológico e arquitetónico,  $t(235) = -3,401$ ,  $p=0,000$ , as mulheres consideram este fator mais estimulante do que os homens (4,76 versus 4,41).

Relativamente ao Fator Político e normativo,  $t(235) = -3,538$ ,  $p=0,005$ , as mulheres consideram este fator mais estimulante do que os homens (4,61 versus 4,22).

Globalmente,  $t(235) = -2,267$ ,  $p=0,005$ , as mulheres consideram este o Fator Global mais estimulante do que os homens (70,70 versus 68,12). Estes valores são semelhantes aos encontrados anteriormente na amostra global.

## » Idade

Quando se analisa o efeito da idade (tabela 36) nos fatores inibidores/estimuladores da prática de atividades físicas observa-se o comportamento anterior de sobe e desce, à medida que avançamos no escalão etário. Deste modo, em ambos os Parques o escalão onde se encontra o maior valor (72,6) é no escalão de 36-45 anos. Curiosamente em Almada observa-se uma subida dos valores no escalão +65 anos (72,3), que não se observa de todo no Barreiro (60,8%). Assim, encontraram-se as seguintes diferenças estatisticamente significativas:

Tabela 35 – Idade vs escala autopercção

	Até 15		16-25		26-35		36-45		46-55		56-65		> 65		Sig.
	M	Dp	M	Dp	M	Dp	M	Dp	M	Dp	M	Dp	M	Dp	
<b>Almada</b>															
F. Geográfico	3,6	0,2	3,5	0,5	3,6	0,4	3,8	0,5	3,7	0,7	3,8	0,6	3,7	0,7	0,060**
F. arquitectonico	4,4	0,9	4,3	0,8	4,8	0,6	4,9	0,7	4,7	0,9	4,4	0,8	4,9	0,7	0,003*
F. Normativo	4,3	0,9	4,3	0,9	4,6	0,6	4,7	0,8	4,6	1,0	4,2	1,0	4,5	0,7	0,175
F. Valores	4,8	1,0	4,9	0,6	4,7	0,6	4,8	0,7	4,7	1,0	4,5	0,9	5,2	0,5	0,082**
F. Global	<b>67,6</b>	9,8	67,7	8,7	70,4	5,7	<b>72,6</b>	8,1	70,7	11,0	<b>67,2</b>	8,0	72,3	7,0	0,031*
<b>Barreiro</b>															
F. Geográfico	3,8	0,5	3,5	0,6	3,4	0,6	3,5	0,6	3,7	0,6	3,6	0,5	3,7	1,0	0,553
F. arquitectonico	4,3	1,0	4,7	1,0	4,9	0,8	4,9	0,8	4,7	0,7	4,5	0,8	3,9	1,0	0,007*
F. Normativo	4,3	1,0	4,3	0,9	4,3	1,1	4,8	0,7	4,1	0,9	4,1	1,0	3,8	1,0	0,001*
F. Valores	4,3	0,8	4,8	0,8	4,6	0,7	4,9	0,8	4,4	0,9	4,2	0,7	3,9	1,2	0,000*
F. Global	<b>66,4</b>	10,6	68,3	11,2	68,4	9,7	<b>72,6</b>	8,4	67,1	9,0	<b>65,6</b>	8,0	60,8	10	0,002**

\*  $p \leq 0,05$ \*\*  $p \leq 0,10$ 

No Fator Geográfico e no parque de Almada (tabela 36.a),  $F(6, 228) = 2,052$ ,  $p=0,060$ , as diferenças significativas encontram-se entre os utentes com 56-65 anos e os com 16-25 anos, sendo que os primeiros consideram este fator como mais estimulante (3,81 vs 3,51). Assim, os utentes desse escalão perceberam mais positivamente os fatores “chuva”, “poluição”, “beleza” e “localização geográfica”.

Tabela 35.a – Teste de Tukey

Idade	N	Subset for alpha = 0.05	
		1	2
16-25	65	3,5192	

Idade	N	Subset for alpha = 0.05	
		1	2
até 15 anos	5	3,5500	3,5500
26-35	44	3,5568	3,5568
46-55	33	3,7121	3,7121
> 65	10	3,7250	3,7250
36-45	49	3,7806	3,7806
56-65	29		3,8190
Sig.		,654	,534

No Fator Tecnológico e arquitetónico e em Almada (tabela 36.b),  $F(6, 228) = 3,462$ ,  $p=0,003$ , as diferenças significativas encontram-se entre os utentes com 36-45 anos e os com 16-25 anos, sendo que os primeiros consideram este fator como mais estimulante (4,90 vs 4,34).

*Tabela 35.b – Teste de Tukey*

Idade	N	Subset for alpha = 0.05	
		1	2
16-25	65	4,3423	
até 15 anos	5	4,4000	4,4000
56-65	29	4,4397	4,4397
46-55	33	4,7045	4,7045
26-35	44	4,7784	4,7784
> 65	10	4,8500	4,8500
36-45	49		4,9082
Sig.		,339	,534

No mesmo fator mas no Parque do Barreiro (tabela 36.c),  $F(6, 188) = 3,050$ ,  $p=0,007$ , as diferenças significativas encontram-se entre os utentes com mais de 65 anos e os com 26-35, 36-45 e 46-55, sendo que os primeiros consideram este fator como menos estimulante (3,92 vs 4,72, 4,88 e 4,89). Observamos a tendência para os escalões etários intermédios, em ambos os Parques, valorizarem mais este fator.

*Tabela 35.c – Teste de Tukey*

Idade	N	Subset for alpha = 0.05	
		1	2
> 65	10	3,9250	

Idade	N	Subset for alpha = 0.05	
até 15 anos	8	4,2500	4,2500
56-65	23	4,5000	4,5000
16-25	27	4,6759	4,6759
46-55	33		4,7273
26-35	38		4,8882
36-45	56		4,8973
Sig.		,080	,197

Relativamente ao Fator Político e normativo (tabela 36.d), no Parque do Barreiro  $F(6, 188) = 4,014$ ,  $p=0,001$ , as diferenças significativas encontram-se entre os utentes com 36-45 anos e os com mais de 65 anos, sendo que os primeiros consideram este fator como mais estimulante (3,92 vs 4,72 4,88 e 4,89). Já tínhamos observado este comportamento de diminuir o seu potencial de estimulação à medida que avança a idade. O escalão 36-45 é o escalão dos pais, que frequentam o Parque do Barreiro com as suas crianças no Parque Infantil e que portanto, valorizam mais os aspetos organizativos, funcionais e de segurança do Parque.

*Tabela 35.d – Teste de Tukey*

Idade	N	Subset for alpha = 0.05	
		1	2
> 65	10	3,7600	
56-65	23	4,0957	4,0957
46-55	33	4,0970	4,0970
até 15 anos	8	4,2500	4,2500
16-25	27	4,2593	4,2593
26-35	38	4,2737	4,2737
36-45	56		4,8179
Sig.		,606	,199

No Fator Valores e atitudes (tabela 36.e) e no Parque Almada,  $F(6, 228) = 1,796$ ,  $p=0,082$ , as diferenças significativas encontram-se entre os utentes com > 65 anos e os com 56-65 anos, sendo que os primeiros consideram este fator

como mais estimulante (5,23 vs 4,45). Observamos aqui um comportamento curioso, onde uns (>65) parecem acusar a necessidade do outro e da importância do outro, que está presente no parque, e os outros assumem a não necessidade disso mesmo, a curiosidade reside na sequência. Ora tanto queremos assumir a nossa independência e autonomia e clamá-la bem alto, como a seguir, como quem assume uma derrota, requer o contrário.

*Tabela 35.e – Teste de Tukey*

Idade	N	Subset for alpha = 0.05	
		1	2
56-65	29	4,4598	
46-55	33	4,6869	4,6869
26-35	44	4,7424	4,7424
até 15 anos	5	4,8000	4,8000
36-45	49	4,8027	4,8027
16-25	65	4,9077	4,9077
> 65	10		5,2333
Sig.		,595	,348

Por outro lado, no Parque do Barreiro (36.f),  $F(6, 188) = 4,293$ ,  $p=0,000$ , as diferenças significativas encontram-se entre os utentes com 36-45 anos, 16-25 anos e os com mais de 65 anos, sendo que os primeiros consideram este fator como mais estimulante (4,93 e 4,80 vs 3,90), contrariando o que atrás foi dito! E assim, os idosos do Barreiro, com mais de 65 anos, desvalorizam os aspetos sociais e grupais como estimulantes para a prática de actividades físicas e desportivas.

*Tabela 35.f – Teste de Tukey*

Idade	N	Subset for alpha = 0.05	
		1	2
> 65	10	3,9000	
56-65	23	4,2464	4,2464
até 15 anos	8	4,3333	4,3333
46-55	33	4,3636	4,3636
26-35	38	4,6316	4,6316
16-25	27		4,8025

Idade	N	Subset for alpha = 0.05	
		1	2
36-45	56		4,9345
Sig.		,108	,156

Na globalidade e em Almada (tabela 36.g)  $F(6, 228) = 2,360$ ,  $p=0,031$ , as diferenças significativas encontram-se entre os utentes com 36-45 anos e os com 56-65 anos, sendo que os primeiros consideram este fator como mais estimulante (72,59 vs 67,20).

*Tabela 35.g – Teste de Tukey*

Idade	N	Subset for alpha = 0.05	
		1	2
56-65	29	67,2069	
até 15 anos	5	67,6000	67,6000
16-25	65	67,7231	67,7231
26-35	44	70,4091	70,4091
46-55	33	70,6970	70,6970
> 65	10	72,3000	72,3000
36-45	49		72,5918
Sig.		,512	,512

No Parque do Barreiro,  $F(6, 188) = 3,530$ ,  $p=0,002$ , as diferenças significativas encontram-se (tabela 36.h) entre os utentes com 36-45 anos e os com mais de 65 anos, sendo que os primeiros consideram este fator como mais estimulante (72,64 vs 60,80). Observa-se aqui um comportamento semelhante em ambos os Parques, com o escalão 36-45 a perceber o espaço mais positivamente que os demais.

*Tabela 35.h – Teste de Tukey*

Idade	N	Subset for alpha = 0.05	
		1	2
> 65	10	60,8000	
56-65	23	65,5652	65,5652
até 15 anos	8	66,3750	66,3750
46-55	33	67,0909	67,0909
16-25	27	68,3333	68,3333
26-35	38	68,4211	68,4211

Idade	N	Subset for alpha = 0.05	
36-45	56	72,6429	
Sig.		,175	,251

#### » Estado Civil

Na análise feita e isolando o estado civil (tabela 37), observa-se que os solteiros de Almada valorizaram mais o Fator Valores e atitudes (4,8) ao invés dos solteiros do Barreiro que valorizaram mais o Fator Tecnológico e arquitectónico (4,7). Já os casados valorizaram igualmente o Fator Valores e atitudes, sendo que ambos valorizaram o Fator Tecnológico e arquitectónico (4,7). Os divorciados em ambos os Parques, tiveram dois Fatores como mais valorizados, o Fator Tecnológico e arquitectónico (4,8 e 5,0) e o Fator Valores e atitudes (4,8 e 5,0). Assim, encontram-se as seguintes diferenças estatisticamente significativas:

Tabela 36 – Estado civil vs escala autopercepção

	Solteiro		Casado		Divorciado		Sig.
	Média	Dp	Média	Dp	Média	Dp	
<b>Almada</b>							
Fator Geográfico	3,6	0,5	3,7	0,6	3,8	0,5	0,180
Fator Arquitectonico	4,5	0,8	<b>4,7</b>	0,8	<b>4,8</b>	0,8	0,046 *
Fator Normativo	4,4	0,8	4,4	1,0	<b>4,8</b>	0,7	0,143
Fator Valores	<b>4,8</b>	0,7	<b>4,7</b>	0,8	<b>4,8</b>	0,8	0,699
Fator Global	68,9	8,7	69,9	9,0	72,8	7,2	0,172
<b>Barreiro</b>							
Fator Geográfico	3,4	0,7	3,6	0,5	3,6	0,6	0,379
Fator Arquitectonico	<b>4,7</b>	0,9	<b>4,7</b>	0,8	<b>5,0</b>	0,6	0,087 **
Fator Normativo	4,5	0,9	4,3	0,9	4,3	1,1	0,496
Fator Valores	4,6	0,9	4,6	0,8	<b>5,0</b>	0,8	0,145
Fator_Global	68,7	10,3	68,2	9,3	70,9	9,1	0,495

\*  $p \leq 0,05$

\*\*  $p \leq 0,10$

Relativamente ao Fator Tecnológico e arquitectónico e em Almada (tabela 37.a),  $F(2, 229) = 3,127$ ,  $p=0,046$ , as diferenças significativas encontram-se entre os

casados e os solteiros, sendo que os primeiros consideram este fator como sendo mais estimulante (4,73 vs 4,48).

*Tabela 36.a – Teste de Tukey*

ESCALÃO	N	Subset for alpha = 0.05	
		1	2
Solteiro	115	4,4870	
Casado	97		4,7345
Divorciado	20	4,8000	4,8000
Sig.		,160	,236

No Parque do Barreiro (tabela 37.b),  $F(2, 186) = 2,537$ ,  $p=0,087$ , as diferenças significativas encontram-se entre os divorciados e os casados, sendo que os primeiros consideram este fator como sendo mais estimulante (4,98 vs 4,68).

Assim, estado civil parece afetar a percepção ainda que de forma diferente, nos dois espaços, havendo a tendência em ambos, de os divorciados valorizarem mais os fatores ambientais.

*Tabela 36.b – Teste de Tukey*

ESCALÃO	N	Subset for alpha = 0.05	
		1	2
Solteiro	64	4,6680	4,6680
Casado	103	4,6820	
Divorciado	22		4,9886
Sig.		,170	,170

#### » Escolaridade

Na tabela 38, apresentamos os valores referentes ao nível de Escolaridade. Dividimos a amostra em três grupos, com o Ensino Básico, Secundário e Superior e observamos os seguintes valores, que destacamos. Verificando-se mais em Almada do que no Barreiro, existe em ambos a tendência para a valorização dos fatores ambientais ser maior com o aumento da escolaridade. O fator mais valorizado em Almada foi o Valores e atitudes e no Barreiro o Fator Tecnológico e arquitetónico, em todos os níveis de

escolaridade. Encontraram-se as seguintes diferenças estatisticamente significativas:

Tabela 37 – Escolaridade vs escala auto percepção

	Básico		Secundário		Superior		Sig.
	Média	Dp	Média	Dp	Média	Dp	
<b>Almada</b>							
Fator Geográfico	3,7	0,5	3,6	0,5	3,7	0,5	0,792
Fator Arquitetónico	4,5	0,9	4,6	0,9	<b>4,8</b>	0,6	0,018 *
Fator Normativo	4,3	1,0	4,5	0,9	4,6	0,7	0,161
Fator Valores	<b>4,8</b>	0,9	<b>4,8</b>	0,8	<b>4,8</b>	0,6	0,884
Fator Global	68,3	8,8	69,3	9,5	71,2	6,9	0,072 **
<b>Barreiro</b>							
Fator Geográfico	3,7	0,7	3,5	0,5	3,4	0,7	0,089 **
Fator Arquitetónico	<b>4,5</b>	0,9	<b>4,7</b>	0,8	<b>4,9</b>	0,7	0,095 **
Fator Normativo	4,2	0,9	4,4	1,0	4,6	0,8	0,078 **
Fator Valores	<b>4,5</b>	1,0	<b>4,7</b>	0,8	4,5	0,8	0,132
Fator Global	67,2	9,1	69,0	10,6	69,8	8,7	0,339

\*  $p \leq 0,05$       \*\*  $p \leq 0,10$

No Fator Tecnológico e arquitetónico e em Almada (tabela 38.a),  $F(2, 233) = 4,155$ ,  $p=0,018$ , as diferenças significativas encontram-se entre os utentes com o ensino superior e os com o ensino básico, sendo que os primeiros consideram este fator como sendo mais estimulante (4,79 vs 4,45).

Tabela 37.a – Teste de Tukey

ESCALÃO	N	Subset for alpha = 0.05	
		1	2
Ens. basico	60	4,4583	
Ens. secundario	88	4,5767	4,5767
Ens. superior	88		4,7955
Sig.		,616	,194

Também, no Parque do Barreiro (tabela 38.b),  $F(2, 192) = 2,386$ ,  $p=0,095$ , as diferenças significativas encontram-se entre os utentes com o ensino superior e os com o ensino básico, sendo que os primeiros consideram este fator como

sendo mais estimulante (4,89 vs 4,54). Verifica-se assim, o mesmo comportamento em ambos os Parques.

*Tabela 37.b – Teste de Tukey*

ESCALÃO	N	Subset for alpha = 0.05	
		1	2
Ens. Basico	62	4,5444	
Ens. Secundario	88	4,7386	4,7386
Ens. Superior	45		4,8944
Sig.		,157	,225

Já no Fator Geográfico e no Parque do Barreiro (tabela 38.c),  $F(2, 192) = 2,454$ ,  $p=0,089$ , as diferenças significativas encontram-se entre os utentes com o ensino básico e os utentes com o ensino superior, sendo que os primeiros consideram este fator como sendo mais estimulante (3,68 vs 3,43). Este valor contraria a tendência geral, que era a de o valor percebido ir aumentando com o aumento da escolaridade. Neste caso, e relativamente ao Factor Geográfico, observa-se que os utilizadores com o ensino básico valorizaram mais este fator que os utilizadores com o ensino superior.

*Tabela 37.c – Teste de Tukey*

ESCALÃO	N	Subset for alpha = 0.05	
		1	2
Ens. Superior	45	3,4389	
Ens. Secundario	88	3,5028	3,5028
Ens. Basico	62		3,6815
Sig.		,176	,376

No Fator Político e normativo no Parque do Barreiro,  $F(2, 192) = 2,584$ ,  $p=0,078$ , as diferenças significativas encontram-se entre os utentes com o ensino superior e os com o ensino básico, sendo que os primeiros consideram este fator como sendo mais estimulante (4,79 vs 4,45).

Tabela 37.d – Teste de Tukey

ESCALÃO	N	Subset for alpha = 0.05	
		1	2
Ens. basico	60	4,4583	
Ens. Secundario	88	4,5767	4,5767
Ens. Superior	88		4,7955
Sig.		,616	,194

Quando analisado o Fator global no Parque Almada,  $F(2, 233) = 2,685$ ,  $p=0,072$ , as diferenças significativas encontram-se entre os utentes com o ensino superior e os com o ensino básico, sendo que os primeiros consideram este fator como sendo mais estimulante (71,25 vs 68,30).

Tabela 37.e – Teste de Tukey

ESCALÃO	N	Subset for alpha = 0.05	
		1	2
Ens. Basico	60	68,3000	
Ens. Secundario	88	69,3295	69,3295
Ens. Superior	88		71,2159
Sig.		,255	,185

Assim, verificámos algumas diferenças entre os Parques, no que se refere à Escolaridade, ainda que a tendência global seja a mesma, ou seja, maior valorização dos fatores ambientais dos sujeitos inquiridos, com maior escolaridade.

#### » Atividade Profissional

Quando analisamos a relação entre as atividades físicas e desportivas realizadas e a escala de autoperceção (tabela 39), observamos o seguinte: que os ativos valorizam mais os fatores ambientais (71,2 e 68,9) em ambos os parques, que os inativos (68,1 e 68,1). No entanto, isto é mais verdade em Almada do que no Barreiro, visto a diferença ser substancialmente maior aqui. No entanto, os fatores mais valorizados são diferentes em ambos os Parques

mas os mesmos entre os ativos e não ativos. Assim, o Fator Valores e atitudes é o mais valorizado entre os ativos e não ativos de Almada, sendo que o Fator Tecnológico e arquitetónico, também é muito valorizado, e sendo esse o fator mais valorizado entre os ativos e não ativos no Barreiro. Encontraram-se as seguintes diferenças estatisticamente significativas:

Tabela 38 – Atividade vs escala auto percepção

	Ativo		Não ativo		Sig.
	Média	Dp	Média	Dp	
<b>Almada</b>					
Fator Geográfico	3,7	0,5	3,6	0,5	0,604
Fator Arquitectonico	<b>4,8</b>	0,7	4,4	0,8	0,000 *
Fator Normativo	4,6	0,8	4,3	0,9	0,005 *
Fator Valores	<b>4,8</b>	0,8	<b>4,8</b>	0,8	0,790
Fator Global	71,2	8,3	68,1	8,8	0,005 *
<b>Barreiro</b>					
Fator Geográfico	3,5	0,6	3,7	0,6	0,012 *
Fator Arquitectonico	<b>4,8</b>	0,8	<b>4,6</b>	0,9	0,292
Fator Normativo	4,4	1,0	4,2	0,9	0,246
Fator Valores	4,6	0,8	4,5	1,0	0,349
Fator Global	68,9	10,0	68,1	9,3	0,583

\*  $p \leq 0,05$

No Parque de Almada e relativamente ao Fator Tecnológico e arquitetónico,  $t(235) = 3,697$ ,  $p=0,000$ , os utentes ativos consideram este fator mais estimulante do que os utentes não ativos (4,8 versus 4,4). Relativamente ao Fator Político e normativo,  $t(235) = 2,808$ ,  $p=0,005$ , os utentes ativos consideram este fator mais estimulante do que os utentes não ativos (4,6 versus 4,3). No Fator global,  $t(235) = 2,809$ ,  $p=0,005$ , os utentes ativos consideram este fator mais estimulante do que os utentes não ativos (71,2 versus 68,1), como já se testemunhou anteriormente.

No Parque do Barreiro o Fator geográfico,  $t(193) = -2,546$ ,  $p=0,012$ , os utentes não ativos consideram este fator mais estimulante do que os utentes ativos (3,7 versus 3,5), contrariando a tendência geral.

### 4.3.3 Comparação dos scores da escala autopercepção em ambos os Parques

#### » Comparação dos scores médios dos indicadores

Ambos os Parques conseguem scores (69.64; 68.6) que os colocam como espaços estimulantes para a prática de atividades físicas e desportivas. A diferença de um ponto na globalidade não é significativa. Atente-se no entanto, que na análise dos indicadores, temos uma ordem ligeiramente diferente quanto aos indicadores mais estimulantes. Assim, enquanto o indicador com maior média é o mesmo em ambos os Parques (Beleza geográfica; 5.28; 5.04) já o segundo indicador mais votado é diferente. Em Almada, o indicador “Acompanhamento por amigos” recebeu a pontuação média de 5,05, enquanto que no Barreiro o 2º e 3º fator mais votado foram, com o mesmo valor, “Localização geográfica” e a “Pista caminhada”. O terceiro fator com maior pontuação em Almada foi o “Localização geográfica” (4,97). Em Almada, o parque fica nos limites da malha urbana densa, do lado de lá da estrada, ou seja, grande parte dos utilizadores do Parque da Paz, fá-lo saindo da sua zona habitacional, a contrário do que acontece no Barreiro, em que todo o Parque é rodeado de habitações. Talvez isto explique a valorização do acompanhamento por amigos, no Parque da Paz em Almada.

Como fatores indiferentes, ou seja com valor inferior inclusivé a 4,32, encontramos em Almada a “Existência de Cartazes sobre AFD”, com o potencial de estimulação de 4,31, no Barreiro a “Existência de serviços de emergência” com 4,17 e a “Regulação do trânsito” com 4,18 e 4,25 em Almada. Apesar das diferenças observa-se alguma constância nos fatores relativamente ao seu potencial de estimulação.

	Parque	N	Média	Desvio padrão
<b>Chuva</b>	Barreiro	195	<b>1,84</b>	1,076
	Almada	237	<b>2,09</b>	1,097
<b>Poluicao</b>	Barreiro	195	<b>2,40</b>	1,318
	Almada	237	<b>2,26</b>	1,279
<b>Beleza Geográfica</b>	Barreiro	195	<b>5,04</b>	1,032
	Almada	237	<b>5,28</b>	,747
<b>Localização Geográfica</b>	Barreiro	195	<b>4,91</b>	1,075
	Almada	237	<b>4,97</b>	,983
<b>Pista</b>	Barreiro	195	<b>4,91</b>	1,139

	Almada	237	4,84	1,011
<b>Outros Equipamentos</b>	Barreiro	195	4,72	1,178
	Almada	237	4,50	1,288
<b>Estacionamento</b>	Barreiro	195	4,57	1,214
	Almada	237	4,59	1,100
<b>Beleza estruturas construidas</b>	Barreiro	195	4,65	1,022
	Almada	237	4,55	1,022
<b>Eventos AFD</b>	Barreiro	195	4,71	1,140
	Almada	237	4,70	1,113
<b>Cartazes AFD</b>	Barreiro	195	4,33	1,178
	Almada	237	4,31	1,117
<b>Serviços</b>	Barreiro	195	4,17	1,442
<b>Emergencia</b>	Almada	237	4,39	1,208
<b>Segurança</b>	Barreiro	195	4,36	1,531
<b>Publica</b>	Almada	237	4,61	1,266
<b>Regulação Trânsito</b>	Barreiro	195	4,18	1,241
	Almada	237	4,25	1,035
<b>Comportamento</b>	Barreiro	195	4,49	1,261
<b>Utilizadores</b>	Almada	237	4,70	1,011
<b>Acompanhamento</b>	Barreiro	195	4,83	1,046
<b>Amigos</b>	Almada	237	5,05	1,047
<b>Valor Atribuido</b>	Barreiro	195	4,49	1,123
<b>Parque pelos outros</b>	Almada	237	4,55	1,098

Tabela 39 – Comparação médias indicadores entre parques

Encontrámos as seguintes diferenças estatisticamente significativas:

*Tabela 40 – Comparação indicadores entre parques/ Teste de Mann-Whitney*

	Mann- Whitney U	Wilcoxon W	Z	Sig.
Chuva	19703,000	38813,000	-2,800	,005 *
Poluição	21597,000	49800,000	-1,214	,225
Beleza Geográfica	20671,500	39781,500	-2,033	,042 *
Localiza Geográfica	22581,500	41691,500	-,431	,666
Pista	21610,000	49813,000	-1,218	,223
Outros Equipamentos	20935,000	49138,000	-1,746	,081 **
Estacionamento	22968,500	51171,500	-,112	,911
Estruturas	22024,500	50227,500	-,875	,381
Eventos AFD	22876,000	51079,000	-,188	,851
Cartazes AFD	22655,000	50858,000	-,367	,714
Serviços emergência	21361,000	40471,000	-1,400	,161
Segurança Publica	21531,000	40641,000	-1,269	,205
Regulação Trânsito	22816,500	41926,500	-,235	,814

Comportamento				
Utilizadores	21250,500	40360,500	-1,500	,134
Acompanhamento amigos	19895,500	39005,500	-2,622	,009 *
Valor atribuído				
Parque pelos outros	22399,500	41509,500	-,570	,569

\*  $p \leq 0,05$       \*\*  $p \leq 0,10$

E assim, após análise estatística apresentada acima temos que relativamente ao Indicador “Chuva”,  $Z=-2,800$ ,  $p=0,005$ , os utentes do Parque do Barreiro consideram-na menos inibidora do que os utentes do Parque de Almada (1,84 vs 2,09). Talvez por, tendencialmente, estarem mais perto de casa, do que os utilizadores de Almada. Quanto à “Beleza geográfica”,  $Z=-2,033$ ,  $p=0,005$ , os utentes do Parque de Almada consideram-na mais estimulante do que os utentes do Parque do Barreiro (5,28 vs 2,09). Este valor coloca a “Beleza geográfica” como o único indicador que se poderá considerar muito estimulante, devendo esta à sua classificação obtida no parque de Almada. Efetivamente, o Parque de Almada tem um maior cuidado na aspeto estético, não só por ser uma efetiva obra de arquitetura paisagística, da autoria de Sidónio Pardal, mas porque toda a sua conceção é norteada para o visitante, tentando surpreendê-lo em cada recanto. Quanto a “Outros equipamentos”,  $Z=-1,746$ ,  $p=0,081$ , os utentes do Parque do Barreiro consideram-nos mais estimulante do que os utentes do Parque de Almada (4,72 vs 4,50). Poderá dever-se ao facto de o Parque do Barreiro possuir equipamento desportivo e não só, diverso, em alguma quantidade, ao passo que o de Almada não tem nenhum equipamento desportivo. Já o “Acompanhamento de amigos”,  $Z=-2,622$ ,  $p=0,009$ , os utentes do Parque de Almada consideram-nos mais estimulantes do que os utentes do Parque do Barreiro (5,05 vs 4,83). Mais uma vez, observamos que, porventura, a distância média dos utilizadores às suas habitações é maior em Almada, adicionando ao facto de o Parque da Paz (Almada) poder ser mais longínquo e solitário, em determinadas alturas e por causa da sua dimensão, pelo que nos parece natural a valorização de um círculo social de apoio às deslocações ao parque.

## » Comparação scores médios sobre os fatores agrupados

Confirma-se que o Fator Geográfico é o que parece ser o mais votado, tanto pelos indicadores que são definidos como inibidores pela maior parte dos utilizadores, como pelos indicadores mais estimulantes. Assim, temos em ambos os Parques praticamente os mesmos valores para cada um dos fatores, sendo que em ambos os Parques o Fator Geográfico é o fator com menor score. Lembremos que este fator agrupado, passa a ser o menos estimulante, apesar de ter os indicadores mais pontuados (Beleza e Localização Geográfica). Deste modo, observa-se uma diferença no fator agrupado com maior score. Enquanto que em Almada o Fator Valores e atitudes (4,77) foi o mais pontuado, no Barreiro foi o Fator Tecnológico e arquitetónico (4,71).

Tabela 41 – Parques vs escala auto percepção

	Barreiro		Almada		Sig.
	Média	Dp	Média	Dp	
Fator Geográfico	3,54	0,61	3,65	0,53	0,052 **
Fator arquitetónico	<b>4,71</b>	0,84	4,62	0,80	0,236
Fator Normativo	4,35	0,95	4,45	0,87	0,247
Fator Valores	4,60	0,87	<b>4,77</b>	0,77	0,036 *
Fator Global	68,58	9,71	69,65	8,68	0,237

\*  $p \leq 0,05$       \*\*  $p \leq 0,10$

Encontraram-se as seguintes diferenças significativas, no Fator Geográfico,  $t(430) = -1,946$ ,  $p=0,052$ , os utentes do parque de Almada consideram este fator mais estimulante do que os utentes do parque do Barreiro (3,65 versus 3,54). No Fator Valores e atitudes,  $t(430) = 2,137$ ,  $p=0,001$ , os utentes do parque de Almada consideram este fator mais estimulante do que os utentes do parque do Barreiro (4,77 versus 4,60).

Assim, confirma-se o estipulado para a hipótese 1, aceitando-se a mesma.

## 5. CONCLUSÃO

Com o presente estudo pretendeu-se saber de que forma é percebido o ambiente físico em espaços verdes urbanos, identificando e comparando os fatores ambientais inibidores e estimuladores de práticas físicas em espaços diferenciados. Assim, tentamos perceber qual a melhor configuração física a dar a estes espaços de maneira a que estes se tornem atrativos, para a prática de atividades físicas informais. Realizámos um enquadramento teórico, onde introduzimos o espaço verde urbano, como elemento fundamental de uma outra realidade que é a Cidade. Um dos objetivos neste ponto, foi verificar de que forma a literatura trata estes espaços como elementos com função social e de que maneira, esta função social é predominante sobre as outras. Ficámos com a ideia de que da mesma maneira que o desporto, nomeadamente os técnicos autárquicos (pois é esta a identidade que gere a grande parte destes equipamentos), ainda não considera estes espaços, como elementos fundamentais para a elevação geral dos índices de condição física de uma dada população, contribuindo dessa maneira para a saúde dessa mesma população, os outros técnicos autárquicos que os gerem, como arquitectos paisagistas ou outros, continuam a não dar, na nossa opinião, a importância suficiente à função social, nem ao corpo que permite cumprir essa função.

Com base nos estudos dos vários autores referidos, definimos o objeto de estudo. Assim, para este objeto de estudo foram colocadas as seguintes hipóteses:

H1 – As características sociodemográficas influenciam a percepção sobre os fatores ambientais para a prática de atividade física.

H2 – As características diferenciadas dos dois espaços influenciam a percepção sobre os fatores ambientais para a prática de atividade física.

## 5.1 Perguntas de Partida

No início deste trabalho enumerámos algumas questões pelo que tiraremos conclusões após breve síntese de respostas às perguntas feitas.

Assim:

### 1. De que forma os utilizadores percebem as características ambientais físicas e sociais existentes no parque que podem facilitar ou impedir a realização de atividades físicas?

O fator geográfico é onde se encontra os mais e menos votados. Assim, a “Chuva” (1,98) e a “Poluição” (2,32) encontram-se como os únicos indicadores inibidores encontrados. Como indicadores estimulantes encontra-se a “Beleza geográfica” (5,17), único fator considerado como muito estimulante, o “Acompanhamento dos amigos” (4.95) e a “Localização Geográfica” (4.94). Todavia, outros factores nos aparecem como estimulantes como a “Existência de pista” (4.88), “Outros equipamentos” (4.6), “Beleza arquitectónica das estruturas construídas” (4.59) e “Existência de Estacionamento” (4.58). Ou seja, todo o Fator Tecnológico e arquitectónico é estimulante e será onde os técnicos da área de desporto poderão atuar.

Quando agrupados o Fator Geográfico será o fator com menos potencial de estimulação (3,6), sendo o Fator Valores e atitudes (4,69), seguido de muito perto pelo Fator Tecnológico e arquitectónico (4,61). Os indicadores identificados por nós são, em grande medida, os mesmos que outras investigações identificaram. Assim, todos os estudos, identificam a “Chuva” e a “Poluição” como sendo os únicos factores inibidores, e todos os estudos, embora ordenados de maneira diferente, encontram como estimulantes, os factores já identificados, com especial relevo para a “Beleza” e a “Localização Geográfica”, “Pista”, “Beleza arquitectónica das estruturas construídas”. Também se observa uma presença grande em quase todos os estudos, Reis (2001), Silva (2009) e Petroski (2009), do indicador “Apoio e incentivo de amigos” e “Valor atribuído ao parque pela comunidade”.

### 2. Que correlação entre percepção do ambiente para a realização de atividades físicas e desportivas e as características sociodemográficas?

Relativamente ao **Género**, esta parece influenciar de forma significativa a percepção. Assim, podemos resumir essas diferenças:

Os homens consideram o Fator geográfico mais estimulante do que as mulheres (3,67 versus 3,56). As mulheres consideram o Fator arquitetônico, mais estimulante do que os homens (4,75 versus 4,52). As mulheres consideram Fator normativo, mais estimulante do que os homens (4,51 versus 4,24).

Na globalidade as mulheres consideram todos os fatores como mais estimulante do que os homens (69,84 versus 68,07). Não temos elementos de outros estudos que nos permitam comparar estes resultados.

### **Idade**

Esta parece influenciar de forma significativa a percepção. Assim, podemos resumir essas diferenças:

No Fator geográfico, os sujeitos do escalão 56-65 anos e os dos escalões 26-35 anos, sendo que os primeiros consideram este fator como sendo mais estimulante (3,71 vs 3,48). No Fator tecnológico e arquitetônico, as diferenças significativas encontram-se entre os sujeitos do escalão 36-45 anos e os do escalão até 15 anos, sendo que os primeiros consideram este fator como sendo mais estimulante (4,9 vs 4,3). Fator político e normativo, os sujeitos do escalão 25-64 anos e os do escalão + 64 anos, sendo que os primeiros consideram-no como sendo mais estimulante (4,49 vs 4,02). No Fator valores e atitudes, as diferenças significativas se encontram entre os sujeitos do escalão 16-25 e os do escalão 56-65 anos, sendo que os primeiros consideram este fator como sendo mais estimulante (4,87 vs 4,36).

Na globalidade, as diferenças significativas se encontram entre os sujeitos do escalão 36-45 e os do escalão 56-65 anos, sendo que os primeiros consideram este fator como sendo mais estimulante (72,61 vs 66,48). A percepção foi associada com a Idade em diversos estudos, nomeadamente pelo estudo de Reis (2001) e Silva (2009), em que ambos encontraram associação com o indicador “Beleza geográfica” (Fator geográfico) e “Existência serviços emergência” (Fator político normativo).

### **Estado civil**

As diferenças encontram-se somente no Fator tecnológico e arquitetônico entre os divorciados e os solteiros, sendo que os primeiros

consideram este fator como sendo mais estimulante (4,89 vs 4,55). Apesar de esta existir, parece-nos de pouca influência a variável estado civil.

### **Escolaridade**

Quando se analisa o efeito da escolaridade nos fatores inibidores/estimuladores da prática de atividades físicas encontram-se as seguintes diferenças estatisticamente significativas:

Fator tecnológico e arquitetónico, as diferenças significativas se encontram entre os utentes com o ensino superior e os com o ensino básico, sendo que os primeiros consideram este fator como sendo mais estimulante (4,82 vs 4,50).

Fator político e normativo, que as diferenças significativas se encontram entre os utentes com o ensino superior e os com o ensino básico, sendo que os primeiros consideram este fator como sendo mais estimulante (4,58 vs 4,22).

Fator global, as diferenças significativas se encontram entre os utentes com o ensino superior e os com o ensino básico, sendo que os primeiros consideram este fator como sendo mais estimulante (4,58 vs 4,22).

Consideramos, face a estes resultados, que a escolaridade influencia a perceção, principalmente nos Fatores tecnológico e arquitectónico, e no Fator político e normativo.

### **Classe Social**

Não encontramos diferenças estatisticamente significativas. A pertença a uma classe social específica não influencia significativamente a perceção dos Fatores inibidores/estimuladores da prática de atividades físicas e desportivas. Talvez pelo fato de a amostra ser composta maioritariamente por três grupos sociais, não permita obter resultados conclusivos.

### **Atividade Profissional**

Quando se analisa o efeito da atividade profissional, sendo que dividimos as respostas entre quem é Ativo profissionalmente e não ativo, nos fatores inibidores/estimuladores da prática de atividades físicas encontram-se as seguintes diferenças estatisticamente significativas:

Fator tecnológico e arquitetónico, os utentes ativos consideram este fator mais estimulante do que os utentes não ativos (4,78 versus 4,51). Fator político e

normativo, os utentes ativos consideram este fator mais estimulante do que os utentes não ativos (4,51 versus 4,27). Fator global, os utentes ativos consideram este fator mais estimulante do que os utentes não ativos (70,03 versus 68,07).

### **3. Que correlação entre percepção do ambiente e a realização de atividades físicas e desportivas ?**

Não encontramos diferenças estatisticamente significativas. A realização de Atividades físico-desportivas não influencia significativamente a escala de autopercepção. Estes resultados contradizem os encontrados, nomeadamente por Reis (2001), onde este encontrou resultados diferentes, nos indicadores “Poluição”, “Pista”, “Beleza geográfica” e “Outros Equipamentos”, entre utilizadores activos e sedentários. No entanto, Petroski refere não ter encontrado diferença entre utilizadores, independentemente do EMC, relativamente à percepção, entre activos e sedentários. Mais estudos serão necessários, para perceber a influência desta variável na percepção.

### **4. Que correlações entre percepção do ambiente para a realização de atividades físicas e desportivas e o tipo de atividade?**

A atividade física parece não influenciar muito a percepção, havendo somente a registar influência sobre o Fator tecnológico e arquitectónico, onde as diferenças significativas se encontram entre os utentes que praticam marcha ou fitness e os que praticam bola, sendo que os primeiros consideram este fator como sendo mais estimulante (4,79 e 4,76 vs 4,33). A marcha permite observar o espaço, comparando com os que praticam “jogos com bola”, pelo que poderá ser uma consequência da possibilidade de “ouvir e escutar” o espaço, valorizando os elementos físicos como “Pista e “outros equipamentos”. Deste modo, sendo o Fator Tecnológico e arquitectónico o fator onde estão os indicadores relacionados com a realização de actividades físicas e desportivas, nomeadamente, a “Pista” e “Outros equipamentos”, parece lógico ser este o fator mais afectado pela variável “tipo de AFD”.

### **5. Que correlações entre percepção do ambiente para a realização de atividades físicas e desportivas e os motivos de deslocação ao parque?**

Quando se analisa o efeito dos motivos da deslocação ao parque nos fatores inibidores/estimuladores da prática de atividades físicas e relativamente, somente, ao Fator Tecnológico e arquitetónico, os utentes que se deslocam ao parque para relaxar consideram este fator mais estimulante do que os utentes que se deslocam ao Parque para estar com as crianças (3,66 versus 3,47). Mais uma vez, observamos que a actividade que melhor permite a integração da pessoa no ritmo do próprio parque, provoca uma maior valorização dos elementos constantes do mesmo, do que em actividades onde o utilizador, está permanentemente a “tomar conta das crianças”, não podendo por isso, absorver as informações que os elementos que compõem o Parque, transmitem.

## **6. Que diferenças encontradas entre a percepção do ambiente para a realização de atividades físicas e desportivas em ambos os espaços?**

Os utentes do parque de Almada consideram o Fator Geográfico mais estimulante do que os utentes do parque do Barreiro (3,65 versus 3,54). Para o fator Fator Valores e atitudes, os utentes do parque de Almada consideram este fator mais estimulante do que os utentes do parque do Barreiro (4,77 versus 4,60). Já observámos anteriormente, que nos parece que o Parque da Paz (Almada), por ter um maior cuidado nos aspectos estéticos e paisagísticos, valoriza ele próprio a “Beleza geográfica”, tendo sido este classificado pelos inquiridos, como o único fator muito estimulante encontrado, fato que deverá ter contribuído para o resultado encontrado. Já relativamente ao Fator Valores e atitudes, reforçamos a ideia de que a distância média percorrida para aceder ao Parque é maior em Almada do que no Barreiro, fato que poderá ter contribuído para a valorização do aspecto social, precisamente em Almada.

## **5.2 Comparação Resultados Parques**

### **5.2.1 Comparação dos scores dos fatores individuais**

Ambos os Parques conseguem scores (69.64; 68.6) que os colocam como espaços estimulantes para a prática de atividades físicas. Enquanto o indicador com maior score é o mesmo em ambos os Parques (Beleza geográfica; 5.28; 5.04) já o segundo mais votado é diferente. Em Almada, o indicador “Acompanhamento por amigos” recebeu o score de 5,05, enquanto

que no Barreiro o 2º e 3º fator mais votado foram, com o mesmo score, “Localização geográfica” e a “Pista caminhada”. O terceiro fator com maior score em Almada é a “Localização geográfica” (4,97). Referimos, novamente que o fato de o Parque de Almada ser mais isolado e tendencialmente, mais longe das habitações, poderá contribuir para a explicação da valorização do aspecto social em Almada.

### 5.2.2 Comparação dos scores dos fatores agrupados

Confirma-se que o fator geográfico é o mais votado, tanto pelos fatores que são definidos como inibidores pela maior parte dos utilizadores, como pelos fatores mais estimulantes. Assim, temos em ambos os Parques praticamente os mesmos valores para cada um dos fatores, sendo que em ambos os Parques o fator geográfico é o fator com menor score.

Deste modo, observa-se uma diferença no fator agrupado com maior score. Enquanto que em Almada o Fator Valores e atitudes (4,77) foi o mais pontuado, no Barreiro foi o Fator Tecnológico e arquitetónico (4,71).

## 5.3 Conclusões Gerais (resumo)

Sinteticamente poder-se-á concluir, que os únicos fatores individuais inibidores são a “Chuva” e a “Poluição”. Por outro lado, os mais estimulantes para a prática de atividades físicas são a “Beleza geográfica”, o “Acompanhamento do amigos” e a “Localização geográfica”. Estes valores são confirmados pela literatura existente, sendo que os indicadores identificados são os mesmos, alterando-se a sua valorização, conforme o estudo em causa. Relativamente aos fatores agrupados o score mais elevado pertence aos Valores e atitudes, sendo que o Fator Tecnológico e arquitetónico conseguiram um score muito próximo (4,69; 4,61). A influência dos aspectos sociais é aqui colocada de forma muito clara e parece que colocada relativamente aos aspectos da deslocação e das distâncias a percorrer até ao Parque. Assim, quanto maior a distância das habitações ao parque mais será valorizado o aspecto do acompanhamento.

Em relação à influência das características sociodemográficas sobre a perceção, encontrámos diferenças estatísticas significativas, confirmando-se a influência das mesmas (hipótese 1), nomeadamente o Género, a Idade, o

Estado civil, a Escolaridade, e a Atividade profissional. A única característica sociodemográfica que, parece, não influencia a percepção é a Classe Social.

Relativamente às diferenças que se esperariam encontrar entre quem faz atividade física e quem não faz, as mesmas não se verificaram, concluindo que a realização de atividades físicas e desportivas não influencia a percepção dos fatores ambientais determinantes para a prática de atividades físicas.

Já o tipo de atividades físicas realizadas influencia parcialmente a percepção. Somente o Fator Tecnológico e arquitetónico é influenciado pelo tipo de atividade física. Os motivos de deslocação ao parque influenciam a percepção sobre o mesmo fator.

Na comparação dos resultados em ambos os espaços, somos a observar que na globalidade a percepção não sofre grandes alterações, visto que ambos os espaços, receberam aproximadamente o mesmo score (69,64; 68,6). No entanto na comparação dos indicadores e dos fatores, encontramos diferenças estatisticamente significativas, o que nos leva a confirmar e a verificar a hipótese 2.

Este é o ponto fundamental deste estudo, pois além de ainda não ter sido colocado (o espaço) como uma variável que poderia influenciar a escala de autopercepção, verificámos que as características do espaço influenciam de forma determinante, a percepção sobre os mesmos. Resgatamos uma das afirmações de Lefebvre, em que este alude à primazia e à influência do concebido, sobre o vivido (ver p. 7). Deste modo, atesta-se a importância de quem desenha os espaços verdes urbanos.

Concluimos, referindo e reafirmando a importância fundamental destes espaços para a contribuição e elevação da qualidade de vida das populações, seja através da sua contribuição para a qualidade do ar, da redução do nível de ruído, da redução do efeito de “ilha de calor”, etc., como seja possibilitando a realização de práticas de Lazer variadas, sendo as físicas e desportivas uma dessas possibilidades, num meio físico (ambiente) confortável, apelativo e estimulante. Sendo os espaços de práticas físicas e desportivas informais nas nossas Cidades, compostos maioritariamente por espaços verdes urbanos, mas não só, incluiríamos aqui paredões, pistas nas “marginais”, etc. cremos que a infra-estruturação da década de 90, apoiada, nos apoios europeus e que deu os resultados conhecidos no desenvolvimento desportivo português, fosse

de algum modo complementado pelo investimento em espaços livres, acessíveis, desformatados, possibilitando e contribuindo para o desenvolvimento de respostas complementares ao sempre e ainda, número reduzido de participação desportiva da população portuguesa.

#### **5.4 Recomendações**

Intuímos desde o início de que um Parque Urbano, da Cidade ou outra forma classificativa não se torna (também mas não só) espaço de práticas desportivas informais de qualquer maneira. Os jardins das décadas de 40 e 50 não respondem por impossibilidades de desenho, a essa aspiração. Pelo que a pergunta se manteve, como são constituídos fisicamente parques apelativos à prática de atividades físicas e/ ou desportivas informais. Os novos Parques Urbanos apesar de terem outra arquitetura respondem plenamente às novas solicitações do Corpo? Foi no intuito de contribuir para esta resposta que realizámos este trabalho. E a nossa resposta após a realização deste é: ainda não! Parece-nos de extrema importância realizar trabalhos que aprofundem esta relação entre o ambiente e a apelatividade destes para o movimento. Não se trata de colocar equipamentos de recreio ou desportivos nestes espaços. Trata-se de entender se uma arquitetura virada para o Corpo, é igual a uma arquitetura que não o contempla, ou que o subalterniza relativamente a outros aspectos, nomeadamente, os aspectos bioclimáticos, ou mesmo se em alguns casos, a arquitetura dos espaços não foi o alfa e o ómega, o fim último, em diálogos conceptuais e simbólicos não acessíveis à maioria dos seus utilizadores e que de alguma maneira impossibilita o livre usufruto destes.

Perguntamos, os espaços verdes urbanos e os espaços de práticas desportivas informais podem ser o mesmo espaço físico ainda que sejam espaços sociais diferentes? Deverão. Como é o que recomendamos que se investigue.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- » Bento, J.O. (2009). Acerca da conjuntura corporal: Desporto vs. Atividade Física. In Constantino, J. M. & Bento, J.O., *O Desporto e o Estado, Ideologias e Práticas*. (pp. 161-214). Porto. Afrontamento.
- » Bento, J.O., (1995). *O outro lado do desporto*. Campo das Letras Editores
- » Carvalho, G.S. (2006). Criação de Ambientes Favoráveis para a Promoção de Estilos de Vida Saudável in Pereira, B.O. & Carvalho, G.S., *Atividade Física, Saúde e Lazer. A Infância e estilos de Vida Saudável*. Edições Lidel
- » Chiesura, A. (2004) – The Role of Urbans Parks for the sustainable city. *Landscape and urban planning* n.º 68. (p. 129 – 138).
- » Cruz Lopes & Castro, Pedro. (2009) Espaços Verdes nas Cidades Médias da Região Norte. Ensaios tipológicos e indicadores sustentáveis. In *Livro de Atas da Conferência Qualidade do Ambiente Urbano: Novos desafios*. Instituto Politécnico de Bragança. (p. 16 – 23)
- » Cunha, L., (2003). *O Espaço, o Desporto e o Desenvolvimento*. Edições FMH
- » Cunha, L., (2007). *Os Espaços do Desporto – Uma gestão para o desenvolvimento humano*. Edições Almedina
- » Direção Geral Ordenamento Território. (1992). *Espaços Verdes Urbanos*
- » Gomes, R. (2005). *Os Lugares do Lazer*. Lisboa Instituto Desporto Portugal.
- » Gomes, R. (2009). “El ocio y el deporte en la época del turismo global”. *Revista Apunts*. N.º 97, 36-45.
- » Lefebvre, H., (1974). *The Production of space*. Blackwell Publishing

- » Maluf, C. (2008). Espaço, tempo e lugar. *Revista do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP*. n.º 23, 1-8
- » Marivoet, S., (2001). *Hábitos Desportivos da população portuguesa*. Instituto Nacional de Formação e Estudos do Desporto. Lisboa.
- » Matos et al (2005) – *Parque urbano e estratégias de bem-estar nas cidades médias” - em Portugal continental. o caso de Penafiel*. - X Colóquio Ibérico de Geografia, Évora
- » Ouriques, H. (2001). O urbano como libertação – uma leitura sobre Lefebvre. *Revista Formação – Edição Especial*. n. 13 (2), 73-78
- » Pardal, S. (1997). *Parque da Cidade de Almada – arquitetura de uma Paisagem*. Câmara Municipal de Almada/ CESUR – UTL
- » Petroski et al, (2009). Estágio de mudança de comportamento e percepção positiva do ambiente para atividade física em usuários de parque urbano. *Revista Motricidade*. Fundação Técnica e Científica do Desporto. 2009. nº 5 (2). 17-31
- » Rêgo, G. (2008). *A percepção e a toponímia dos cidadãos para com o património natural inserido no ambiente urbano: o caso da cidade de Coimbra*. Dissertação de Mestrado em Geografia - Ordenamento do Território e Desenvolvimento. Faculdade de Letras. Coimbra
- » Reis, R.S., (2001). *“Determinantes Ambientais para a realização de atividades físicas nos Parques Urbanos de Curitiba”*. Dissertação de Mestrado. Centro de Desportos da Universidade Santa Catarina.
- » Reis, R.S.; Nascimento, J.V.; Petroski, E.L., (2002). “Escala de auto percepção do ambiente para a realização de atividades físicas”. *Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde*, v. 7, n. 2, 14-23.

- » Rodrigues, E., (2006), Espaços de Turismo e de lazer urbanos – uma leitura geográfica. *Aportes e Transferencias*, Vol. 10, Núm1, 22-34. <http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=27610103>
- » Sallis, J.; Owen, N., (1997), *Ecological Models*. In Glanz, K., Lewis, F.M., Rimer, B.K. *Health Behaviour and health education: Theory, Research and Practice*. Jossey-Bass. 403-424.
- » Santana, P.; Costa, C.; Santos, R. & Loureiro, A. (2009) Creating a City: Amadora – Healthy and Active. *II International Conference on Sustainability Measurement and Modelling*; Terrassa, Espanha
- » Santana, P.; Costa, C.; Santos, R. e Loureiro, A., (2010) "O papel dos Espaços Verdes Urbanos no bem-estar e saúde das populações", *Revista de Estudos Demográficos*, nº48. 5-33.
- » Santana, P.; Costa, C.; Santos, R.; Loureiro, A. & Almendra, R. (2009) Os Sistemas de Informação Geográfica no Planeamento e Gestão da Saúde. A Avaliação da Qualidade Ambiental dos Espaços Verdes Urbanos no Bem-Estar e na Saúde. In *Livro de Atas da Conferência Qualidade do Ambiente Urbano: Novos desafios*. Instituto Politécnico de Bragança. 9-15
- » Santana, P.; Nogueira, H.; Rita, S., (2008) "Comunidades Sustentáveis: Impacte do Contexto Social e Material no Aumento de Peso e Obesidade", *Revista Brasileira de Ciências Ambientais*, nº 11 - "Indicadores para Desenvolvimento Sustentável: o Desafio de Medir", Dezembro, São Paulo.
- » Silva, D, Petroski, E., Reis, R. (2009). "Barreiras e facilitadores de atividades físicas em frequentadores de parques públicos". *Revista Motriz*, UNESP, 2 (15), 219-227
- » Stokols, D. (1992). Establishing and maintaining healthy environments: Toward a social ecology of health promotion. *American Psychologist*, nº47(1), 6–22.

» Tendais, I. (2008). “O papel do ambiente na promoção da atividade física” in Pereira, B.O. & Carvalho, G.S., *“Atividade Física, Saúde e Lazer. Modelos de Análise e Intervenção”* Edições Lidel